

SÔNIA CRISTINA FERREIRA MAIA (Org.)



FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA DO PROFISSIONAL DE LAZER

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
FERNANDO HADDAD

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
ELIEZER PACHECO

DIRETOR GERAL
FRANCISCO DAS CHAGAS DE MARIZ FERNANDES

DIRETOR DA UNIDADE SEDE
ENILSON ARAÚJO PEREIRA

DIRETOR DA UNED-MOSSORÓ
CLÓVIS COSTA DE ARAÚJO

DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO
JUSCELINO CARDOSO DE MEDEIROS

DIRETOR DE ENSINO
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

DIRETOR DE PESQUISA
JOSÉ YVAN PEREIRA LEITE

DIRETOR DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS E COMUNITÁRIAS
LIZNANDO FERNANDES DA COSTA

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
AURIDAN DANTAS DE ARAÚJO

COORDENADOR DA EDITORA
SAMIR CRISTINO DE SOUZA

ARTE DA CAPA
FERNANDO JOSÉ RODRIGUES DE MOURA

CONTATOS
Editora do CEFET-RN
Av. Sen. Salgado Filho, 1559, CEP 59015-000
Natal-RN. Fone: (0XX84) 4005-2668, 3215-2733
E-mail: dpeq@cefetrn.br

Formação e Experiência do Profissional de Lazer
Copyright 2005 da Editora do CEFET-RN

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do CEFET-RN.

Divisão de serviços Técnicos
Catálogo da publicação na fonte.
Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – CEFET/RN

Formação e Experiência do Profissional de Lazer / organizadora, Sonia Cristina Ferreira Maia. - ____ Natal: Editora do CEFET-RN, 2005.

ISBN 85 – 89571 – 08 – 4

Conteúdo 1. Lazer. 2. Formação Profissional. 3. Educação. I. Vasconcelos, Ana Karoliny da Cruz. II. Cruz, Sara Rebeca Domingos. III. Nascimento, Letícia Rozana Silva do. IV. Souza, Jeffersiane Letieri Marinho de. V. Granja, Veruska de Araújo Vasconcelos. VI. Rocha, Juliana Dantas. VII. Fernandes, Henrique José Concetino. VIII. Trindade, Driele Cendon Trindade. IX. Maia, Gizelda Lúcia dos Santos. XI. Título.

CDD – 370.71

CEFET/RN/BSF

CONTATOS

Editora do CEFET-RN

Av. Sen. Salgado Filho, 1559, CEP 59015-000

Natal-RN. Fone: (0XX84) 4005-2668, 3215-2733

E-mail: dpeq@cefetrn.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O PROFISSIONAL DO LAZER E O PROJETO AUTOFORMATIVO

Sonia Cristina Ferreira Maia

O PROFISSIONAL DE LAZER DO CEFET/RN: CONHECENDO E DESMISTIFICANDO SUA ÁREA DE ATUAÇÃO

Ana Karoliny da Cruz Vasconcelos/Sonia Cristina Ferreira Maia

TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO DOS ALUNOS DO CURSO TECNOLÓGICO DE LAZER E QUALIDADE DE VIDA – CEFET/RN

Sara Rebeca Domingos da Cruz

LAZER PARA OS BOLSISTAS DO CEFET/RN: UMA PROPOSTA POSSÍVEL

Letícia Rozana Silva do Nascimento

APOSENTADORIA E UM NOVO PROJETO DE VIDA: UM OLHAR DO PROFISSIONAL DO LAZER

Jeffersiane Letieri Marinho de Souza

LAZER E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO

Veruska de Araújo Vasconcelos Granja

O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA E O LAZER NA TERCEIRA IDADE

Juliana Dantas Rocha

EDUCAÇÃO DO OLHAR. O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Henrique José Cocentino Fernandes

LAZER E HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR

Driele Cendon Trindade/Gizelda Lúcia dos Santos Maia

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma obra que compõe artigos de profissionais com graduação em Lazer e Qualidade de Vida, formados no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte –CEFET/RN. Área está em franco desenvolvimento em nosso Estado.

Com a preocupação de permanecer viva a relação com o mercado de trabalho e a comunidade científica é que o CEFET/RN busca, em mais uma de suas atividades, contribuir com essa publicação, divulgando as possibilidades de atuação do Tecnólogo em Lazer e Qualidade de Vida no Estado do Rio Grande do Norte.

Na perspectiva a que se propõe o trabalho do profissional de lazer a partir dos valores da criação como a ludicidade, a sensibilidade e a criatividade, vale reporta-se a formação desse profissional que trata no início de sua constituição de um saber socialmente produzido, porém com poucas iniciativas foi-se constituindo institucionalmente.

Diante dessa formação profissional multifacetada, levanta-se a reflexão de como as Universidades e Instituições qualificadas para tal, podem montar seus currículos de formação que possam refletir essa sensibilidade, ludicidade e criatividade nos seus cursos de lazer, nas atribuições das competências exigidas à esses profissionais que trabalham com o desenvolvimento de pessoas.

Ocorreu nos últimos anos investimentos financeiros e de ações sociais na esfera do lazer tornando o campo promissor para atuação desse profissional, que no momento precisa de uma capacitação de qualidade para atender as exigências

sociais. Para isso, a comunidade científica da área juntamente com as instituições acadêmicas tomam algumas iniciativas na constituição formal desse profissional.

Compreender a formação desse profissional sob o olhar dessas características relatadas é um desafio enorme para as instituições de formação. Tendo em vista que precisaria mudar o ambiente de pensar à Universidade e seus membros, como relata uma experiência de Dumazedier (1977) ao relatar sobre o lazer, a educação permanente e o desenvolvimento da cultura na qual ele enfatiza que as inovações e investigações educacionais são mal compreendidas e conseguem pouca cooperação. Então os inovadores a cada ano ficam apresentando metodologias para superar dificuldades porém conseguem pouca adesão. Diante do exposto é que os desafios são visualizados na formação de um profissional que desenvolva a criatividade, a ludicidade e a autoformação em suas vidas para poder proporcionar um ambiente favorável para as pessoas com as quais vão trabalhar e que tenham o processo de desenvolvimento individual e coletivo.

Por isso, deve-se pensar a formação do profissional de lazer no Brasil, a articulação da autoformação do Ser, o processo educativo ao longo da vida e a inserção desse profissional no mercado de trabalho. Mais um profissional que possa traduzir o aprendizado constituído nas competências visualizadas em seus currículos com sua prática criativa, lúdica de formar a sensibilizar as pessoas com as quais vão trabalhar e que possa com isso seduzi-las para o processo autoformativo. Essas pessoas precisam visualizar seus momentos de experiências máximas em sua vidas para se ter consciência de suas potencialidades enquanto ser humanizados socialmente.

FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DO LAZER

Sonia Cristina Ferreira Maia*

INTRODUÇÃO

Se a ênfase do processo educacional está no indivíduo, no sujeito coletivo, na aprendizagem, na construção do conhecimento, no desenvolvimento da compreensão, na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, então a educação, usando ou não as novas instrumentações, deverá estar voltada para o desenvolvimento humano como fator mais importante neste momento de transição, como argamassa principal de um processo de transformação que não significa apenas uma grande mudança, mas sim, uma transformação radical que afetará cada um de nós e as próximas gerações. Isto porque sabemos que as nossas decisões pessoais, as nossas escolhas, nossos pensamentos e nossas ações afetam, não apenas o comportamento de cada um, mas também o comportamento dos indivíduos que interagem conosco. E a curto, médio e longo prazos, nossos padrões comportamentais poderão também interferir nos ambientes em que vivemos, na evolução da espécie humana e na própria vida do planeta.

De acordo com Moraes (1997), uma nova educação para a era das relações requer que a inteligência, a consciência e o pensamento, assim como o conhecimento, seja visto, como estando em processo, em continuidade, e que o produto resultante de cada uma dessas atividades nunca estará completamente pronto e acabado, mas num movimento permanente de “vir a ser”, assim como o movimento das marés constituído de ondas de reflexão que se desdobram em ações, e que se dobram e se concretizam em novos processos de reflexão sobre as ações desenvolvidas. É um movimento recursivo de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação. Requer a reflexão crítica sobre a práxis histórica.

Em conformidade com a construção dos saberes pelo Ser, Petraglia (1995) leva-nos a refletir sobre o pensamento Moriniano, no compromisso de desfazer os nós do preconceito da teoria do conhecimento. Sugerindo uma reflexão do ser e do saber pela via da complexidade. Na afirmação de Morin, citado por Petraglia, (ibid 1995, p. 42):

*Profa. do curso de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida – CEFET/RN

O regresso ao começo não é um círculo vicioso se a viagem, como hoje a palavra trip indica, significa experiência, donde se volta mudado. Então, talvez tenhamos podido aprender a aprender aprendendo. Então, o círculo terá podido transformar-se numa espiral onde o regresso ao começo é, precisamente, aquilo que afasta do começo.

Essa viagem de ida e volta para aperfeiçoar o aprendido, leva-nos a refletir sobre nós mesmos e a nossa participação na sociedade aprendente e permite a compreensão do inacabado no ser. Dessa forma, o estudo limita-se a investigar a autoformação do profissional do lazer que se encontra metamotivado a construir o caminho dessa viagem.

O objetivo do estudo direciona-se na construção de saberes da formação e o projeto autoformativo do profissional do lazer. Para limitação das abordagens do estudo foram traçadas as seguintes categorias: saberes da formação, projeto autoformativo e os desafios da prática educativa no lazer.

Como destaca Borges (1998), os saberes oriundos da experiência do profissional do lazer, que é elemento essencial na sua autoformação como também a formação, não pode ser ignorados na constituição dos currículos. Mesmo porque a experiência é um saber próprio do profissional. É o saber construído na relação/integração do sujeito com a pluralidade dos saberes disponível. Nesse contexto, problematiza-se as reflexões traçadas na disciplina Lazer, Corpo e Sociedade, ministrada no Curso Superior de Lazer e Qualidade de Vida do CEFET/RN, que tem como competência identificar o embasamento teórico sobre o conhecimento que trata o corpo, articulando as relações existentes com o lazer no processo de humanização e a sociedade moderna, privilegiando os entornos sociais. Ainda nessa problematização, ressalta-se o desembocar das reflexões feitas com os alunos, na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I).

Como recursos metodológicos viabilizam-se a abordagem etnometodológica, que ressalta a estruturação dos saberes construído por esses profissionais que se encontra em processo de crescimento e sua aplicação no contexto concreto de sua ação prática estruturada, os quais devem possuir um repertório de rotinas de sua ação.

A abordagem etnometodológica busca evidenciar a relação subjetiva que o profissional estabelece com as suas diversas interfaces de seu trabalho e como acontece a intervenção na constituição dos saberes no exercício de sua prática profissional que se apoiam na observação participante. Na situação e no contexto que serão gerados saberes e práticas que ganharam relevo na análise (BORGES, 2001).

Considerando as reflexões já apresentadas, faz-se a leitura de um profissional capaz de participar efetivamente da vida social e política, assumindo tarefas e responsabilidades que dialoga num mundo interativo e interdependente, impregnado dos instrumentos de sua cultura, utilizando-se para sua emancipação, transformação, libertação e transcendência. Acredita-se que seja dotado de competências fundamentais no sentido de capacitar-se para assumir o comando da própria vida, numa participação direta, efetiva e responsável no viver em sociedade.

O PROCESSO FORMATIVO

Para que se possa planejar ambientes de aprendizagens antenados com a formação profissional de qualidade é preciso levar em consideração os novos cenários mundiais que sinalizam inúmeras e significativas mudanças, bem como paradigmas científicos decorrente da nova cosmologia, cujos princípios influenciam também as questões epistemológicas e, conseqüentemente a formação do profissional do lazer. Todos esses aspectos provocam alterações nos processos de construção do saber, no modo como se concebe a academia, na maneira de pensar, conhecer e aprender o mundo. Esses princípios também alertam para o surgimento de um novo tipo de gestão social do conhecimento, apoiado num modelo que já não é mais lido e interpretado como um texto clássico, mas corrigido e interpretado de forma interativa. Esses enfoques requerem uma nova agenda educacional, mais atualizada e coerente com as novas demandas da sociedade. Não se pode continuar produzindo uma educação dissociada do mundo contemporâneo, fora da realidade, disseminando seres incapazes de pensar, de construir e reconstruir conhecimentos, de realizar descobertas científicas, e que, na verdade, estão impossibilitados de serem contemporâneos deles mesmos.

O Ser humano para evoluir enquanto espécie busca possuir pelo menos sete distintas inteligências, que são definidas no sentido de formar produtos valorizados na cultura. São elas: lingüística; lógica; espacial; musical; cinestésica corporal; compreensão de outras pessoas e autocompreensão (GARDNER, 1999). Numa outra abordagem sobre a inteligência, Schopenhauer parafraseado por Nietzsche, tratava o mundo como uma representação do ser humano, sendo a inteligência uma faculdade de representar os fenômenos e de reatá-los sob a lei da causalidade ou do determinismo. E ressalta três caráter da vontade. O primeiro diz respeito a universalidade na qual tudo quer na natureza e que deseja viver, tudo age e vive; o segundo, a indestrutibilidade, na qual as formas desaparecem e a essência permanece, ou seja, a vontade de viver é fundamental; e o terceiro caráter é a liberdade absoluta, que reside no homem o princípio da sua individualidade. Esta não modifica com o fenômeno e subsiste sem eles. Desenvolvendo essas vontades, o homem adquire o conhecimento do mundo, que pode revelar-se como bom ou não mas, o interessante é que se revele o desejo de viver no mundo (RIBEIRO JR. 2004). Nesse sentido, faz-se urgente o pensamento articulado, antenado com a realidade exposta. É o pensar possibilidades de intervenções que faz a diferença em nossas relações, seja no trabalho, na escola, na família, com seus pares. É permitir a inovação ou não em seu contexto.

O indivíduo constrói o conhecimento através de interações que ocorrem entre a cultura e o pensamento e, dessa forma resgata a visão de contexto retratada por Morin (2003), revelando que os indivíduos são o que são dentro de determinados contextos, podendo e devendo ser compreendidos a partir de suas conexões e de suas relações com a sua realidade contextual. Isso implica em que a Educação/Estado/Sociedade promova o respeito às diferenças, à diversidade entre os seres, às variações culturais e aos diferentes processos de desenvolvimento humano. Ressaltam-se nesse processo alguns aspectos relevantes, dentre eles a interconectividade dos problemas educacionais e a reintegração do sujeito no processo de construção do conhecimento, sendo este algo que está sempre em processo de vir-a-ser. Amplia-se ainda a compreensão ao esclarecer a existência de transitoriedade, da criatividade presente nos processos da natureza e sua importância para a evolução da humanidade.

Para Maslow (1975), cada Ser humano tem seu sistema de fluir no seu interior. Se apegar as posições defensivas por medo, inclina-se por retrocesso, por fixação ao passado, assustado pelo desenrolar desde a primeira comunicação no útero materno, pelos riscos que corre temeroso pelo sentido de posse, pela independência, liberdade e separação. Muitas pessoas pensam em seu inconsciente, em seu conhecimento primário como algo necessariamente insalubre, perigo e mal. Essa profundidade pode levar o ser harmonioso. Resulta também acerca do amor, criatividade, jogo, humor, arte etc.

É interessante a abordagem que tratar do objeto dinâmico baseado na semiótica, cognição e ao mesmo tempo na metafísica. Nas palavras de Eco (1998, p. 20), “o objeto dinâmico é aquilo que nos leva a produzir semiose. Produzimos signos porque há algo que exige ser dito. Com expressão pouco filosófica mas eficaz, o objeto dinâmico é algo que pega no nosso pé e, nos diz ‘fala’ – ou ‘fala de mim’, ou ainda, leve-me em consideração!”.

Todo ser vivo procura preservar o seu ser levando em consideração alguns dispositivos de comportamentos de proteção, defesa, fuga, ataque, nutrição que são próprios dos seres vivos e que traduzem e desenvolvem em nível de vida e particularmente os organizadores de si. Conforme Morin (2002, p. 179), “toda a fronteira viva é, simultaneamente, camada protetora, linha de defesa, lugar de controle, zona de trânsito. Faz duplamente viver, uma vez que deixa penetrar aquilo que alimenta e rejeita aquilo que ameaça”.

Ainda em Morin (ibid), o Ser vivo passa a vida a produzir, a manter-se, a salvaguardar a sua vida, e a sua vida coincide com a sua unidade, a sua integridade, a sua identidade: si mesmo. O querer sobreviver não se confunde antes, no e pelo menor dos seus atos, com um querer viver, isto é uma afirmação permanente de si mesmo.

O sistema imunológico determina a todo instante a identidade do ser enquanto indivíduo. “O dispositivo imunológico constitui uma autoprodução permanente de identidade do si que, por sua vez, é inseparável da autoprodução da integridade do si que, por sua vez, constitui uma das dimensões da auto-organização/reorganização permanente do ser” (MORIN ibid, p. 181).

O ato de uma organização viva é um processo de auto-organização, e que por sua vez a cognição da organização viva é autocognitiva. Dessa forma, Morin (ibid, pp. 209 – 210), trata:

Vemos que a lógica auto-referencial do circuito autocognitivo requer que o sujeito se reconheça segundo as três instâncias necessárias umas às outras, e que traduzimos pelos termos eu, mim e si. O eu é a ocupação do lugar egocêntrico pela computação – o computo – de um ser que se auto-afirma como indivíduo-sujeito. O si constitui-se como a corporalidade física do mim-eu. Mim participa desta corporalidade física e, ao mesmo tempo, da invariância do eu. É objetivo como o si e autotranscendente como o eu.

A auto-afirmação individual do indivíduo-sujeito é a de um ator que joga o jogo de viver para ganhar a vida. A noção de ator é existencial no sentido em que o ator se joga a si mesmo, joga a sua vida, na busca, no esforço, no perigo, no seio do teatro natural que é o seu ambiente. A condição existencial do jogo marca toda a vida. É a incerteza sempre renascente e a luta sempre renascente contra a incerteza (MORIN *ibid*). E ser esse sujeito no centro do mundo é saber conhecer e agir, porque o saber saí é a qualidade desse sujeito e não suas características particulares. Dessa forma, envolver e deixar ser envolvido nesses projetos e programas desenvolvidos fazem diferença qualitativa na área em questão.

Compreender a formação desse profissional sob esse olhar é um desafio enorme para as Instituições de formação. Tendo em vista que precisaria mudar o ambiente de pensar à Universidade e seus membros, como relata uma experiência de Dumazedier (1979) ao relatar sobre o lazer, a educação permanente e o desenvolvimento da cultura na qual ele enfatiza que as inovações e investigações educacionais são mal compreendidas e conseguem pouca cooperação. Então os inovadores a cada ano ficam apresentando metodologias para superar dificuldades porém conseguem pouca adesão. Diante do exposto é que os desafios são visualizados na formação de um profissional que desenvolva a criatividade, a ludicidade e a autoformação em suas vidas para poder proporcionar um ambiente favorável para as pessoas com as quais vão trabalhar e que tenham o processo de desenvolvimento individual e coletivo.

Sabe-se que é difícil a formação de um profissional numa área multidimensional e que lida com o desenvolvimento de pessoas e que deve ter algumas características como essas sugeridas por Camargo (1998, p. 141-142):

Uma polivalência cultural, ou seja, um conhecimento pelo menos elementar dos diferentes campos da ação cultural e das diferentes técnicas de trabalho; mesmo os animadores especializados numa determinada prática cultural (ginástica, dança, música, cinema etc) necessitam dessa polivalência; conhecimento sobre as peculiaridades de participação dos diferentes públicos, do ponto de vista do sexo, da faixa etária, da classe socioeconômica ou sociocultural; capacidade para montar e coordenar equipes com profissionais de variada formação e origem; conhecimento sobre formatação financeira de projetos, sobre estudo de viabilidade econômica-financeira, sobre determinação de ponto de equilíbrio financeiro de projetos; consciência das sutilezas do espaço físico e das diferentes respostas que podem provocar em diferentes públicos; informação sobre tipos e formas de abordagem de outras instituições públicas e privadas que possam associar-se à programação.

Sabe-se também que a característica desse profissional se constitui em nosso País de diferentes formas, ou seja, depende das necessidades sociais e culturais de cada região, de cada localidade e respeitar a oferta e a demanda da região, porque deve-se pensar no compromisso político e ético com as pessoas que vão procurar essa formação. Deve-se ter uma visão de futuro e se possível projetar o curso num prazo de 15 a 20 anos de sustentação econômica para a cidade.

Autores como Pineau, Desroche, Fourier, Kropotkine e Dumazedier vem discutir uma formação permanente em que todos devem ter acesso. Uma formação que esteja intimamente ligada a vida cotidiana e a sociedade em permanente diálogo com a escola, na qual seja vivida uma educação com prazer e alegria, em que exista paixão em sua formação. E que essa formação seja uma busca permanente. Os autores consideram suas defesas para educação permanente, como utópicas, mas é uma sociedade que eles imaginam uma educação para a vida. Dumazedier faz a associação do lazer a essa educação permanente voltado para o desenvolvimento da cultura (PINEAU, 1977).

Nessa perspectiva de uma educação intimamente ligada a vida cotidiana, é que Rambaud e Jeanneret (2000) vem comungar com a idéia de educação ao longo da vida, ressaltando o aprender com prazer na formação de um animador sociocultural pelas Instituições de formação. Ora, para assinalar esses desafios parece urgente aprender e fazer aprender com prazer. Os autores fazem a fundamentação sobre essa perspectiva de educação confrontando com a realidade européia que tem uma intenção no seu bojo de renascimento dessa educação.

O relato de Thion (1996) sobre a condução que se deve ter na sua formação e na sua vida, vem complementar o aprender com prazer citado anteriormente. Num atelier pedagógico, Thion abre espaço para formação centrada na pessoa. É um espaço e tempo de formação. Este tempo de formação na ação dinâmica de vida de mulheres na ação de sua vida diária que é um complemento insubstituível à formação tradicional, que permite desenvolver as potencialidades de cada uma para a qualidade de seu projeto pessoal e/ou profissional. Nesse atelier permite deixar emergir novas perspectivas desenvolvendo ou reforçando qualidades de sociabilidade, de responsabilidade, de capacidade de comunicar e de se formar, de criatividade e inovação, que lhe permite uma autonomia e uma reaproximação de sua identidade de mulher.

Esse trabalho de Thion já se concretiza tentativas de ambientes que podem ter como base a fundamentação teórica dos currículos de formação do profissional do lazer e fazer o diálogo com o processo autorformativo e tentar escrever na história dessa formação uma aproximação da teoria e a prática na formação do Ser do profissional do lazer.

Para esse processo autofromativo, Dumazedier (2002) apresenta quatro funções de autoformação individual e coletiva, são elas: Redução das desigualdades de acesso ao conhecimento e que pode-se chamar de autoformação de correção; Autoformação para completar, corrigir a ação educativa, também chamada de autoformação de acompanhamento; Autoformação de superação, relativo a autodidatas; e Autoformação de integração.

Condição para aprender nos dispositivos de formação, relata Chaix (1994), as Instituições educativas são lugares privilegiados de construção de identidade das gerações e que preparam a entrada para a vida ativa. Pondo em

relação vida escolar e vida profissional. Em tais dispositivos, o processo "aprender" pode ser analisado como um processo de construção identidade. As condições para aprender são vinculadas por um lado, à individualização, à possibilidade de construir um saber, e por outro lado "a identificação", ou seja, socialização, à possibilidade de filiar-se à mundos profissionais, exteriores ao universo escolar.

Por isso, deve-se pensar nos cursos de formação do profissional do lazer no Brasil, a articulação da autoformação do Ser, o processo educativo ao longo da vida e a inserção desse profissional no mercado de trabalho. Mais um profissional que possa traduzir o aprendizado constituído nas competências visualizadas em seus currículos com sua prática criativa, lúdica de formar a sensibilizar as pessoas com as quais vão trabalhar e que possa com isso seduzi-las para o processo autoformativo. Essas pessoas precisam visualizar seus momentos de experiências máximas em sua vidas para se ter consciência de suas potencialidades enquanto ser humanizados socialmente.

Sendo assim, Boutinet (2002), retrata que o projeto é vislumbrado a partir de uma psicologização crescente nas escolhas de vida e no pensamento de modos de individualização. E destaca os projetos de curto prazo que está ligado às opções ensino, habilitação de formação e à escolarização, bem como seu grau de êxito; o projeto de médio prazo que é o de inserção socioprofissional, que tem várias determinantes à serem discutidas e o projeto de longo prazo, chamado projeto de vida sendo enfatizado pelo lado sentimental e familiar. Diz respeito ao estilo de vida do indivíduo.

No que se refere às competências de uma profissão, Boutinet (op. cit., p. 94) destaca o projeto identitário que, "tendendo a um melhor auto-reconhecimento pelo próprio indivíduo e, simultaneamente, pelos outros. Esse projeto identitário irá concretizar-se em uma preocupação com a competência técnica sempre crescente, fazendo do indivíduo um especialista em sua atividade profissional". Esse pensar projeto de formação é uma lacuna deixada no que diz respeito a impulsão que o profissional tem de se mobilizar para construir saberes através de sua autoformação nas Universidades.

Ao lado desses aspectos formativos faz-se necessário reconhecer o indivíduo como um todo constituído de corpo e mente, sentimento e espírito, dotado de uma dimensão social que necessita educar-se ao longo da vida,

desenvolver-se, sobretudo um crescimento interior, qualitativo e multidimensional. É a partir desse crescimento interior, do autoconhecimento, que o indivíduo saberá quem ele é, qual o seu mais alto potencial e as qualidades que possui. Autoconhecendo-se, ele poderá colaborar para a transformação de sua realidade, daquilo que lhe é exterior, compreendendo, inclusive, além de si mesmo, a natureza do outro, condição fundamental para criar um mundo de paz, de alegria e de felicidade. Paz consigo mesmo, com a sociedade e com a natureza, a partir de uma visão ecológica que faz a leitura do mundo em termos de relações e de integrações, que compreende os sistemas naturais inseridos numa totalidade maior, no qual a natureza e o ser constituem uma unidade. Esse tipo de compreensão e leitura do mundo provoca profundas mudanças em termos de nossas percepções e valores ao compreender o ser humano como parte de uma grande teia, um ser autônomo, mas, ao mesmo tempo, integrante de totalidades maiores, um fio particular numa teia na qual, todos estão inseridos.

Assim, compreender o ser que se impulsiona a aprender a pensar, é um retorno significativo a sociedade, tendo em vista que um dos grandes problemas da educação atual é que as instituições educativas têm dificuldades para ajudar seus alunos a aprender a pensar e aprender a aprender através do estabelecimento de relações e conexões. Esses aspectos requerem a diversificação dos espaços do conhecimento, dos processos, das metodologias, pressupondo a expansão das instituições educativas em direção à comunidade, a aceleração de todos esses processos para que possa resgatar milhares de crianças, adolescentes e adultos impedidos de se posicionarem diante da vida como seres históricos, dotados e situados no tempo e no espaço, como indivíduos capazes de construir a sua própria identidade, de crescerem e aprenderem ao longo da vida.

DA FORMAÇÃO À AUTOFORMAÇÃO

A disciplina de Lazer, Corpo e Sociedade foi ministrada sob a ótica de que todas as abordagens do profissional do lazer devem ter o corpo como referência no fenômeno da corporeidade, favorecendo ambientes de reflexão sobre a construção do ser nas relações sociais. Num contexto de entendimento histórico da sociedade, desde as sociedades antigas até a contemporânea. A disciplina proporcionou ambientes de intervenção teórica através de artigos com

temas construídos pelos próprios alunos, que teve publicação em jornal da comunidade/bairro. Também, tratou os estudos da corporeidade a partir do próprio profissional do lazer para se ter subsídios de discutir a totalidade do ser de quem se está trabalhando. Tal intervenção teórica teve seu tratamento do conhecimento em sala de aula, perpassando também pelas suas ações práticas do cotidiano profissional, considerando seu discurso enquanto profissional. Para fundamentar essa prática, reportamo-se a Gonçalves (1994), quando afirma que o corpo reduz sua capacidade de percepção sensorial, transformando suas manifestações, sentimentos e expressões em gestos instrumentalizados, para satisfazer o sistema capitalista de produção. Nessa maneira de viver o corpo, o homem reprime as satisfações, desejos, afetos e gratificação, reduzindo-se a um mero espectador de sua própria vida. O mais grave, é a falta de consciência por estar vivendo essa relação com o mundo do trabalho e, conseqüentemente, tendo por certo seu viver cotidiano.

Na disciplina de TCC I configuram-se três momentos distintos. No primeiro, discute-se o problema a ser investigado e conseqüentemente a construção do projeto de pesquisa para ser encaminhado ao professor-orientador. No segundo, palestras reflexivas sobre os saberes necessários para se buscar a autoformação, como por exemplo: a ação do profissional do lazer no mercado de trabalho, sua especificidade, seu caráter interdisciplinar e sua formação e atuação enquanto profissional; e o terceiro, é o momento da qualificação do projeto de pesquisa, o qual é apreciado por uma banca de qualificação composta por três examinadores, sendo um orientador, a professora da disciplina (TCC I e II) e um como membro externo.

Os alunos que são participantes da pesquisa aderiram a esse projeto de discussão da prática por compreenderem a relevância da construção de saberes a partir das questões do cotidiano como situações problematizadoras, refletindo o momento presente e estando a procura de uma interpretação para aquilo que é vivenciado. Bem como, estão procurando Programas de pós-graduação para continuarem seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Quando o educador faz esta reflexão ao mesmo tempo em que vivência uma determinada situação, acontece a reflexão/ação. Esta etapa permite uma reorientação da ação, no exato momento em que a estar a viver. Se esta reflexão se dá após a ação e tem caráter retrospectivo, o professor reflete sobre a

ação. Há então um certo distanciamento, um olhar distinto daquele que vivenciou aquela ação (SCHÖN, 1998).

Dessa forma, os projetos apresentados à banca examinadora tiveram uma relação íntima com a ação prática desenvolvida pelos alunos que já estão atuando no mercado de trabalho, como por exemplo, os seguintes temas que serão desenvolvidos em suas monografias a posteriori: “O Profissional de lazer do CEFET/RN: conhecendo e desmistificando sua área de atuação”, a pesquisa apresenta a preocupação de tornar publico as competências, habilidades e atribuições desse profissional tanto para a sociedade civil quanto para a comunidade cefetiana, no sentido de compreender o perfil desse profissional para ser absorvida no mercado de trabalho; “Aposentadoria e um novo projeto de vida: um olhar do profissional de lazer”, identificando os planos de vida almejados após a aposentadoria pelos pré-aposentados do CEFET/RN, no intuito de disponibilizar tais informações a profissionais aptos a intervirem juntos a esses, verificando qual a importância que os pré-aposentados dão ao tempo livre, bem como a consciência que têm em usufruírem dele; “O Programa saúde da família – PSF e o lazer para a terceira idade: como se dá esse diálogo?”, com objetivo de diagnosticar a efetividade do trabalho realizado pelos profissionais do PSF no que focaliza o lazer e a qualidade de vida dos idosos residentes nos bairros assistidos pelo Programa Saúde da Família na Zona Oeste de Natal/RN, por apresentar os mais críticos indicadores sócio-epidemiológicos (mortalidade infantil, violência urbana, desemprego etc); “Educação lúdica do olhar”, apresentando de como podemos utilizar a fotografia como instrumento pedagógico capaz de motivar a reflexão e o desenvolvimento interpessoal, as habilidades e sensibilidades artísticas/culturais, buscando promover a qualidade de vida, a auto-estima e uma leitura crítica da realidade e da cidadania em seus participantes; “A Corporeidade da pessoa com deficiência expressa através de atividades lúdicas”, com objetivo que se possa construir e planejar ambientes socialmente inclusivos é preciso levar em consideração os novos cenários mundiais que sinalizam inúmeras e significativas mudanças, cujos princípios influenciam também as questões epistemológicas. Esses aspectos provocam alterações nos processos de compreensão da corporeidade dos indivíduos, através das manifestações lúdicas, na maneira de pensar, conhecer e aprender o mundo; “A atuação do profissional do lazer na instituição de ensino: Uma reflexão

necessária e urgente”, o estudo se pauta em abrir caminhos para o profissional do lazer numa Instituição Escolar, ampliando seu mercado de trabalho; “Lazer para os bolsistas do CEFET/RN: uma proposta possível?”, com objetivo de verificar a viabilidade de uma proposta de lazer para os bolsistas, identificando como o CEFET/RN vem contribuindo na construção de uma educação para e pelo lazer, e qual abertura que a mesma propicia para a realização de tais vivências, observando como esses alunos utilizam seu tempo livre e por fim diagnosticando seus anseios na prática do lazer; “Teoria e prática no viver cotidiano dos alunos concluintes 2005.1 do curso Superior de Lazer e Qualidade de Vida”, diagnosticando e analisando a relação teoria/prática que esses alunos fazem com o cotidiano e o mercado de trabalho, relatando a s suas concepções de lazer; “A sessão de arte do Cine Natal Shopping como uma opção de lazer”, com o objetivo de analisar a sessão de Arte do Cine Natal Shopping como opção de lazer diferenciado que exhibe filmes fora do circuito comercial, fugindo do padrão usualmente visto nas demais salas de cinemas da cidade do Natal; “Turismo em Natal: uma perspectiva de intervenção além de Sol e Mar”, diagnosticando como os meios de hospedagens de Natal organizam suas programações de lazer, se valorizam os aspectos socioculturais do Estado e se atendem as expectativas e a satisfação dos turistas; “Políticas públicas de lazer: uma análise de sua construção”, considerando as políticas públicas um dos instrumentos de ação do Estado, que visa assegurar mediante a sua intervenção o funcionamento harmonioso da sociedade, suplantando conflitos e garantindo a manutenção do sistema vigente, melhorando a qualidade de vida da população; “Projetos artísticos-culturais: um olhar sobre a produção cultural local”, com objetivo de diagnosticar a produção astístico-cultural de âmbito Municipal, pautando-se nos projetos *Seis e Meia*, *Domingo na Praça*, *Domingo Melhor*, *Ribeira das Artes e Nação Potiguar*, executados no período compreendido entre janeiro de 2001 e abril de 2005; “CEFET/RN: um olhar para a qualidade”, identificando como a qualidade de vida no trabalho influencia os gestores do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, no desenvolvimento profissional, apresentando as condições de interação social e organizacional na realização da atividade. Identificando também, como a cultura organizaacional influencia no desenvolvimento das funções; “Um olhar sobre os espaços de lazer do conjunto Pajuçara: realidade e perspectiva”, investigando como os espaços públicos de

lazer do conjunto Pajuçara podem atender as demandas de lazer e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, a partir de um novo modelo arquitetônico; “O Jogo lúdico e sua importância no desenvolvimento da criança”, com objetivo de analisar a importância do jogo lúdico como instrumento de desenvolvimento pedagógico das crianças de 4 a 6 anos de idade da Creche Criativa em Natal/RN, identificando os jogos lúdicos praticados e o interesse na execução dos jogos pedagógicos; “A volta que o mundo deu: quando chegam as regras e se perde o lúdico na capoeira contemporânea”, com objetivo de analisar as transformações históricas no processo de perda do lúdico na capoeira contemporânea e seus reflexos na perda de identidade cultural da capoeira como vivência de lazer; “Programa motivacional: lazer, trabalho e qualidade de vida”, traçando um paralelo entre o diagnóstico do estilo de vida obtido entre os colaboradores do Supermercado Nordestão e os princípios e ações de um programa motivacional, tendo como foco a qualidade de vida.

Os trabalhos apresentados sob a orientação da pesquisadora, constitui-se num projeto apresentado e aprovado a Diretoria de Pesquisa do CEFET/RN, para publicação de um livro por meio eletrônico, tendo prazo para publicação em dezembro de 2005. Compondo também, um artigo da orientadora e que é a organizadora do livro.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cecília. **Saberes docentes**: diferentes tipologias e classificações de um campo de pesquisa. In Revista Educação e Sociedade, Ano XXII – abril, Campinas, SP, 2001.

_____. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do projeto**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o Lazer**. São Paulo, SP: Moderna, 1998.

CHAIX, Marie-Laure. **Des conditions pour apprendre dans les dispositifs de formation école-entreprise.** Periódico Education Permanenete, nº 119, p. 165-175. Québec, 06/1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo, SP: Perspectiva, 1979.

_____. **Penser L'autoformation.** Société d'aujourd'hui et pratiques d'autoformation. Lyon: Chronique Sociale, 2002.

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco.** Rio de Janeiro, RJ: Record, 1998.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1994.

_____. **Mentes extraordinárias.** Perfis de 4 pessoas excepcionais e um estudo sobre o extraordinário em cada um de nós. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

GONÇALVES, Maria. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação.** São Paulo: Papirus, 1994.

MASLOW, H. Abrahama. **Introdução a psicologia do Ser.** Rio de Janeiro, RJ: Eldorado, 1968.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente.** Ed. Papirus; 1997.

MORIN, Edgar. **O método 2. A vida da vida.** Trad. Marina Lobo. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora e Jeanne Sawaya. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

_____. **O método 5. A humanidade da humanidade. A identidade humana.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin. A educação e a complexidade do ser e do saber.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PINEAU, Gaston. **Éducation ou aliénation permanente?** Repères mythiques et politiques. Bordas, Paris: Sciences et culture inc. Montreal, 1977.

RAMBAUD, Denis e JEANNERET, Marc. **Apprendre avec plaisir: L'éducation des adultes en défis.** Periódico Education Permanenete, nº 143, p. 165-173. Québec, 04/2000.

RIBEIRO JR, João. **Introdução a Nietzsche.** O dionisios filósofo. Campinas, SP: Edicamp, 2004.

SCHÖN, D. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: NÓVOA, A **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1998.

THION, Blandine. **Piloter as formation, piloter as vie.** Periódico Education Permanenete, nº 125, p. 63-76. Québec, 02/1996.

O PROFISSIONAL DE LAZER DO CEFET/RN: CONHECENDO E DESMISTIFICANDO SUA ÁREA DE ATUAÇÃO

Ana Karoliny da Cruz Vasconcelos

UM OLHAR SOBRE OS CAMINHOS DA PESQUISA

A área de Lazer e Desenvolvimento Social mostra-se atualmente heterogênea dada a amplitude da mesma e a carência de profissionais que a cerca, uma vez que, é comum encontrar Assistentes Sociais, Psicólogos, Nutricionistas, Enfermeiros, Fisioterapeutas, Educadores Físicos, Turismólogos, dentre outros profissionais, desenvolvendo atividades de lazer sem a qualificação e sistematização necessária, como afirma Melo (2003, p.76): “grande parte dos profissionais de lazer atuantes no mercado não teve acesso a uma formação sólida, e ainda atua de forma no mínimo simplista, para não dizer equivocada”.

Essa situação vem contribuindo com o surgimento de idéias pré-conceituosas a cerca do lazer e do seu profissional, do tipo que afirma o seguinte: “qualquer pessoa extrovertida pode ser um profissional de lazer porque basta fazer os outros sorrirem”.

Em meio a esse contexto, o Ministério da Educação (MEC) em seus referenciais curriculares de Educação profissional colocou a área de Lazer e Desenvolvimento Social como a responsável pelo equilíbrio social. Equilíbrio este que pode ser alcançado através da eliminação de contratos sociais objetivando o exercício pleno da cidadania e dada sua amplitude, possibilita o surgimento de profissionais de lazer que atuem em diferentes linhas teóricas, dentre as quais destacam-se o desenvolvimento de comunidades, a educação para a saúde, a educação para o consumo, gestão social e organização comunitária, lazer e recreação, entre outras.

Atualmente, algumas instituições de ensino superior, como a Faculdade de Anhembi-Morumbi (São Paulo), a Universidade do Vale do Itajaí (Univali – Santa Catarina) e o Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET/RN -Natal) implantaram curso nessa área com nomenclaturas parecidas, mas com direcionamentos diferentes.

O curso implantado pelo CEFET/RN denominado de “Curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida” tem como objetivo formar profissionais

capazes para planejar, executar e avaliar projetos de lazer que tenham em vista o bom uso do tempo livre e o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Por ser um profissional novo no país, observa-se o desconhecimento quanto às competências, habilidades e atribuições desse profissional tanto para a sociedade civil quanto para a comunidade cefetiana, tornando assim importante uma pesquisa que apresente esse profissional para sociedade e desmistifique sua área de atuação.

Dessa forma, conhecer o profissional de lazer formado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN e desmistificar sua área de atuação, objetivo geral dessa pesquisa, torna-se importante por diversos motivos, dentre os quais ressalta-se os seguintes: contribuir com o rompimento de idéias pré-conceituosas a cerca do lazer; constituir-se num ponto de partida para a deflagração desse profissional para o mercado de trabalho; possibilitar a sociedade civil subsídios para o conhecimento desse profissional, como aquele capaz de planejar, elaborar, executar e avaliar projetos de lazer com sistematização e qualidade devido os conteúdos práticos e teóricos apreendidos em sua formação profissional.

Para tanto, ficou proposto nos objetivos específicos dessa pesquisa: descrever a área profissional de Lazer e Desenvolvimento Social tendo por base os referenciais curriculares nacionais de educação profissional do Ministério de Educação; Identificar a linha teórica adotada pelos professores do Curso de Lazer do CEFET/RN; E traçar o perfil do profissional de lazer que esta sendo formado pelo CEFET/RN, ressaltando onde está se dando ou onde se dará sua atuação.

Essa pesquisa caracterizou-se como um *estudo de caso* com propósitos qualitativos e quantitativos, capaz de compreender detalhadamente o profissional em estudo e revelar quais as possibilidades de atuação desse profissional no mercado de trabalho, tendo como população da pesquisa alunos e professores do Curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN, e como amostra todos os alunos desse curso que estão se formando em 2005.1 e professores do curso escolhidos pelos seguintes critérios: ter feito parte da elaboração do projeto do curso; ministrarem disciplinas que enfatizam a formação do profissional de lazer; e

estar diretamente ligado aos estudos do lazer, tendo lecionado em duas ou mais disciplinas.

Para tanto, foi feito primeiramente uma revisão literária a cerca do que foi estudado, inclusive aos teóricos que abordam as seguintes questões: a trajetória do lazer, a emergência de um profissional que atue nessa área e sua formação profissional, e em seguida foi feito um estudo detalhado dos referenciais curriculares nacionais de educação profissional do MEC, em específico o correspondente à área de Lazer e Desenvolvimento Social.

Para fazer cumprir também os outros objetivos, foram realizadas entrevistas com os professores do curso a fim de compreender como se deu o desenvolvimento das disciplinas e qual a relação entre o curso pretendido e o curso vivido. Além disso, foi aplicado um questionário aos alunos concluintes desse curso objetivando traçar um perfil dos mesmos e visualizar a compreensão de cada um a cerca do profissional de lazer, bem como sua área de atuação.

Para apresentar e analisar os resultados foi utilizado a *análise do conteúdo* e a *análise do discurso* com intuito de atender a todos os objetivos propostos nesse trabalho. Para tanto, após a gravação das entrevistas, foram feitas as transcrições na íntegra das mesmas e a categorização (separação) e levantamento dos temas que apareceram nas falas dos professores entrevistados do curso de lazer.

Uma outra técnica de investigação que foi utilizada nesse estudo correspondeu à análise do discurso, o qual, objetiva interpretar o discurso quanto à existência de coerência em um dado contexto sócio-histórico. Dessa forma, foram respeitadas todas as fases compreendidas entre a constituição do corpus de análise e a busca da estratégia do discurso para eficácia do estudo.

A TRAJETÓRIA DO LAZER: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

As primeiras significações do lazer tiveram origem na Antiguidade Clássica, com as sociedades greco-romanas. Em primeiro lugar, na Grécia, observou-se uma valorização relevante do tempo livre, tido este como um espaço temporal de possibilidade de contemplação.

Essa contemplação, visualizada pelos gregos como uma grande oportunidade de crescimento espiritual, era restrita apenas a elite visto que muitos escravos se ocupavam com o trabalho pesado e degradante, como afirma Melo (2003, p.03):

“Enquanto a elite podia se dedicar a seu desenvolvimento espiritual, uma grande massa de escravos fazia o trabalho sujo”.

Nessa sociedade, o lazer estava diretamente relacionado com o ócio, enquanto momento de contemplação e de reflexões sábias, destinado exclusivamente as pessoas que não necessitavam trabalhar para sobreviver e que tinham uma boa formação política e educacional, indicando na maioria das vezes atividade e não passividade como é imaginado porque segundo Werneck (2000, p.21): “apesar de assumir caráter contemplativo e reflexivo, lazer não significa passividade. Ao contrário, representava um exercício de forma elevada, atribuído à alma racional: os tesouros do espírito eram frutos do ócio”.

Em Roma, e após a junção da Grécia a mesma, percebeu-se uma grande modificação do modo de vida do povo helênico, já que segundo Melo (2003) os romanos não encaravam as atividades servis, ou melhor, o trabalho como algo negativo. Por serem um povo guerreiro, não compreendiam o tempo livre como um espaço temporal para a contemplação, e sim, como um tempo que deveria ser destinado para recuperar as energias perdidas com o trabalho.

A partir daqui, observou-se também a presença de uma maior preocupação com o lazer das classes populares. Preocupação essa, que não objetivava unificar as formas de lazer destinadas para a elite e para as classes populares e sim da seguinte forma como afirma Melo (2003, p. 04):

Em Roma observa-se o desenvolvimento de uma preocupação com a diversão popular, mas não restrita às elites. Isso não significava que elite e populares compartilhassem as mesmas possibilidades de acesso à diversão: somente para a primeira eram possíveis as atividades em que a reflexão fosse momento de destaque, enquanto aos segundos eram oferecidos práticas de distração e alienação organizadas pelo próprio Estado, as práticas populares eram desprezadas pela elite como vulgares. Inaugurava-se o que chamamos de política do “pão e circo”, uma forma de dominação e controle da massa.

Com o surgimento e difusão dos valores cristãos, o lazer ganhou uma diferente conotação e passou a ser concebido como algo nocivo aos homens, visto que, nos momentos do não-trabalho, a participação em festas, jogos e comemorações poderiam colocar a partir do contato com os prazeres carnais, perigo à purificação da alma dos indivíduos, segundo Werneck (2000, p.36):

(...), a posição católica teve como base o desapego aos bens materiais e a moralização do trabalho, fazendo geralmente as conexões trabalho-dia e trabalho-dor. Segundo esse pensamento, trabalho e persistência conduzem ao êxito, pois é da vontade de Deus que todos trabalhem. As festas e os divertimentos deveriam ser cuidadosamente controlados, pois eram

considerados perniciosos aos homens, dando-lhes chance de se entregar ao vício e às armadilhas do pecado, como enfatizou Santo Agostinho.

O controle às festas e aos tipos de divertimento citados na afirmação acima, partiam do princípio o qual, afirmava que só poderiam ser vividos se possibilitassem a elevação da alma à Deus e a estruturação da família dentro dos padrões da Igreja Católica.

Em meio a esse contexto a existir também no período medieval o culto ao trabalho pela Igreja Protestante onde pregava ser necessário trabalhar o máximo possível para não sobrar tempo para pecar, como afirma Melo (2003, p.05):

Com a ascensão do puritanismo e das idéias reformistas, promovidas pela fundação das primeiras religiões protestantes, a idéia de trabalho como algo fundamental para a humanidade começa a ganhar força, até porque as novas religiões introduzem a mentalidade de que o acúmulo de riquezas é filosoficamente aceitável. O não-trabalho deixa de ser encarado como apenas um vício e passa a ser considerado inimigo do trabalho e um dos maiores pecados ao qual se pode submeter a espécie humana: “o trabalho enobrece o homem, o ócio não”.

Sendo assim, observou-se que o protestantismo emergiu com uma concepção muito mais severa acerca do tempo de não-trabalho do que a moral católica, uma vez que, “a moral protestante adota uma rigorosa disciplina em relação ao prazer e aos divertimentos e, com ênfase no aspecto ético e moral, o trabalho era visto como uma virtude, como um dever, como um modo de servir a Deus”. (WERNECK, 2000, p.38)

O culto ao trabalho iniciado principalmente no período medieval, com o apoio da Igreja Protestante perpetuou por muito tempo, dado a afirmação da sociedade industrial e do capitalismo.

Esse novo modelo de sociedade que surge na modernidade, a qual objetiva único e exclusivamente o lucro e a separação entre os dominantes e dominados, não estava nem um pouco preocupada com o bem-estar social da força de trabalho, a ponto de pregarem uma rotina rígida e excessiva de trabalho que ocasionou diversos problemas dado a exploração e as péssimas condições de vida dos trabalhadores.

Ainda para essa sociedade, os momentos de lazer, que não poderiam fazer parte em hipótese alguma da vida dos trabalhadores, salvo quando utilizado como uma forma de controle social e dominação popular eram concebidos da maneira descrita abaixo:

As diversões eram entendidas como perigosas e perniciosas já que, além de se oporem à lógica de trabalho árduo eram uma forma de manutenção dos antigos estilos de vida, que tanto incomodavam aos que preconizavam

uma nova ordenação. Sem falar que era nos momentos de lazer que os trabalhadores se reuniam, tomavam consciência de sua situação de opressão e entabulavam estratégias de luta e resistência". (MELO, 2003, p.08)

Após um longo período de sofrimento por parte dos trabalhadores, observou-se que o lazer passou a ganhar uma nova significação e maior visibilidade, uma vez que essa sociedade não estando nem um pouco preocupada com as condições mínimas de sobrevivência de seus trabalhadores, "incentivou-os" a lutar por melhores condições de vida e por um tempo liberado para vivência do lazer.

A luta por esse tempo livre iniciou a partir do manifesto "Direito à preguiça" de Paul Lafargue em 1880, o qual, afirmava a necessidade de encurtar drasticamente a jornada de trabalho, a partir de argumentos baseados na Bíblia, nos deuses gregos e nos filósofos clássicos.

Mas, apesar de todas essas iniciativas, foi só a partir de meados do século XX, mais especificamente, em 1932, que surge Bertrand Russell fazendo uma crítica ao mundo do trabalho, sustentada na idéia de que já se trabalhou demais no mundo e que a visão de virtude no trabalho é extremamente nociva aos indivíduos, já que declara:

(...), com toda seriedade, que muito mal está sendo causado ao mundo moderno pela crença de que o trabalho representa virtude, e que o caminho para a felicidade e para a prosperidade consiste numa diminuição organizada do trabalho. (RUSSELL, 1977, p.11)

Para ele, o culto ao trabalho existente na sociedade é uma construção histórica e cultural, na qual, em meio a milhões de trabalhadores, existe uma classe ociosa que diante das contradições inventou teorias que justificassem seus privilégios sobre os outros, conseguindo, também, disseminar através da cultura, a condição desmoralizante de quem tem muito tempo livre.

Russell acreditava que o ideal era trabalhar quatro horas por dia, produzindo apenas o necessário e aproveitando o resto do tempo, inclusive para o lazer. Para tanto, era necessário que os indivíduos passassem a ser educados para o lazer, de modo que empregassem seu tempo livre com atividades inteligentes.

Essas idéias favoreceram o surgimento de uma concepção contemporânea do lazer, a qual se traduz na necessidade que cada indivíduo tem de vivê-lo, depois de algumas horas de trabalho, não apenas como uma válvula de escape, fuga de problemas ou até mesmo recuperação das energias perdidas com o trabalho, mas como privilégios de todos, sem distinção de raça, sexo e/ou classe social.

AS TRANSFORMAÇÕES MUNDIAIS E A EMERGÊNCIA DO PROFISSIONAL DE LAZER

O mundo atualmente passa por uma época de rápidas mudanças em todas as suas esferas, sejam elas políticas, econômicas e/ou sociais, uma vez que:

Há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante de transição histórica. Além disso, as mudanças que nos afetam não estão confinadas a nenhuma área do globo, estendendo-se quase por toda parte. (GIDDENS, 2000, p.13)

Essas rápidas mudanças, presentes na contemporaneidade, deve-se ao uso da ciência, da tecnologia e de princípios racionais herdados desde o Iluminismo que objetivavam tornar racional à vida prática dando explicações para certos fenômenos até então inexplicáveis, visto que, segundo Giddens(2000,p.14): “com o maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia o mundo iria se tornar mais estável e ordenado”.

Apesar de muitos avanços, o mundo de hoje não parece nem estável, nem muito menos ordenado como previram inicialmente Karl Marx, George Ouwell, Max Weber e também alguns opositores de Marx porque as interferências da ciência e tecnologia em alguns momentos provocaram efeitos contrários ao esperado, como por exemplo, o desencadeamento do grande fenômeno denominado de Globalização, uma vez que:

(...), o fenômeno da globalização produz não apenas a uniformidade cultural. Ao mesmo tempo que reforça a igualdade entre as minorias por meio da eliminação das suas diferenças – o que representa um mecanismo social excludente que procura mascarar as contradições de nosso meio -, acaba colocando em evidência os níveis de diversidade que compõem uma sociedade. (WERNECK, 2000, p.65-66)

O incremento no volume e ritmo dos fluxos de comércio, as transformações na informática e nas comunicações; o fortalecimento de blocos econômicos, a proliferação das formas de trabalho instável e precário, dentre outras, foram transformações que mudaram o perfil mundial, interferindo no funcionamento de instituições públicas e privadas e redefinindo o modo de vida de seus habitantes, inclusive no que diz respeito às questões do lazer. Questões estas, que perpassam o saber viver adequadamente o tempo do não-trabalho, dado a redução da jornada de trabalho e a conquista de direitos sociais.

Com o advento dessas transformações, aparecem exigências que obrigam o surgimento de novos profissionais dispostos a trabalhar com a qualidade de vida, impulsionando o Ministério da Educação a lançar em seus referenciais curriculares a

área de Lazer e Desenvolvimento Social. Tal área propõe a formação de profissionais que:

(...), deverá procurar educar a população para uma mudança nos padrões de produção e consumo; deverá realizar um trabalho preventivo para redução da incidência de doenças, levando em conta a necessidade de um meio ambiente saudável, uma alimentação e nutrição adequadas; deverá promover a melhoria de vida da criança e do adolescente carente, garantido-lhes a condição de cidadãos de direito; deverá atuar, também entre os idosos, institucionalizados ou não, propiciando-lhes uma velhice ativa, produtiva, com participação efetiva na família e na comunidade. Trabalhando na organização de grupos de interesses coletivos, associações, cooperativas, o profissional da área de Lazer e Desenvolvimento social deverá promover a integração e facilitar os processos de inclusão social, desenvolver atividades de geração de emprego e renda, ou ainda de práticas físico-desportivas, artístico-cultural, recreação, entretenimento e folclore. (MEC, 2000, p.9-10)

Para tanto, esse profissional deverá também ser competente para diagnosticar e analisar o contexto de cada segmento social, além de elaborar, executar e avaliar programas e projetos voltados para a melhoria da qualidade de vida, acreditando que “dado o seu potencial multiplicador, a formação de profissionais para atuarem com o lazer pode constituir um eixo privilegiado de ação, pois permite repensar essas e outras questões sociais, políticas, históricas e culturais que integram as vivências construídas na atualidade” (WERNECK, 2000, p.65-66).

Em meio a isso, emerge a necessidade do surgimento de um profissional capaz de estimular a participação crítica e criativa dos indivíduos, propiciar momentos de prazer e desenvolvimento, uma vez que o mesmo está disposto a romper limites e dialogar com outros profissionais. Esse profissional nada mais é do que o profissional de lazer.

Sendo assim, propõe-se a seguir, traçar o perfil desse profissional bem como descrever como se deu seu processo de formação tendo como alvo os Tecnólogos de Lazer e Qualidade de Vida formados no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN.

O PERFIL DO PROFISSIONAL DE LAZER DO CEFET/RN E O SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

A oferta do curso de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida pelo CEFET/RN, se justifica quando visualiza-se as possibilidades de atuação na cidade de Natal, dentre as quais, destacam-se: a ampliação do mercado consumidor dos eventos, a necessidade de resgatar a identidade cultural das comunidades, o

potencial turístico, a diversidade das manifestações culturais, os eventos esportivos e etc, e é dentro da seguinte perspectiva que o profissional de lazer do CEFET/RN está sendo formado:

Precisamos lutar pela formação de profissionais que estejam na linha de frente de um trabalho interdisciplinar, que estejam preparados e criticamente engajados, ávidos por mudança e pela participação de todos na transformação das vivências de lazer desenvolvidas em nosso meio. Para isso, não basta concebê-los como simples reprodutores: os profissionais têm de ser agentes de mudança capazes de abalar e promover uma reflexão sobre vários fundamentos cristalizados socialmente em nossa cultura; repensar os limites e as possibilidades da situação na qual se encontram; analisar as contradições; identificar horizontes de manobras; suportar determinados conflitos e incertezas; correr riscos. Enfim, experimentar a possibilidade de jogar com regras e com as imposições sócio-culturais mais amplas, focalizando o lazer, mas procurando não perder de vista suas inter-relações com as outras dimensões que constituem a nossa dinâmica social, tais como o trabalho e a educação.(WERNECK, 2000, p.144-145).

Segundo os professores entrevistados, esses profissionais deverão encaminhar políticas públicas e privadas de acesso ao lazer para todos os segmentos sociais levando em consideração o contexto e as questões sociais existentes, devendo ser capaz de: planejar, executar e avaliar projetos de lazer, bem como, analisar criticamente os já existentes; organizar e revitalizar espaços para prática do lazer; viabilizar vivências de lazer visando a melhoria da qualidade de vida, sempre levando em consideração aspectos filosóficos, sociológicos, antropológicos e psicológicos que se relacionam com os indivíduos, além de compreender as questões relativas ao lazer.

Para formar tais profissionais, o curso de lazer do CEFET/RN com duração de três anos, propõe aos seus alunos matérias não-específicas, como: introdução aos estudos da filosofia, princípios administrativos, cultura e sociedade, recursos multimídia, produção de texto, gestão de negócios, evolução histórica do trabalho, literatura e estudos culturais, desenvolvimento interpessoal, dentre outras, e matérias específicas, como: teoria do lazer, filosofia do lazer, interesses culturais do lazer, elemento lúdico da cultura, lazer, corpo e sociedade; lazer e meio ambiente, projetos, lazer e urbanismo, lazer e mercado de trabalho, lazer e inclusão social e etc, além de aulas de campo, Fóruns de lazer e trabalhos comunitários, por acreditar que, esse profissional “não será formado necessariamente nos bancos das universidades” (MELO, 2003, p.81) e que sua formação deve “permitir a integração

de diferentes saberes, numa práxis profissional que represente uma efetiva chance de transformação das propostas alienantes de 'lazer'". (WERNECK, 2000, p.145)

Ao traçar o perfil dos profissionais de lazer em estudo, após a aplicação e análise dos questionários, observou-se a presença considerável de mulheres, uma vez que dos 27 profissionais entrevistados, 21 são mulheres e apenas 6 são homens. Quanto a faixa etária dessas pessoas, é possível afirmar que a mesma é bem heterogênea dado a presença das diversas gerações, com idades compreendidas entre 20 e 45 anos, tendo maior índice na faixa de 21 à 28 anos.

Esses profissionais utilizam como principais fontes de informação a internet, livros, periódicos/revistas, jornais, televisão e rádio, e costumam utilizar o seu tempo livre com diversas atividades dentre as quais destacam-se: ler, conversar com amigos, ouvir música, caminhar, viajar, navegar na internet, assistir televisão, ir ao cinema/ teatro/ shows/ eventos culturais, desenhar, cozinhar, cuidar de plantas, fazer trabalhos manuais, brincar com os filhos e também ficar sem fazer nada na perspectiva do ócio criativo.

A heterogeneidade dessa turma não se restringe apenas a faixa etária, uma vez que, a mesma é constituída por pessoas com diferenças pessoais imensas relativas a gostos, preferências, habilidades e debilidades. Existem pessoas que são extremamente tímidas e outras extremamente extrovertidas. Porém, embora haja essa divergência, são pessoas comunicativas, criativas e receptivas ao que vem de novo.

Aproximadamente 70% desses profissionais já atuaram na área de lazer em instituições que possibilitam a utilização dos diferentes interesses culturais do lazer, dentre as quais foram realizadas as seguintes atividades: construção de brinquedotecas em escolas, montagem de programação de atividades sócio-educativas em Hospitais Psiquiátricos, desenvolvimento de atividades de lazer com crianças portadoras de câncer, pesquisas técnico-científicas, coordenação das atividades de lazer desenvolvidas em hotéis e instituições que trabalham com todos os tipos de deficiência, monitoria de colônia de férias, organização de eventos, intervenção em programas que valorizam a qualidade de vida no trabalho na Petrobrás, animação cultural, recreação, dentre outras atividades.

No desenvolvimento dessas atividades, foi trabalhado interdisciplinarmente com assistentes sociais, jornalistas, professores, artistas, enfermeiros,

fisioterapeutas, técnicos de segurança, biólogos, técnicos ambientais, publicitários, nutricionistas, dentistas, médicos, sociólogos, educadores, professores de educação física, garçons, cozinheiros, turismólogos e pedagogos.

Ainda no desenvolvimento das atividades foram encontradas algumas dificuldades que merecem destaque, como por exemplo: o desconhecimento das questões que perpassam o lazer, o não reconhecimento do seu profissional quanto às competências e atribuições, o preconceito em relação à área de lazer e desenvolvimento social concebida por alguns profissionais como desnecessária, a redução do fazer profissional exclusivamente ao desenvolvimento de dinâmicas e brincadeiras, dificuldade de trabalhar em equipe com os profissionais que se acham auto-suficientes, dentre outras.

Apesar de todos os entraves da profissão, esses novos profissionais estão saindo para o mercado de trabalho conscientes sobre quem é o profissional de lazer e qual o seu papel na sociedade, visto que no discurso dos alunos visualiza-se o seguinte: “ o profissional de lazer é antes de tudo um educador social formado para trabalhar de forma interdisciplinar, com um olhar para as necessidades sociais, objetivando facilitar as vivências de lazer”.

Dessa forma, pode-se dizer que o profissional de lazer formado pelo CEFET/RN recebe uma formação com enfoque à área sócio-cultural, sendo considerado antes de tudo, um educador social formado para educar as pessoas de todos os seguimentos sociais a vivenciarem o tempo de lazer, respeitando os limites e as possibilidades do público envolvido. Esse profissional está sendo formado para atua em diversas áreas, tendo a elaboração de projetos sócio-culturais como seu maior foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. Trad. De Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3^a. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RUSSELL, Bertrand. **Elogio do Lazer**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

WERNECK, Cristiane Luce G. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

TEORIA E PRÁTICA NO VIVER COTIDIANO DOS ALUNOS CONCLUINTE 2005.1 DO CURSO SUPERIOR DE LAZER E QUALIDADE DE VIDA DO CEFET – RN

INTRODUÇÃO

No mundo atual, vem ocorrendo um avanço no setor de serviços, mais especificamente no segmento do Lazer. Aspecto este facilmente observado nos vários investimentos realizados em nossa região tanto pelo setor público como pro iniciativa privada, como: reestruturação de espaços públicos de lazer, construção de parques temáticos da iniciativa privada, ampliação da rede hoteleira, projetos sociais na área de lazer e esporte, como também a evidência do incremento no lazer de aventura da região nordeste. No entanto, não se tem uma grande oferta de mão-de-obra qualificada que visualize o potencial da vivência do lazer como aspecto significativo na vida do homem.

Apesar desse grande investimento no nosso Estado ainda temos uma ausência de políticas públicas e profissionais capazes de explorar nossos espaços e equipamentos de lazer, proporcionando assim um lazer acessível a todos e capaz de contribuir com uma melhor qualidade de vida da população.

Diante disso, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte oferece o curso de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida, na área de Lazer e desenvolvimento social, com o objetivo de instrumentalizar os profissionais para que elaborem, executem e avaliem projetos de lazer, sejam capazes de atuar em uma sociedade em permanente transformação cultural, se tornem conscientes para conservar e preservar o patrimônio histórico-cultural e os recursos naturais, se tornem qualificados para o gerenciamento de programas e eventos de lazer e principalmente, instrumentalizar o profissional de lazer para compreender a ordenação ao tempo social do não-trabalho, contribuindo assim, para o entendimento das possibilidades e limites das vivências de lazer.

A primeira turma a se formar no curso superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida do CEFET – RN estarão aptos a elaborar, executar e avaliar projetos de lazer com enfoque para o desenvolvimento sustentável, conhecer os diversos campos de atuação do tecnólogo em Lazer e Qualidade de Vida, consolidar uma formação multi-cultural, empreender projetos na área de Lazer e Qualidade de Vida e otimizar os espaços urbanos de forma multifacetada. Mas, é de grande importância analisar se o que os alunos aprenderam na teoria é colocado em prática no momento em que se tornam profissionais habilitados a trabalhar na área de lazer e desenvolvimento social. Com esse enfoque, resolvi fazer um projeto de pesquisa científica que tem como objeto de estudo a primeira turma concluinte do Curso de Lazer e Qualidade de Vida do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte. Para analisar de forma precisa, foi aplicado um questionário com os alunos concluintes que de alguma forma já ingressaram no mercado de trabalho, e com os professores responsáveis pela criação do curso, uma vez que precisamos saber qual o perfil do profissional que eles pretendem formar. No entanto, precisamos fazer uso também da teoria, uma vez que ela será analisada juntamente com o instrumento de pesquisa. Primeiramente precisamos entender em que contexto surgiu a preocupação com o uso do Tempo-livre, e com o aproveitamento desse tempo para ter descanso, desenvolvimento pessoal e divertimento, em seguida analisaremos o perfil do profissional exigido atualmente pelo mercado de trabalho para atuar no ramo dos serviços e por último será analisado mais especificamente o perfil do profissional formado no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte. Com posse desses instrumentos poderemos ao final verificar se os alunos usam realmente a teoria no momento em que se tornam profissionais de lazer aptos a ocupar o cargo tão exigido pelo mercado de trabalho atua.

LAZER E COTIDIANO: UM TEMPO À REFLETIR

1.1 LAZER E COTIDIANO: UM TEMPO À REFLETIR

Inicialmente tomemos como base Silva (2000) afirmando que, para analisarmos atos sociais do cotidiano e a estrutura social temos que saber o que é cotidiano:

[...] um lugar privilegiado de análise sociológica, considerando que é, por excelência, um território revelador de determinados processos de funcionamento e transformação das sociedades e de determinados conflitos em que opõe os agentes sociais, englobando também os processos sociais mais rotineiros e informais da vida social (ritual como cumprimento, normas de convivência social, etc.) (PAIS, citado por Silva, 2000)

Segundo o mesmo autor, ele toma o cotidiano como fio condutor para o estudo da sociedade; e levando em consideração a área do lazer, Henri Lefebvre (1991) ressalta que no mundo moderno, os lazeres assumem tanto a condição de partida, de ruptura momentânea com o cotidiano, porque esse é dominado pelos códigos e sentidos do trabalho, quanto à de integração ao cotidiano adequando-se aos valores e a definição temporal formada pelo trabalhador.

De acordo com a reflexão acima pode-se citar o surgimento da preocupação com o lazer que se intensificou com o aparecimento da Sociedade Industrial, quando os trabalhadores se sentiram “obrigados” a reivindicar em busca de melhores condições de vida e por um tempo destinado à prática do lazer, uma vez que seu cotidiano era marcado por um grande número de horas trabalhando. Em 1880 na Europa Lafargue publica “O Direito a Preguiça”, considerado o primeiro manifesto em favor da redução da jornada de trabalho dos operários e conseqüentemente um aumento do tempo livre.

Mas no Brasil a questão do lazer só começou a ganhar relevância em meados a década de 1960 quando o processo de urbanização nas grandes cidades começava a se acentuar gerando desigualdades sociais, desempregos, crises econômicas e conseqüentemente o aumento da violência urbana de vários modos, influenciando na vida da população como um todo. Segundo Pinto (2002) estamos vivendo um agravamento da crise econômica provocada pela incorreta geração e distribuição da riqueza, induzindo a pobreza, desemprego e exclusão social, e com isso, afastando significativamente parcela da nossa população das condições de vida, de renda e de consumo cultural no lazer.

Outro fator de grande relevância nos estudos do lazer é o avanço tecnológico, o que era feito manualmente passa a ser substituído por tecnologias sofisticadas para atender as necessidades do mercado. Essa foi uma característica do século XX com o “crescimento demográfico”, pelo progresso tecnológico, pela excitante vitalidade, pela grande expansão da classe média, pela profunda reestruturação, dos conceitos de tempo e espaço então modificados pela difusão do relógio, da bússola e da escrita, hoje modificado pelos meios de transporte velozes, pelos meios de comunicação em massa, pelo computador e as redes de informáticas (DE MAIS 1999, p.94). Com isso, verifica-se uma maior preocupação nas empresas em relação a motivação dos funcionários em busca de melhores rendimentos.

É Nesse contexto que surge a preocupação com o uso do tempo livre (definição de tempo livre) proporcionando prazer e auto-realização. No entanto, para discutir aspectos relacionados ao lazer é importante esclarece-lo enquanto um direito social, assim assegurado na Constituição Federal de 1988, capítulo II, Art.6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (EC nº 20/2000)”. O Estatuto da Criança e do Adolescente também destina um capítulo para assegurar o lazer: “Capítulo IV - do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer”. A ênfase é dada, principalmente, no Art. 59: “Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.

Assim sendo podemos destacar algumas definições de lazer. Uma das primeiras e mais importante contribuição foi do francês Joffre Dumazedier que considera o lazer como um tempo liberado das obrigações em que o ser humano tem a oportunidade de divertir-se, desenvolver-se e descansar. Leite (1995) cita a definição de Dumazadier em relação ao lazer:

Conjunto de ocupações no qual o individuo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para divertir-se, seja para desenvolver sua formação ou informação desinteressada, sua participação social

voluntária ou sua livre capacidade criadora depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais (p. 16)

No entanto, essa definição é alvo de muitos questionamentos, uma vez que Dumazadier coloca o lazer e trabalho como lados opostos quando na verdade eles integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. É preciso levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam.

Nos últimos anos, os trabalhos de Nelson Marcellino vêm sendo consideravelmente citados nos estudos sobre o lazer no país. Em algumas de suas publicações podemos verificar a presença de Dumazadier, no entanto, ele entende o lazer “como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’”. O importante como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. “A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (Marcellino, 1987, p.31. Grifos do autor).

Podemos citar ainda o conceito de Werneck (2004) em relação ao lazer:

... entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (p. 125)

Embora existam várias definições sobre o lazer, o importante é praticá-lo de forma lúdica e responsável.

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DO LAZER

De acordo com as transformações provenientes da sociedade pós-industrial e de forma a proporcionar a população uma educação para um bom aproveitamento do seu tempo de não-trabalho e o acesso ao lazer é de suma importância a existência de um profissional qualificado para atuar nessa área, tendo em vista que o mercado de trabalho da área de Lazer e Desenvolvimento Social cresce a medida em que se acentua o fenômeno da Urbanização, um

exemplo disso é o potencial turístico, as manifestações culturais, a arte culinária e os eventos esportivos.

Dentre os vários segmentos da área de serviços que estão em acelerado crescimento, destaca-se a área de lazer. Aspecto esse facilmente verificado nos diversos investimentos realizados em nossa região e em especificamente em nosso estado, pela iniciativa privada e o poder público, ambos relacionados diretamente com a vivência do lazer, tais como: reestruturação de espaços públicos de lazer, construções de parques temáticos da iniciativa privada, ampliação da rede hoteleira, projetos sociais na área de lazer e esportes, como também a evidência do incremento no lazer de aventura da região nordeste.

Com isso, o mercado de trabalho exige do profissional de lazer uma sólida formação cultural e social devido sua atuação está destinada a um segmento que atinge tanto as políticas públicas de lazer, como também os investimentos realizados nas políticas privadas. Garcia (2003) menciona esse novo profissional:

Há um novo e singular profissional no mercado. Comunicativo, versátil e de muita imaginação, ele trabalha quando todos descansam e tem a pretensão de vender a cada um de nós uma pequena parte do paraíso. Ou, ao menos, uma certa ilusão de felicidade que, como se sabe, nunca está onde nós a pomos, porque nunca a pomos onde nós estamos. Esse profissional diz que veio para coloca-la no devido lugar (p.23)

Desse modo o Ministério da Educação proporciona a criação de alguns cursos em faculdades permitindo a formação desse novo profissional que pode atuar em vários ramos do mercado: hotéis de médio e grande porte; parques temáticos; secretarias estaduais e municipais de educação, turismo, esporte e Lazer e desenvolvimento social; escolas, associações comunitárias, hospitais, sindicatos, partidos políticos, ONG'S e vários outros setores do segmento de prestadores de serviços.

No entanto, não existe um profissional de lazer capaz de atuar em todos esses campos, que envolvem os cinco campos de interesses, com isso, resta o desafio do diálogo entre profissionais de áreas diferenciadas, uma tarefa às vezes difícil já que não somos estimulados a um tipo de contato que ultrapasse as rígidas fronteiras disciplinares. Formando assim uma equipe Multidisciplinar.

Porém, é importante apresentarmos algumas características que Melo (2003) considera relevante em um profissional do lazer, independente de sua área de atuação. Ele deve ter disposição para dialogar com outros profissionais e compreender as possibilidades de intervenção de outras linguagens; compreender que o programa de lazer deve ser feito com o público e não para o público; Ser um líder democrático e não autoritário; carisma; capacidade de lidar com o público; capacidade de estabelecer contatos, tanto com o público-alvo quanto com os profissionais de outras áreas objetivando a multidisciplinaridade; capacidade de inovar, criar e recriar suas propostas; Uma visão estratégica, desenvolvendo sua capacidade de planejar, criar e operacionalizar projeto a curto, médio e longo prazo; Empenho permanente para ler e se atualizar, e por último, ter capacidade de perceber o quanto às diferenças sociais influenciam seu trabalho, construindo, assim, uma prática responsável de inclusão social e de contribuição para a superação do status quo.

Todavia, para obter essas características, o profissional de lazer precisa de uma boa formação profissional.

No entanto, o profissional de lazer não tem apenas a função de preencher o tempo livre dos indivíduos de qualquer forma, mas de forma inteligente e construtiva, proporcionando descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal.

O PROFISSIONAL DE LAZER FORMADO NO CEFET- RN

Em vista a atender as necessidades do mercado de trabalho que exige do profissional de lazer uma mão-de-obra qualificada, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte oferece o Curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida que toma por base a legislação da Educação Superior, principalmente a Lei Federal N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996 e o decreto n° 2.208, de 17 de abril de 1997 que regem o funcionamento do ensino tecnológico, correspondente a curso de nível superior na área tecnológica, com a finalidade de formar profissionais capazes de atuar na área de Lazer e Desenvolvimento Social, atendendo uma nova perspectiva de mercado que se encontra em expansão na região Nordeste do País. O presente Curso funciona no regime seriado semestral,

inicialmente foi oferecida uma turma de 35 alunos, no turno noturno, com uma entrada a cada ano.

De acordo com o Projeto de Implantação do Curso, o mesmo tem como objetivos: Instrumentalizar os profissionais para que elaborem, executem e avaliem projetos de lazer através de parcerias, convênios e pesquisas na área, objetivando atender os mais diferentes segmentos da sociedade; Capacitar o profissional do lazer, para atuar numa sociedade em permanente transformação cultural, utilizando-se do conhecimento científico e sua aplicação na realidade social; Qualificar o profissional do lazer, para empreendimento políticas públicas e privadas setoriais de lazer, balizadas pelos princípios de proteção, conservação e preservação do patrimônio histórico-cultural e dos recursos naturais, compatibilizando com o desenvolvimento social e as vivências de lazer; Instrumentalizar o profissional do lazer, visando democratização de vivências conscientes do lazer, identificadas com a construção da cidadania, da saúde, da qualidade de vida e da humanização das relações inter-pessoais; Qualificar para o gerenciamento de programas e eventos de lazer norteadores pelos princípios da honestidade, ética e transparência administrativa; Proporcionar uma formação na perspectiva transdisciplinar por compreender a importância da contribuição das diversas ciências humanas, na atuação do profissional do lazer no mercado de trabalho; Instrumentalizar o profissional de lazer para compreender a ordenação do tempo social do não trabalho, contribuindo assim, para o entendimento das possibilidades e limites das vivências do lazer.

Partindo desses objetivos, ao final do curso o aluno estará apto a Elaborar, executar e avaliar projetos de lazer em seus mais diferentes segmentos na sociedade, com enfoque no desenvolvimento sustentável; Adquirir pensamento científico quanto aos aspectos filosóficos, sociológicos, psicológicos e antropológicos dos pequenos e grandes grupos humanos; Conhecer e explorar os diversos campos de atuação profissional existentes e disponíveis ao tecnólogo de lazer e qualidade de vida; Consolidar uma formação multicultural, visando entender as características de cada segmento social em diferentes comunidades; Otimizar os espaços urbanos de forma multi-facetada, na perspectiva do

desenvolvimento sustentável; Empreender projetos na área de Lazer e Qualidade de vida, na perspectiva da autonomia e auto-sustentabilidade comunitária;

A base de conhecimentos científicos e tecnológicos deverá capacitar o aluno para:

- Dominar conhecimentos científicos e tecnológicos na área de lazer e qualidade de vida;
- Utilizar adequadamente a linguagem oral e escrita como instrumento de comunicação e interação social necessária ao desempenho da atuação profissional;
- Realizar pesquisa utilizando-se dos procedimentos metodológicos da pesquisa social como forma de contribuir para a produção do conhecimento;
- Organizar programas e projetos de lazer identificados com os interesses, necessidades e expectativas da comunidade alvo;
- Organizar ações que atendam aos objetivos da instituição pública, privada ou do terceiro setor, que visem o lazer com base no desenvolvimento sustentável nos diferentes aspectos da vida coletiva, ao associativismo cooperativo, aos processos de formação de grupos de interesses comuns, e a inclusão social individual e coletiva, em relação a vida familiar e comunitária;
- Executar e socializar vivências de lazer nas comunidades visando a melhoria da qualidade de vida e do relacionamento pessoal e social;
- Identificar instituições, grupos e pessoas que poderam cooperar com programas, projetos e ações, estabelecendo parcerias institucionais, de recursos financeiros e material e colaboração multiprofissionais, inclusive voluntários mediando interesses e práticas operacionais;
- Identificar e utilizar, de forma ética e adequada programas de incentivo e outras possibilidade de capacitação de recursos e patrocínios para a viabilização das ações;
- Articular meios para realização das ações de lazer com prestadores de serviços e provedores de apoio e infraestrutura;
- Organizar espaços físicos para atividades, prevendo sua ambientação, uso, segurança e articulação operacional, e de fluxo de trabalho de pessoas;
- Executar atividades de gerenciamento do pessoal envolvido nas atividades e serviços de lazer oferecidos a comunidade;
- Avaliar os programas e projetos de lazer desenvolvidos perante as instituições públicas, privadas e do terceiro setor;
- Viabilizar a aplicação da legislação nacional, bem como princípios e normas pertinentes;

A aquisição dessas competências requer a formação de atitudes, tais como: pontualidade, assiduidade, responsabilidade, respeito à individualidade e à coletividade e cooperação. O aluno terá como competências específicas: Conhecer as características culturais de organização do tempo e espaço do cotidiano nos diversos segmentos sociais e, a partir delas, as possibilidades e barreiras para o lazer; Analisar a importância da reordenação e ressignificação do tempo diário de modo a ampliar as possibilidades de vivências de lazer; Compreender os elementos e eixos temáticos que integram os estudos de aprofundamento e sua realização teórico-prática na vivência de lazer; Instrumentalizar político e pedagogicamente, permitindo o empreendimento de ações do lazer coerentes com o contexto histórico e social; Compreender a complexidade e o dinamismo da estrutura social, possibilitando ultrapassar os limites que dificultam a efetiva vivência do lazer; Entender o lazer em sua especificidade e sua estreita relação com as demais áreas de atuação do homem, considerando o processo histórico e social da construção do lazer; Compreender as questões relativas ao lazer e seu significado para o homem contemporâneo no contexto atual e sua perspectiva futura.

O currículo do curso será formado por matérias específicas e não específicas, desta forma propõe-se o seguinte currículo pleno para o curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida:

Bases tecnológicas	Carga Horária						Total
	1° Sem.	2° Sem	3° Sem	4° Sem	5° Sem	6° Sem	
Teoria do Lazer	3						54
Introdução aos Estudos da Filosofia	4						72
Princípios Administrativos	5						90
Cultura e Sociedade	3						54
Recursos Multimídia	5						90
Projeto I	2						32

Produção de Textos I	3						54
Filosofia do Lazer		4					72
Interesses Culturais do lazer		3					54
Gestão de Negócios		5					90
Elemento Lúdico da Cultura		3					54
Evolução Histórica do Trabalho		3					54
Projeto II		2					36
Produção de Textos II		5					90
Lazer, corpo e sociedade			4				72
Lazer e meio ambiente			4				72
Mídia e Indústria Cultural			4				72
Literatura e estudos culturais			4				72
Desenvolvimento Inter-pessoal			5				90
Primeiros Socorros			2				36
Projeto III			2				36
Lazer e Mercado de Trabalho				3			54
Lazer e urbanismo				4			72
Pedagogia do Jogo				6			108
Estudos da arte				4			72
Metodologia da pesquisa social				3			54
Projeto IV				2			36

Recreação aquática				3			54
Projetos e ação comunitária					4		72
Lazer e Inclusão social					4		72
Espaços artísticos e culturais					4		72
Gestão de Lazer em espaços alternativos					4		72
Seminário de trabalho de conclusão de curso I					4		72
Ética e Cidadania					3		54
Projeto V					2		36
Organização de Eventos						4	72
Lazer e Esporte de Aventuras						4	72
Legislação e Políticas culturais						4	72
Seminário de trabalho de conclusão de curso II						6	108
Projeto VI						2	36
Estágio						17	306
Seminários, Congressos e produções culturais						5	90
TOTAL							3.000

Obs.: 3.000 hora/aula corresponde a 2.400 horas/relógio.

ANÁLISE DOS DADOS

Após a aplicação dos questionários aplicados aos alunos concluintes do Curso Superior em Lazer e Qualidade de Vida, podemos ter uma idéia do que foi reflexivo para eles ao longo dos 3 anos de estudos em torno do Lazer e da Qualidade de Vida.

Quando perguntados se já haviam atuado na área do lazer, apenas 50% da turma já passaram por experiências nessa área, mas especificamente na área de recreação e organização de eventos e são aptos a criar, elaborar e executar projetos de lazer. No entanto, eles sentem uma maior necessidade de valorização da área.

Os outros 50% que nunca atuaram na área respondem que gostariam de atuar na área de eventos culturais, uma vez que tem habilidades para planejar e organizar e possuem uma certa dificuldade em atuar como recreadores.

No geral, os alunos responderam que o profissional de lazer tem uma formação polivalente, complexa e continua e é alguém detentor da teoria, da prática e de um conhecimento de mundo, pois irá atuar para a melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, para o desenvolvimento social; desta forma, promovendo a análise crítica e construtiva da realidade e das relações sociais.

Ao terminar o curso eles afirmam tem um grande embasamento teórico em relação ao lazer e a qualidade de vida, no entanto dizem que na hora da prática entra em campo a criatividade, o imprevisto e a tão requisitada experiência.

Eles tem em sua concepção, o lazer como sendo um ato subjetivo de prazer onde vivencia a cultura no tempo disponível e correlaciona intrinsecamente com os aspectos tempo e atitude. Quanto a Qualidade de Vida eles entendem como sendo uma opção de viver; é uma escolha individual fundada no prazer; é a consciência do estar bem.

Ao pedir para fazer uma relação entre o lazer e a qualidade de vida eles tem o lazer como elemento elemento propiciador de prazer nos momentos de tempo disponível. Como a qualidade de vida está atrelada ao bem estar, nada mais necessário q o prazer, bem como a liberdade de como obtê-lo.

REFERÊNCIAS

DE MAIS, Domenico. **O futuro do trabalho. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro, RJ: Olympio Editora, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1983.

PINTO, Leila Mirtes S. Magalhães. LAZER E ESTILO DE VIDA: reflexão e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. In: PINTO, ____; BURGOS, Miria Suzana (org.). **Lazer e Estilo de Vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

GARCIA, Erivelto Busto. Os novos militantes culturais. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer: formação e atuação profissional**. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PAIS, José Machado. **Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana**. *Análise Social*, 22(90), P. 7-57, 1986.

SILVA, Mauricio Roberto. **O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar. Onde está o lazer/lúdico? O gato Comeu?** 2000 (Tese de Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2000.

LEFERVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, Celson Barro. **O Século do lazer**. São Paulo, SP: LTR, 1995.

MELO, Victor Andrade; ALVES, Edmundo Drummond Júnior. **Introdução ao lazer**. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2003

“LAZER PARA OS BOLSISTAS DO CEFET-RN: UMA PROPOSTA POSSÍVEL?”

Letícia Rozana Silva do Nascimento

INTRODUÇÃO

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET-RN, criado desde 1909, é uma Instituição “modelo” para a educação do Rio Grande do Norte, uma vez que representa no imaginário social da sociedade norte-riograndense a escola perfeita para a formação de qualquer cidadão.

Atuando nos três níveis de educação profissional (médio, técnico e tecnológico), essa Instituição tem como função social formar profissionalmente e culturalmente, cidadãos dotados de direitos e deveres, sem distinção de sexo, cor e/ou classe social, contribuindo assim, para a formação de uma sociedade mais humana e igualitária.

Além dos cursos oferecidos, o CEFET-RN em parceria com instituições de incentivo a pesquisa, disponibiliza bolsas de trabalhos para alunos de todos os níveis educacionais objetivando primordialmente proporcionar aos mesmos o contato com o mundo do trabalho, bem como, dar-lhes uma ajuda de custo para o suprimento de necessidades básicas.

Esses alunos, denominados de alunos bolsistas permanecem em tempo integral na escola, uma vez que, um turno é ocupado com as aulas e o outro turno com a bolsa de trabalho, ou vice-versa. São, em sua maioria, alunos de baixo poder aquisitivo, fato este que dificulta, mas não impossibilita, viver com qualidade de vida.

Ao longo do tempo, observou-se que por mais que o CEFET-RN venha tentando construir uma base sólida capaz de dar subsídios para a formação profissional e cultural dos seus alunos, ainda há uma estrutura sólida no que diz respeito à formação cultural, tendo em vista a ausência de uma política de lazer para os momentos da não – obrigação. Política esta, que fosse capaz de “ocupar” de forma prazerosa o tempo disponível desses bolsistas na tentativa de melhorar a qualidade de vida e a formar culturalmente os mesmos.

Essa situação contribuiu para o surgimento de questões preocupantes, visto que a maioria dos bolsistas é adolescente, e que, portanto, são mais influenciáveis. Preocupações estas que se desdobram nas seguintes questões: o que os bolsistas do CEFET-RN estão fazendo no tempo da não-obrigação?

Para tanto, o presente estudo se propõe analisar a necessidade da implantação de uma proposta de lazer para os bolsistas do CEFET-RN no ambiente escolar.

AS TRANSFORMAÇÕES

As escolas na contemporaneidade, devido às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, e principalmente devido às novas configurações do mercado de trabalho, responsáveis diretos pela ausência dos pais ou responsáveis na educação informal, assumiram além do papel de educadoras tradicionais, a responsabilidade pela formação sócio – cultural dos indivíduos.

Sendo o CEFET-RN uma Instituição de ensino não só responsável pela educação formal de seus alunos, mas também participante no processo de formação cultural, acredita-se que esse estudo é de grande importância para a direção e para os alunos dessa Instituição.

Tal afirmação é fortalecida ao observar os resultados do estudo que o conhecimento sobre as formas de oferecer mais qualidade de vida através do lazer para os bolsistas, oportuniza o CEFET-RN novas formas de intervenção sobre a educação dos seus alunos, cumprindo assim com sua função social, uma vez que está comprometida em formar cidadãos e construir uma sociedade mais humana e igualitária.

Essa pesquisa também se torna relevante aos profissionais do lazer, uma vez que intenta, entrelinhas, firmar mais um campo de atuação profissional. Além de trazer a tona novas idéias que possam oportunizar a essa categoria a produção de novos conhecimentos, com reflexões acerca do uso do tempo livre e da possibilidade de vivenciar o lazer em ambientes alternativos.

O CAMINHO SEGUIDO

Esse estudo adotou como base epistemológica o materialismo dialético, uma vez que procura analisar a necessidade da implantação de uma proposta de lazer para os bolsistas do CEFET-RN em sua essência, considerando os

alunos como um ser histórico e social, bem como sua relação com o tempo da obrigação e o tempo da não-obrigação.

Trata-se de um estudo exploratório, dado a ausência de informação sobre o tema, o qual acontecerá no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, localizado na Av. Senador Salgado Filho, nº 1559, Bairro: Tirol em Natal/RN, sendo a população da pesquisa constituída pelos alunos bolsistas dessa Instituição que passam tempo integral.

Para atender todos os objetivos do estudo, primeiramente, foi realizado uma entrevista semi-estruturada com o Diretor da Unidade de Natal, objetivando identificar como o CEFET-RN vem contribuindo na construção de uma educação para e pelo o lazer, e qual a abertura que a mesma propicia para a realização de tais vivências no âmbito Institucional.

Após a realização dessa entrevista foi feito junto ao Serviço Social do CEFET-RN, um levantamento e seleção dos alunos bolsistas. Após essa seleção, foram aplicados questionários mistos para caracterizar em todos os níveis sociais, econômicos, (culturais e políticos) os bolsistas; observar como eles utilizam o tempo livre; e diagnosticar quais seus anseios em relação ao lazer no âmbito escolar, elencando as formas de lazer que os mesmos gostariam de vivenciar no tempo das não-obrigações.

Em seguida, foi feita a análise e tratamento dos dados coletados para que se torne possível alcançar o objetivo geral do estudo, o qual, intenta verificar a viabilidade de uma proposta de lazer para os bolsistas do CEFET-RN.

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E LAZER

A educação é algo que nunca deixou de se desenvolver, e assim como muitas outras coisas têm mais do que um processo de evolução que revelam como se deu esse desenvolvimento ao longo do tempo, através de revoluções e contra-revoluções.

Dentro do desenvolvimento da educação podemos destacar algumas mudanças ocorridas através de Enguita(1989) quando relata que:

A idéia de que a escola prepara para o trabalho, não já em termos cognitivos, embora também, mas sobretudo em termos de atitudes, disposições, formas de conduta e aceitação das relações sociais imperantes pode ser aceita, em geral pela maioria dos estudiosos da educação. (p.1)

A educação em seu surgimento era apenas para o trabalho, depois passou para a religiosidade e com a necessidade de outras práticas sociais além do trabalho e da religiosidade a educação através da escola passa a ser um veículo de transmissão de diversos conhecimentos e práticas sociais.

As novas formas de organização do trabalho fizeram com que surgissem um novo tipo de formação, no qual o domínio do conhecimento e o tempo de escolarização passaram a ser estratégicos. Com isso a educação cada vez mais segue em busca de qualidade, onde o pensamento da educação gira em torno da pessoa, do cidadão e do trabalho em busca do conhecimento e da participação dos processos de produção da sobrevivência para o desenvolvimento pessoal e social.

As tecnologias que surgiram na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos a centralização do conhecimento nos processos de produção e organização da vida social, assegurando à educação autonomias nunca vistas antes. Isto ocorre devido ao desenvolvimento de competências cognitivas e culturais exigidas no desenvolvimento da humanidade.

A educação em seu novo contexto deve ter o papel econômico, científico e cultural estruturado em quatro alicerces: aprender a conhecer que é dominar os próprios instrumentos do conhecimento; aprender a fazer que é desenvolver habilidades em situações diferentes; aprender a viver que é viver junto com outras pessoas dividindo conhecimentos e aprender a ser formulando seus próprios pensamentos.

Em sua atuação o CEFET-RN tem por função social a formação profissional-cidadã nos diferentes níveis da educação profissional, através de um processo de apropriação e da produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando uma atuação competente no mundo produtivo, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade crítica e criativa. Promovendo a capacitação de jovens e adultos através da aquisição de conhecimentos e do desenvolvimento de competências e habilidades gerais e específicas para o desempenho de atividades profissionais e a participação efetiva na sociedade; Possibilitando a formação de profissionais nos níveis técnico, tecnológico e de pós graduação, com vistas ao exercício competente de atividades produtivas e ao compromisso com a melhoria de vida da população; Oferecendo cursos de

especialização, aperfeiçoamento e atualização a profissionais já atuantes no mercado de trabalho, tendo em vista o contínuo aprimoramento de suas competências laborais e o pleno exercício da cidadania; Propiciar qualificação, reprofissionalização e atualização de jovens e adultos trabalhadores, independentes de seu nível de escolaridade, visando a sua inserção no mundo do trabalho e à participação consciente da vida social; Promover cursos de nível superior, com vistas a formação de professores e especialistas na área tecnológica; Capacitar profissionais através de programas especiais de formação pedagógica, visando a sua atuação como docentes de disciplinas específicas dos diversos níveis da educação profissional; Incentivar a pesquisa tecnológica com o propósito de estender os seus benefícios ao mundo produtivo e à sociedade em geral.

Com isso deve considerar os fatores que também desempenham um papel importante na formação do aluno, ignorando todos os processos educativos que atualmente se produzem à margem dela, como a existência no ambiente sociocultural de meios que transmitem outras mensagens de informação (televisão, rádio, vídeo, internet dentre outros...), para que não se torne enfraquecida, limitando-se a ensinar para o momento não dando bases para o aumento de conhecimentos e capacidades na sociedade que está em processo de evolução acelerado.

A escola também não pode esquecer do tempo livre como processo de formação. Ficando assim incumbida de proporcionar aos alunos conhecimentos e oportunidades para que eles possam viver, conviver e trabalhar, dando sentidos às suas vidas. E para que esse objetivos sejam alcançados deve necessariamente existir uma educação para o lazer.

Para Requixa (1979):

A educação é hoje entendida como o grande veículo para o desenvolvimento, e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a sua esfera de responsabilidades (p. 21).

Os indivíduos, ao praticarem o lazer, desenvolvem-se tanto individualmente como socialmente, garantindo o seu bem estar e a participação

mais ativa no atendimento de necessidades e aspirações de ordem individual, familiar, cultural e comunitária.

A educação para o lazer faz com que o indivíduo viva o seu tempo disponível da melhor forma possível, de maneira a se desenvolver totalmente ampliando os conhecimentos de si próprio, do lazer e das relações do lazer com a vida e com a sociedade.

Dar conta deste potencial, no entanto, requer uma transformação nas práticas educacionais para que venham a ser reconhecidos os valores do lazer, dotando os alunos de instrumentos e conhecimentos necessários para que possam organizar a sua própria vida, tanto do ponto de vista do trabalho, como do aproveitamento do seu tempo livre.

LAZER PARA OS BOLSISTAS É POSSÍVEL?

O programa de bolsas de trabalho se constitui em dar condições ao aluno de baixo poder aquisitivo apoio financeiro para a manutenção de seus estudos, pela valorização de suas próprias potencialidades, visando descaracterizar o auxílio, como assistencialista, de forma a possibilitar-lhe uma experiência antecipada da atividade profissional, criando assim, uma oportunidade de capacitação que possibilite o desenvolvimento de atitudes e habilidades necessárias a um profissional dentro da sociedade, contribuindo para a educação tecnológica integrando o aluno nas atividades técnicas administrativas de apoio ao ensino e possibilitando-lhes experiências profissionalizantes, despertando-os para um melhor desempenho e competitividade para o mercado de trabalho, como pontualidade, assiduidade, responsabilidade, prática de informática básica, atendimento ao cliente, entre outros.

Além disso, os bolsistas exercem suas atividades, sem qualquer vínculo empregatício com o CEFET-RN, em regime de 20 horas semanais, em turno inverso ao das suas atividades acadêmicas.

Para que o aluno esteja habilitado à bolsa de trabalho, ele deve estar regularmente matriculado no CEFET-RN, ser carente de recursos financeiros, não possuir nenhum vínculo empregatício, estar cadastrado no programa, estar cursando o 2º ano do ensino técnico integrado, 2º módulo do técnico subsequente e o 2º período do tecnológico.

A concessão das bolsas leva em conta a disponibilidade de recursos liberados a cada ano para a assistência ao estudante.

Os alunos cadastrados apresentam uma foto 3x4, comprovante de renda familiar, declaração de imposto de renda e comprovante de despesas.

A seleção é feita através da ficha de inscrição pelo critério de carência comprovada pela renda e despesas mensais, assim como pela análise do histórico escolar que não deve ter reprovação ou dependência.

A oferta de bolsa no CEFET/RN se constitui num instrumento através do qual o aluno tem ganhado em termos de remuneração e também é um meio de contribuir para a educação tecnológica. Tem como principais objetivos: Além da remuneração mensal, o bolsista tem direito à alimentação, fornecida pela própria instituição, passe estudantil e participação nos cursos de idiomas.

Segundo o professor entrevistado, os alunos têm responsabilidade de participar do processo de aprendizagem visando a sua formação profissional com a consciência de que a experiência vivenciada possibilitará a sua participação na construção da sociedade.

Uma das finalidades básicas da educação é desenvolver os valores e atitudes das pessoas e provê-las com o conhecimento e aptidões que lhes permitirão sentir-se mais seguras e com mais prazer na vida. Ela além de ser importante para o trabalho e para a economia, é importante também para o desenvolvimento do indivíduo como um membro participante na sociedade e no alcance da qualidade de vida através do lazer. Isto pode ser obtido pelo desenvolvimento e promoção de valores, atitudes, conhecimento e aptidões de lazer através do desenvolvimento pessoal, social, físico, emocional e intelectual impactando na sociedade como um todo.

Para formar tais indivíduos, o CEFET-RN vem contribuindo ao longo dos anos com as novas exigências colocadas pelo desenvolvimento tecnológico e social, oferecendo oportunidade de ensino, esporte, cultura e convivência através da oferta de ensino, pesquisa e extensão. Tendo uma preocupação com a formação cultural de seus alunos, disponibilizando os seus diversos espaços de convivência seja no teatro, coral, música, grupos religiosos, atividades de extensão e esportes.

Ao verificar a utilização do tempo livre dos alunos bolsistas em estudo, após a aplicação e análise dos questionários, observou-se a presença

considerável de mulheres, uma vez que dos 43 alunos bolsistas entrevistados, 27 são mulheres e apenas 16 são homens. Quanto a faixa etária dessas pessoas, é possível afirmar que a mesma é bem heterogênea dado a presença das diversas gerações, com idades compreendidas entre 14 e 25 anos, tendo maior índice na faixa de 17 à 21 anos. Sendo alunos do Ensino médio, técnico e tecnológico.

Os bolsistas utilizam como principais fontes de informação a internet, livros, periódicos/revistas, jornais, televisão e rádio, e costumam utilizar o seu tempo livre com diversas atividades dentre as quais destacam-se: ler, conversar com amigos, ouvir música, caminhar, viajar, navegar na internet, assistir televisão, ir ao cinema/ teatro/ shows/ eventos culturais, desenhar, jogar bola e descansar.

A heterogeneidade desses bolsistas não se restringe apenas a faixa etária, uma vez que, a mesma é constituída por pessoas com diferenças pessoais imensas relativas a gostos, preferências, habilidades e debilidades. Onde existem pessoas que são extremamente tímidas e outras extremamente extrovertidas que gostam de assistir, se divertir, passear, viajar, dormir, ouvir música, escrever, caminhar, namorar, praticar esportes e estudar. Porém, embora haja essa divergência, são pessoas comunicativas, criativas e receptivas ao que vem de novo.

Esses bolsistas costumam utilizar o seu tempo livre dentro do CEFET-RN com diversas atividades dentre as quais destacam-se: ler, conversar com amigos, internet, desenhar e namorar. Porém gostariam de ter momentos de lazer através de atividades como: esportes, vídeo palestras, apresentações culturais, oficinas, gincanas, palestras, comemorações dentre outras.

Dessa forma, pode-se dizer que seria viável uma proposta de lazer para os bolsistas do CEFET-RN, para tanto basta que seja sistematizado e viabilizado com a participação dos bolsistas e das entidades estudantis, sob a coordenação da Diretoria de ensino oportunidades para que eles possam utilizar o lazer, dando mais sentidos às suas vidas, e proporcionando o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social.

VII . REFERÊNCIAS

BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

REQUIXA, Renato. Conceito de lazer. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**. N.º 42, pp. 11-21,1979.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

APOSENTADORIA E UM NOVO PROJETO DE VIDA: UM OLHAR DO PROFISSIONAL DE LAZER

Jeffersiane Letieri Marinho de Souza

No início da década de 1960, já se observava, o envelhecimento gradativo da população brasileira. Porém, a cultura cria valores nem sempre em sintonia com as leis constitucionais que asseguram o direito de todo cidadão ao lazer e especialmente ao segmento do idoso.

A relevância que a sociedade industrial dá, considerando útil apenas àquele que produz, acaba confundindo e reduzindo a auto-estima dos indivíduos que estão prestes a se aposentarem dificultando com isso, a busca de uma melhor qualidade de vida. Essa idéia é confirmada nas palavras de Marcellino apud Márquez Filho (1999, p.113) quando diz que:

A falta de condições culturais favoráveis a um envelhecimento sadio, os baixos valores das aposentadorias, a inadequação das cidades às condições físicas do idoso e a inexistência de um programa de cultura e lazer são fatores que levam inevitavelmente o idoso a um confinamento, gerando insegurança e outros desajustes psicossociais.

A era da informação também trouxe algumas transformações para a sociedade, dentre elas pode-se destacar a redução significativa do tempo de trabalho, assim como, o acúmulo de capitais. Diante de tais benefícios pode-se imaginar que agora sim, o indivíduo passa a ter mais tempo para usufruir do lazer, se dedicar a sua qualidade de vida, porém os comportamentos e hábitos adquiridos nessa sociedade moderna e consumista muitas vezes não melhorou em nada a qualidade de vida dos indivíduos. Talvez seja pela falta de percepção, que estes não enxerguem as múltiplas alternativas que o dia a dia os oferece para com isso deixar de lado a indústria do entretenimento. Pois como relata Pires (2002, p.29) “...costumam reduzir o cotidiano ao banal, insignificante, ao rotineiro, ao repetitivo, enfim, ao a-histórico”. Muitas vezes valorizando apenas o lazer caro, exclusivista e segregador.

Nesse sentido, este estudo tomou corpo pela percepção da falta de orientação e/ou educação para o lazer na vida daqueles que chega a aposentadoria e entram no processo de ociosidade, e conseqüentemente, apresentam uma baixa

qualidade de vida, pois se tornam pessoas mal humoradas, amargas e muitas vezes por não saber o que fazer sentem-se inúteis. A partir dessa inquietação foi-se em busca de saber o porquê desse sentimento de inutilidade, procurando informações à respeito dos planos de vida que os pré-aposentados fazem, enquanto ainda ativos no mercado de trabalho, para então entender o motivo que leva essas pessoas a optarem por não fazer nada e sentirem-se insatisfeitos.

Ao passo que aumenta a expectativa de vida dos indivíduos, cresce também a necessidade e a importância de intervenções que objetivem o divertimento e o descanso promovendo bem-estar social, assim como, o desenvolvimento sócio cultural, garantindo com isso uma melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Não podemos desprezar também alguns fatores, não menos importante, como a alimentação, o estilo de vida e atividade física que levam ao indivíduo benefícios proporcionadores de uma melhor qualidade de vida.

Alguns estudiosos do lazer acreditam que não existe tempo totalmente livre de alguma obrigação, e é nesse sentido que o termo tempo livre descrito nessa pesquisa deve ser compreendido como tempo disponível, ou seja, momento no qual o indivíduo está livre de todas as cobranças e obrigações que lhes são impostas pelo meio social, profissional, religioso, político, familiar e até mesmo pelas necessidades orgânicas vitais, podendo assim usufruir do lazer ou optar por não fazer nada, desde que a ele seja proporcionado prazer.

Dentro do contexto da pesquisa, direciona-se o objeto de estudo na busca de reunir os planos que os pré-aposentados do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte fazem para melhorar a sua qualidade de vida, através do lazer, durante a aposentadoria.

Vale salientar que são os futuros aposentados detentores do tempo mais almejado pela maioria das pessoas que é o tempo livre, livre não só do trabalho, mas de diversas outras obrigações. É nesse contexto que a presente pesquisa procurou ao analisar os planos de vida dos pré-aposentados, verificar a importância que eles dão ao lazer no tempo livre das obrigações, discutindo a atual situação referente a qualidade de vida deles enquanto agentes ativos, buscando também detectar possíveis influências (sócio-cultural) quanto às escolhas que fazem das atividades realizadas no tempo disponível às práticas de lazer, e por fim, identificar a confluência de anseios pretendidos pelos futuros aposentados.

O termo pré-aposentado nesse trabalho é utilizado para fazer referência àquelas pessoas que estão na iminência da aposentadoria.

Ao término da vida laboral os aposentados devem enfrentar os limites/barreiras que a vida os colocou; conscientizar-se dos seus direitos de cidadão para atingir uma vida com qualidade; construir sua autonomia; reconhecer o lazer como contribuidor para a melhoria da qualidade de vida, buscando construir novos valores, moral e conceitos.

Conhecer as peculiaridades da falta de lazer na vida das pessoas aposentadas é seguramente importante para que se protejam especialmente da ausência desse lazer, possibilitando a transcendência do desenvolvimento pessoal e social.

É importante retomar historicamente os tempos antigos, para que se compreenda o porquê da valorização e preservação de determinados valores continuarem existindo na contemporaneidade.

Ao longo da história verifica-se que, nas sociedades antigas o trabalho que era tão desvalorizado, passa a ser elemento integrador e dignificante do homem e conseqüentemente da sociedade. É a partir desses preceitos valorativos que surge as idéias depreciativas de quem não trabalha. Tal fato é confirmado nas palavras de Werneck (2000, p.54) quando explicita: “Daí se desenvolve a idéia de que aqueles que não trabalham são parasitas, inúteis ou delinqüentes; ou que, em certa medida, aqueles que não trabalham não tem o direito de comer, muito menos descansar e se divertir”.

Aos poucos se percebe a intensificação das lutas incessantes pela redução das jornadas de trabalho e pelos direitos ao descanso a fins de semana, feriados e férias remuneradas. Como conseqüências dessas lutas ganham um aumento do tempo livre destinado ao lazer, assim como, um aumento dos salários que passa a suprir as necessidades de sobrevivência mínima. Porém, verifica-se que esse tempo que foi conquistado a duras penas e emerge como um direito de cidadania vem sendo ocupado por diversas outras atividades no intuito de ampliar as finanças para satisfazer os novos sonhos de consumo dos indivíduos, que cresce a cada dia.

No decorrer do século XX, período também denominado de pós-moderno, o lazer vem ganhando importância cada vez maior pela descoberta do quanto é promissor aos grandes investidores quanto satisfatório aos seus consumidores. Para concretizar tal afirmação Werneck (2000, p.70) diz que a indústria de lazer e

entretenimento oferece o lazer como sendo um propiciador de “prazer, diversão e felicidade sempre ao alcance de todos” os quais objetivam compensar as frustrações vividas no cotidiano.

A mídia reforça a idéia de que as várias décadas voltadas ao trabalho e a profissionalização passaram, agora o que se quer é “viver bem”. O objetivo atualmente é usufruir o lazer, que articulado a outros fatores como moradia, acessibilidade, dentre outros, levam a uma melhor qualidade de vida independente da faixa etária e do grupo social no qual o indivíduo está inserido, mesmo que, a atual situação de privação sócio-econômico, dificulte a realização dos desejos e necessidades humanas, limitando o acesso desses ao lazer, por ser considerado um produto supérfluo, portanto dispensável.

A preocupação com a qualidade de vida é um acontecimento recente que surgiu no final do século XX. Deve ser aplicada a todas as idades do ser humano, no intuito de quebrar o estigma de que qualidade de vida é assunto que desrespeita apenas ao idoso. Nesse sentido Damineli (2000) conceitua:

Qualidade de vida é um desses temas que, de tão amplo, qualquer opinião emitida a respeito está correta: todas as concepções dão conta de parte da verdade, mas nenhuma é tão abrangente que dê conta do todo (p.39).

Segundo Kahn apud Rodrigues (1998, p.98) a “qualidade de vida é definida não só pelo que é feito para as pessoas, mas também pelo que elas fazem por si próprias e pelos outros”.

As pessoas não se dão conta que para alcançar uma boa qualidade de vida é preciso fugir da passividade, transformar, agir, aprender a superar os obstáculos, assim como, permitir uma abertura na qual os indivíduos passem a agregar novos valores, aceitar uma nova forma de ver a própria realidade, planejando para o futuro vivências positivas que restaurem o bem-estar e ajude a levantar a auto-estima, tendo como aliado o lazer, pois como ressalta Néri (2002, p.13) “Ter uma boa qualidade de vida depende da interação entre o indivíduo e o seu contexto social, ambos em constante transformação”.

Para Cury (2002, p.9) “A maior dúvida da ciência não é conhecer os mistérios sobre o mundo em que estamos, mas os segredos sobre o mundo que somos”. Portanto, faz-se necessário que cada indivíduo tenha consciência dos seus erros, falhas, fraquezas, renúncias e limites, mas não se esqueça da força que habita o

seu ser e pode transformar sua vida a partir do momento que sua consciência revela também suas qualidades, alegrias, inteligência, tranquilidade, serenidade, firmeza, segurança para enfrentar e solucionar os problemas que possam surgir.

Infelizmente não existe uma preparação educacional eficaz que permita que os indivíduos alcancem um estágio de consciência que os alertem de que devem aproveitar todos os momentos da vida em prol da sua qualidade de vida. Porque, como relata Cury (2002, p.9) “Apesar de a vida humana ser belíssima, ela é muito breve, tal como uma chama que rapidamente cintila e logo se dissipa”. O mesmo autor alerta também que “Se não ficarmos atentos, a meninice e a velhice se encontram com muita rapidez e, quando nos dermos conta, estaremos prestes a nos tornar uma página na história”.

Atualmente o ser humano vem se preocupando e valorizando o físico, a imagem, que aos poucos impregnam marcas e tornam-se verdadeiros obstáculos, carregando cada marca como se fosse um fardo pesado que a vida lhe colocou. Cury (2002, p.48) afirma que: “Infelizmente a maioria das pessoas sofre inutilmente. Elas expandem sua miséria e perdem a oportunidade de enriquecer sua sabedoria”. Portanto, aos que se sentem cansados pelo longo e doloroso caminho que trilhou é preciso mostrar-lhes que todo o peso, dor e cansaço são fantasmas de suas cabeças e eles podem e devem eliminar esses fantasmas preenchendo seu tempo com atividades prazerosas que lhes permitam usufruir de ótima saúde na sua totalidade. Pois, segundo Cury (2002, p.20) “O maior problema é vedar os olhos para não enxergar os próprios problemas”. Talvez essa recente preocupação com a aparência tenha nascido com a consciência de que a evolução científica trouxe uma possibilidade de maior longevidade, com o retardo da velhice e outros bens. Com isso cresce uma vontade maior de viver, e viver com uma melhor qualidade de vida.

Esclarecer essas pessoas não é um trabalho fácil, pois estão fechadas pelas suas crenças, valores, enfim, cultura que infelizmente não dá facilmente brechas às coisas novas, que tiram o indivíduo da “área de conforto” com diz Cury. Muitos se sentem desconfortáveis quando precisam adaptar-se as mudanças, considerando melhor e mais cômodo ficar como estão, passivos, vivenciando a rotina da vida. Tudo isso por medo. O medo que o acompanha por toda sua vida, mas que deve ser eliminado para possibilitar a liberdade plena tão desejada pelo ser humano. É preciso ter coragem para enfrentar os novos desafios que a vida oferece.

A falta de coragem sofrida pelos pré-aposentados, no momento em que eles têm aspectos positivos ao seu lado, como por exemplo, tempo livre favorável às práticas de lazer, muitas vezes foi cultivada ao longo da vida, pela releitura que eles mesmos fizeram de um trauma de infância ou de um comportamento não aprovado pela sociedade. Tal fato é afirmado pelo pensamento de Cury (2002) quando relata que:

O problema não é a dor original causada por uma rejeição, crítica, problemas profissionais, perda de emprego, separação conjugal, acidente, frustração. O problema é a leitura que continuamos fazendo dessa dor emocional e os novos registros que ocorrem depois de cada leitura (p.16).

O trauma citado amplia a insegurança, o medo, o sofrimento, rouba a alegria de viver e impedem os ideais da vida, fazendo com que as pessoas renunciem seus sonhos e tornem-se totalmente apáticos diante de tantas oportunidades e possibilidades que surgem nesse momento tão belo da vida, que é até chamado de “melhor idade”. Cury (2002, p.61) alerta, “Tome consciência de como você interpreta e registra os eventos do dia a dia, e você estará investindo em qualidade de vida”.

É preciso mostrar aos pré-aposentados que a vida continua, pois, se existe pessoas na mesma situação que a sua, desfrutando tudo de bom que a vida os oferece, porque não encarar essa fase com mais naturalidade, coragem e determinação, perseverando a realização dos seus desejos.

Se você quer ser feliz permita que o seu corpo faça o que quiser. Permita que seus pensamentos, desejos, querer e prazer sejam realizados através da ação corporal, da sua corporeidade e seja muito feliz.

Ser feliz é saber envelhecer com felicidade. Usar seu corpo de maneira alegre, saudável, prazerosa, não de forma dissociada, mas completa. Ser feliz é perceber que tem todas as partes que compõe o corpo e saber explorá-lo a seu favor, a seu bel-prazer de forma consciente e sem medo das reprovações da sociedade.

A descoberta do tempo trouxe à humanidade diversas implicações perpassando desde obrigações, que objetivam à sobrevivência, até à consciência do quê fazer para não deixar esse tempo passar sem usufruir plenamente dele, uma vez que sabe-se: ele não é estático, nem retrocede, apenas passa. É diante dessa realidade que os aposentados devem conscientizar-se de que o tempo torna-se mais

escasso à medida que passa, tornando-se necessário ser aproveitado ao máximo, tirando o melhor proveito de tudo que esse tempo os propõe.

As experiências que os pré-aposentados tem tido diante dos ponteiros do relógio, tem sido um tanto perturbador, pois a cada dia que passa, percebem que o tempo está passando muito mais rápido do que anos atrás. Para compreender melhor tal perturbação é preciso ter discernimento de avaliar como as pessoas estão levando a vida, ou seja, como anda o estilo de vida da humanidade. Ficará claro e evidente que o tempo é o mesmo, mudando apenas a quantidade de atividades que as pessoas buscam para preencher aquele “tempinho” que era livre e considerado improdutivo na sociedade capitalista na qual se vive. É justamente por culpa dessa busca incessante em ocupar-se com algo, que falta o tempo livre tão almejado por todos. E as conseqüências dessa sobrecarga são relatadas por Maia (2001, p.7):

É fato, contudo, que a crescente intensidade da sobrecarga à qual as pessoas estão sendo submetidas tem sido acompanhada por estresse e doenças crônicas, entre as quais se destacam as lesões por esforços repetitivos, os problemas de coluna e a fadiga muscular. Por essas razões é mais do que imprescindível repensar a qualidade de vida.

Nesse sentido cabe a cada indivíduo perceber a importância de permitir-se usufruir desse tempo desprendido de obrigações, em prol de si, ou melhor, do melhoramento de sua qualidade de vida. Essa atitude, uma vez tomada, manterá saudável não só o corpo, mais também a mente, uma vez que possibilitará a revitalização do desgaste diário das responsabilidades e obrigações que lhes foram atribuídas ao longo da vida.

Às vezes ouvi-se dizer que os aposentados preferem continuar trabalhando na aposentadoria, pois se sentem inúteis, aborrecidos em casa sem ter o que fazer. Porém, nunca é tarde para mudar de atitude, perceber, aprender a seguir e conscientizar-se de que aquele tempo, que é seu de direito, deve ser aproveitado com realizações que realmente os satisfaçam e não por obrigação. Pois, a qualidade de vida deles não pode ser mais ignorada, uma vez que a aposentadoria não pode ser mais encarada e relacionada à imagem de abatimento ou pessimismo. Percebemos tal resistência ao lazer propriamente dito nas palavras de Melo (2003, p.36) que relata:

É impressionante, embora não surpreendente, como algumas pessoas não conseguem se desligar do trabalho nos momentos de lazer. Assim, nesses momentos, reproduzem a mesma lógica de tempo controlado, marcam

muitas coisas ao mesmo tempo e continuam correndo, quando não utilizam o tempo para se encontrar com colegas de trabalho e continuar a falar sobre as tarefas profissionais. Algumas pessoas chegam mesmo a se negar a tirar férias ou a deixar de trabalhar nos fins de semana, apresentando-se orgulhosamente como workaholics. Quando deixam de trabalhar, entram em depressão e têm até problemas físicos. Esse estado patológico é denominado Síndrome do lazer.

Sabe-se da existência de inúmeros fatores que favorece a melhoria da qualidade de vida, dentre eles estão às práticas de exercícios físicos, o balanceamento alimentar, o histórico de vida: da saúde, escolar e ambiental, assim como, a participação social do indivíduo que já é considerado fator importante na diminuição da mortalidade dos mais velhos.

Na verdade pesquisas mostram que quando o indivíduo não faz nada, perde a agilidade e para. Se ao contrário, pratica certa atividade seja ela manual, física ou intelectual, garantirá uma ótima saúde mental que depende única e exclusivamente da sua força de vontade.

“Outro benefício à atividade mental foi encontrada em alguns estudos”, diz Thereza Venturoli (2004) sugerindo que o estímulo à atividade mental,

Pode ocasionar o nascimento de novos neurônios, mesmo na idade avançada (sim, você leu certo, ao contrário da arraigada concepção de que os neurônios uma vez perdidos não podem ser recuperados, descobriu-se há quatro anos que novos neurônios podem nascer ao longo da vida e se somar aos 100 bilhões originais) (p.100).

Segundo Venturoli “manter a cabeça funcionando prolonga a vida e a saúde dos neurônios”.

Além dessa observação acima, De Masi apud Moreira (2001) constata que:

O prolongamento da expectativa de vida do ser humano na sociedade atual, mostra que a longevidade só será associada a qualidade de vida se a pessoa idosa for mais informada e mais instruída, o que o tornará madura, bem como só o desfrutará dessa fase da idade com prazer se for possuidora de boa saúde, tanto no aspecto físico quanto no psíquico (p.20).

É nesse sentido que o pré-aposentado deve buscar sempre a informação e a socialização, no intuito de manter saudável não só o corpo, mas também a mente, adquirindo conseqüentemente, qualidade de vida.

A etimologia da palavra “lazer” vem do verbo latim “licere”, que segundo Leite (1995, p.13), “significa ser lícito, legítimo, correto, próprio; por extensão, livre, espontâneo”. Em espanhol a expressão “tiempo libre”, já contém a idéia básica do lazer.

Sabe-se que a definição de lazer mescla interpretações que variam de acordo com juízos de valores individuais, no que desrespeita a gama de atividades vivenciadas por eles, não se restringindo a apenas uma atividade, mas a um conjunto, julgados por cada indivíduo de acordo com sua necessidade. Assim sendo, não há um conceito único sobre o que seja lazer, pois o que pode ser atraente, divertido, satisfatório e valorizado por determinada pessoa, pode não ser para outra. Essa afirmação é perceptível nas diferentes atitudes tomadas pelas pessoas diante daquele tempo que está desobrigado de qualquer encargo social. E isso acontece por terem diferentes visões, ou seja, definições a respeito do que seja lazer.

O lazer é por Leite (1995) definido como sendo:

Tempo livre antes ou depois do trabalho ou, mais amplamente, do desemprego dos encargos habituais; isto é, fora das horas destinadas ao cumprimento de obrigações ou ao atendimento de necessidades orgânicas, tendo à frente o sono, o tempo que sobra pode ser empregado em lazer ou considerado lazer (p.14).

É nesse sentido que Leite costuma definir lazer como tempo livre, embora na verdade não se trate exclusivamente disso.

O tempo livre e o lazer estão intimamente interligados, pois dentre os elementos indispensáveis à prática do lazer estão o prazer, a gratuidade, a ludicidade, a livre escolha e o tempo livre que os indivíduos usufruem, possibilitando com isso, “o desenvolvimento, o divertimento e o descanso”, segundo Dumazedier.

Existe alguma implicação quanto ao trabalho, tido como prazeroso, ser considerado lazer. Porém, para ser concebido como tal é preciso desligar-se por completo de toda e qualquer obrigação. Portanto podemos ter a confirmação na definição registrada nas palavras do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1976) que relata;

Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar-se, seja para divertir-se, recrear-se ou ainda para desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após liberar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.34).

Antigamente o lazer era escasso e considerado privilégio de poucos, pois se acreditava que estava direcionado para uma reduzida parcela da sociedade, agravando com isso, as desigualdades.

Atualmente percebe-se tanto a importância do lazer no processo de socialização que contribui para a melhoria da qualidade de vida, quanto certa consciência de que cada classe social tem o seu lazer, estando este acessível à todos. Porém, como relata Leite (1995, p.20), “é preciso um mínimo de infraestrutura, de meios de vida, dos elementos essenciais a uma existência digna desse nome. Do mesmo modo, sabemos que muitos milhões de seres humanos não dispõem desse mínimo”. Não se pode desprezar essa situação tão presente na sociedade, que muitas vezes pela criação de novas necessidades impostas pela mídia, acaba excluindo injustamente os indivíduos de uma gama de possibilidades que lhe é de direito e acessível, independente do que possua. É necessário lembrar que o lazer envolve também um estado de permissão e de liberdade promovendo com isso a satisfação do indivíduo e conseqüentemente benefícios à saúde, ao psicológico e de auto-estima.

O lazer não pode ficar renegado ao segundo plano, pois como lembra Leite (1995):

A constituição (art.7º, IV) acrescenta o lazer às necessidades básicas do trabalhador, a que o salário mínimo deve atender; do trabalhador “e de sua família”! O lazer figura nesse irônico elenco logo depois da moradia, alimentação e saúde, mas antes de vestuário, higiene, transporte e previdência (p.24).

Dessa forma, percebe-se a importância atribuída ao lazer, visto que passa a ser direito fundamental da sociedade citada na constituição federal que é considerada carta magna.

O tempo livre é um dos principais fatores que proporcionam segundo Leite (1995, p.43) “equilíbrio pessoal, familiar e profissional” estando à saúde também inserida nessa lista. Pois é nesse tempo que ocorre às satisfações fisiológicas como, repouso e descanso, funcionando segundo o autor referido acima, como “alimento para a manutenção da capacidade física, do sono, da energia mecânica, da disposição geral de que o nosso corpo necessita para funcionar”. Prova de que o tempo livre de obrigações é indispensável ao ser humano e conseqüentemente à melhoria da qualidade de vida. Segundo De Masi (2000) é com o tempo livre que: “A qualidade física da nossa existência tenderá a melhorar, prolongando não só as horas de vida, mas também de lucidez mental, destreza do corpo e capacidade profissional”.

Não é à toa que Sant'anna (2002, p.45) afirma que nos dias atuais o tempo livre é utilizado para o cuidado com o corpo e o encontro consigo mesmo, e que, segundo ela, esse cuidado é muito valorizado e por isso está "intimamente articulado a três investimentos simultâneos: o primeiro refere-se à alimentação..., O segundo aplica-se a atlética, onde nesse inclui-se intervenções cirúrgicas e o terceiro diz respeito à cosmética".

Como já foi falado anteriormente, o lazer tem como características básicas a liberdade e espontaneidade quanto à maneira de desfrutá-lo. Cabe única e exclusivamente a cada indivíduo a escolha sem pressões ou interferências externas à sua vontade. É importante ter o conhecimento de que o lazer está longe de ser uma imposição.

Camargo apud Leite (1995, p.54) observa que: "a falta de educação para o lazer durante a vida profissional costuma fazer da aposentadoria um drama". E é exatamente essa educação direcionada para o lazer que está faltando na sociedade. Porém Dumazedier (1999) alerta que a organização do lazer e pressões sociais e pedagógicas muito fortes pode transformar os indivíduos em simples consumidores passivos das atividades que lhes é impostas no momento em que são promovidos programas de lazer sem levar em consideração o que as pessoas desejam.

Por esse motivo questiona-se a não necessidade da qualificação do profissional de lazer quanto à execução de suas atribuições. Identificar o gosto, o querer, a satisfação dos pré-aposentados requer um rebuscamento no conhecimento interpessoal, corporal, psicológico que só os profissionais qualificados são capazes de perceber e conseqüentemente executar qualquer atividade à contento das perspectivas almejadas, mostrando as possibilidades que elas oferecem de participação social e auto-realização. Tal fato proporcionará ao profissional de lazer uma alternativa de mercado para o exercício de sua profissão. Essa afirmação reforça-se com a de Melo (2003) que relata:

Na verdade, esperamos que ,enquanto profissionais de lazer, possamos contribuir para que nosso grupo deixe de ser apenas público, compreendido como categoria generalizada e como estatística, e passe a ser expectador crítico, atento e participativo na vivência de seus momentos de lazer (p.34).

O grupo de aposentados vem conquistando um espaço significativo e relevante no aumento do número total da população brasileira, visto que se detecta uma longevidade nessa faixa etária, obtida através dos ganhos quantitativos e

qualitativos expressos pela melhoria dos padrões pessoais e sociais em decorrência dos avanços da medicina e das inovações tecnológicas. Porém, há uma preocupação com o futuro dessas pessoas no concernente ao preenchimento do tempo livre, que é ressaltado por Paulo Novais apud Leite (1995) deixando como recado o seguinte:

Há muitos futuros possíveis para a sociedade e um aspecto que os distingue é o papel neles reservados ao lazer. Seremos, no futuro, em grande parte, como indivíduos e como sociedade, o que fizermos do nosso lazer, pois é na liberdade que os caracteriza que podemos encontrar o caminho que nos convém. Mas isso não é automático, porque o lazer tanto pode ser construtivo como destrutivo. É preciso reconhecer que ele não é um intervalo na vida ativa, um tempo morto, passivo. Pelo contrário, é no lazer que podemos viver a melhor e mais importante parte das nossas vidas. Mas é preciso usá-lo de maneira inteligente, para que ele possa significar uma contribuição valiosa para nossa vida, como pessoa e como membro da sociedade (p.31).

A vivência do lazer evidencia nos indivíduos potencialidades que contribuem e favorecem ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Manter o contato com outras pessoas que se encontram na mesma situação é reconfortante e até mesmo estimulante, uma vez que, o indivíduo vê que as mesmas limitações sentidas por ele, também são as de outras pessoas. Sendo a partir da observação que se faz do outro que eles passam a perceber sua capacidade de superação. Percebem não só a importância das necessidades físicas, mas também emocionais, tais como fazer amizades, ter com quem conversar e fazer companhia, fugindo do isolamento e atingindo com isso uma satisfação invejável como ressalta Néri (2002):

... é preciso estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro. A satisfação individual depende da capacidade de manter ou restaurar o bem-estar subjetivo justamente numa época de vida em que a pessoa está mais exposta a riscos e crises de natureza biológica, psicológica, social, porém com mais disponibilidade em vivenciar o lazer (p.11).

Os indivíduos muitas vezes, por não ter sido educado para vivenciar o lazer positivo, após se aposentar, não sabem o que fazer para preencher o tempo, e acabam se refugiando à substâncias estimulantes, como o álcool por exemplo, no intuito de quebrar a monotonia e tornar-se uma pessoa mais desinibida. Esse fato é muito comum e preocupa instituições, o que de certa forma faz com que elaborem

programas para orientar seus funcionários a usufruir o tempo livre que têm, saudavelmente.

Esse lazer positivo no qual se fala é relatado por Max e Engels apud Vieitiz (2000, p.129) que:

Distinguem entre atividades de lazer positiva e negativa. As atividades de lazer positivas são aquelas que contribuem para o desenvolvimento das pessoas, como por exemplo, estudar, ler livros, ouvir músicas, participar de jogos e atividades sociais e tantas outras. As atividades de lazer negativas são aquelas que seriam prejudiciais à pessoa, física e mentalmente, e que, portanto, podem ser danosas ao desenvolvimento da sociedade. Encontram-se entre elas o alcoolismo, as várias formas de prostituição, as drogas, certos produtos da indústria cultural e outras (p.129).

Os pré-aposentados precisam estar preparados para usar as atividades positivas, que contribuem para melhorar sua condição de vida. É preciso despertar neles o gosto por atividades simples, porém, satisfatória e gratificante. Enfim, é preciso prepará-los para que se crie uma cultura direcionada as práticas de lazer num momento em que têm disponibilidade para tal, e mais do que nunca precisam sentir-se parte da sociedade, por estarem inativos e sentindo-se velhos demais para usufruir de algo prazeroso.

Em Natal o número das pessoas idosas, isto é, com mais de 60 anos de idade, anda em torno de 56.269 pessoas, o que corresponde a 7,9% da população atual de Natal que gira em torno de 712.317 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Acredita-se que no Brasil por volta de 2050, essa população idosa represente 25% da população brasileira, o que conseqüentemente aumentará a porcentagem também do referido estado.

Juntamente ao fato do explosivo aumento da população idosa, acrescentam-se algumas razões principais que contribuiu para esse envelhecimento, perpassando desde a redução da natalidade, motivos socioeconômicos, avanços da medicina, aperfeiçoamento dos métodos anticoncepcionais, além da consciência, por parte dos cidadãos, dos malefícios causados pelo excesso de população.

O termo aposentadoria além do sentido dado por Leite (1995, p.21) “de encerramento da atividade remunerada, de cessação do exercício de uma ocupação, uma profissão, dando uma idéia de afastamento apenas, significa literalmente, recolhimento dos aposentados, permanência em casa” momento no qual eles gozam de plena disponibilidade.

Vale salientar que são os futuros aposentados detentores do tempo mais almejado pela maioria das pessoas que é o tempo livre, livre não só do trabalho, mas de diversas outras obrigações. Por esse motivo, o aposentado torna-se um habitante natural e potencial do mundo do lazer em busca de qualidade de vida.

O fato de falar sobre idoso e aposentado é porque, geralmente, ambos retratam a mesma realidade, pessoa que está passando pelas mesmas vivências, tendo experiências muito parecidas, como é o caso da omissão em participar de algo, além do fato comum e freqüente, do aposentado ser muitas vezes um idoso, e o idoso ser um aposentado.

Aposentadoria e idade avançada são realidades bem próximas, como já relatadas acima, por isso é extremamente pertinente falar um pouco sobre o cenário do idoso no contexto atual.

Percebe-se que a cidade ainda deixa muito a desejar com relação aos espaços e a acessibilidade dos idosos ao meio urbano, ainda não adaptados para o referido contingente, o que dificulta a locomoção dos mesmos deixando-os receosos e inseguros, fazendo com que optem por ficar em casa, na passividade, excluído dos eventos sociais que são tão importantes para a sua socialização, num momento em que estão se adaptando a uma nova realidade, a da aposentadoria.

Há uma nítida percepção de que falta também uma cultura que esteja direcionada à prática do lazer, onde os idosos tenham acesso, autonomia, a oportunidade de socialização, bem como, o respeito e atitudes positivas por parte da população ao lidar com eles. Vale salientar a importância em educar, não apenas os idosos, mas também, todos aqueles que diariamente estão frente a essa nova realidade. Deve-se deixar de tratar a maioria como se fosse minoria.

Tal cultura deve começar a ser implantada ainda no ambiente de trabalho, local onde os pré-aposentados sentem-se seguros e úteis, talvez essa seja a melhor maneira de tornar tranqüila a árdua e penosa transição da atividade para a inatividade, ou seja, a melhor forma de preparar o indivíduo para a aposentadoria.

A aposentadoria é um reflexo da vida em atividade e pessoal do indivíduo, uma vez que, como afirma Leite (1993, p.121) “a qualidade de vida dos aposentados depende, sobretudo de características individuais e socioeconômicas, cuja influência vem quase sempre de muito antes da aposentadoria.” Onde, porém, não se pode afirmar que é a aposentadoria em si, que provoca a baixo-estima, a tristeza, o sentimento de inutilidade. Se o aposentado sente-se triste, é porque já o era bem

antes mesmo de se aposentar. Caso seja alegre, auto-astral, bem humorado, é porque esse é o seu modo de encarar a vida. Não é a toa que se costuma dizer que “sómos e seremos o que fomos numa continuidade mais ou menos inalterada”. Leite (1993, p.121).

O lazer está muito ligado à aposentadoria, momento nos quais os indivíduos devem permitir a feliz combinação de tempo livre com recursos e mentalidade para usá-lo como bem entender. Sem se deixar influenciar pela onda consumista na qual o mundo vive hoje, é preciso proteger-se dos atrativos que veiculam, fazendo acreditar que só é feliz quem tem coisas ou quem vai a algum lugar esquecendo-se do lazer simples e fazendo desaparecer o descanso e o repouso do repertório do lazer.

Percebe-se que por sofrerem diversas mudanças psicológicas, físicas e biológicas, os aposentados são atingidos por inúmeros preconceitos, dentre eles, perpassa o da incapacidade de executar atividades produtivas a contento. Por esse motivo, quando chega o tempo de gozar a aposentadoria, onde se apresentam com maior liberdade em optar pelo que fazer, escolhem outra atividade para desempenhar que os levam novamente à rotina de trabalho tão desgastante, deixando de lado outras opções mais lúdicas, saudáveis, prazerosas e liberais por não terem sido educados para tais realizações.

No intuito de buscar uma aproximação da realidade da amostra compreendida pré-aposentado, foi utilizado como instrumento de trabalho para coletar os dados, uma entrevista com 11 questões. A entrevista foi desenvolvida como um instrumento de avaliação sobre o lazer e a qualidade de vida dos pré-aposentados, bem como, as perspectivas mais comuns desses, quando se aposentarem.

O objetivo desta entrevista foi verificar o entendimento que os pré-aposentados têm sobre o lazer e suas diversas alternativas, analisar suas concepções a respeito da qualidade de vida, bem como, suas perspectivas para a aposentadoria. Dentro dessa avaliação a entrevista buscou também identificar a razão pela qual a maioria dos aposentados se entrega à bebida ou à ociosidade, motivo que preocupa muito as famílias e aqueles que estão perto de se aposentar. Enfim, a abordagem da entrevista refere-se à aposentadoria e um novo projeto de vida, projeto este que deve fazer parte da vida de todos aqueles que busca viver com qualidade.

Ao todo foram coletadas 15 entrevistas, dentre os funcionários do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN), de ambos os sexos, residentes em Natal-RN e que estão prestes a se aposentarem.

A partir da análise feita, verificou-se que 65% dos entrevistados correspondem ao sexo feminino, enquanto 35% ao sexo masculino. Observa-se uma diferença significativa quanto ao número de mulheres no mercado de trabalho que estão prestes a se aposentarem, visto que, isso também é explicado pela crescente expectativa de vida do sexo feminino.

Sobre a faixa etária, 60% do grupo têm entre 45 e 55 anos, 40% entre 56 e 65 anos de idade, visto que o objetivo é pesquisar aqueles que estão próximo da aposentadoria. Foi observado que a idade não interfere diretamente na concepção que eles têm sobre lazer e qualidade de vida.

Na questão voltada ao estado civil foi constatado que a maioria é casada com porcentagem de 60%, enquanto a porcentagem de solteiros reduz para 26,5% e de divorciados para 13,5%. Não há viúvos dentre a amostra pesquisada.

Com relação ao grau de instrução a maioria conta com o ensino médio com porcentagem de 46,5%, ficando a porcentagem de pessoas com nível superior em 26,5%, nível fundamental com 13,5% e especialização também com 13,5%. Não foi contatado entre os entrevistados nem um mestre ou doutor. Observa-se que apesar de instruídos deixam a desejar quanto a diferentes vivências de lazer. Visto que, tanto aqueles que têm menos instrução buscam ocupar-se, no tempo livre de obrigações, para melhorar as condições financeiras, pois se sentem, segundo eles, que estão um pouco em desvantagem em relação aos outros. Quanto os que têm um nível mais elevado relatam também que devem estar sempre em busca de melhorar as condições financeiras no intuito de a partir de então poder usufruir do lazer e realizar os seus desejos, que na verdade é bem consumista.

A partir dos resultados obtidos é possível afirmar que a maioria (46,5%) recebe renda mensal de 7 a 10 salários mínimos, 40% recebe de 4 a 6 e 13,5% dos entrevistados recebe acima de 10 salários mínimos. Este levantamento caracteriza que a maioria dos funcionários possui um nível de vida satisfatório, possuindo um padrão de vida razoável, embora tenham relatado que é por falta de condições financeiras que não fazem o que querem ou não usufruem do lazer. Tal fato é a explicação do por que o aposentado quer abdicar de uma parte do seu tempo livre de obrigações e continuar trabalhando para pelo menos manter o nível do padrão de

vida que tinha antes da aposentadoria, além da ideologia já incorporada de que quem não trabalha não é valorizado impulsionando muitos a continuar em atividade.

Percebe-se na pesquisa que 100% dos entrevistados moram com a família, o que permite uma maior possibilidade de vivenciar o lazer com a família e não sendo observado entre eles um fato tão comum e peculiar nessa faixa etária que é o abandono familiar.

Na pergunta números de dependentes 33,5% afirmou sustentar 2 pessoas, outras 20% - 4 pessoas, 20% - mais de 6 pessoas em casa dependiam dele, enquanto 6,5% sustenta 1 pessoa, 6,5% - nenhuma e 13,5% - 3 pessoas. Observou-se, dentre a maioria dos pesquisados, uma tendência muito forte ao modelo de família burguês da sociedade tecnológica atual, a qual vive sobre sua dependência um número pequeno de dependentes, o que permite uma melhor qualidade de vida de toda a família. Embora não seja essa a realidade descrita por esses pré-aposentados.

Foi buscando relatar os conhecimentos e vivências adquiridas ao longo da vida dos pré-aposentados, a cerca do lazer e da qualidade de vida, que se fez necessário descrever as descobertas de sua realidade.

Ao perguntar sobre o que os entrevistados entendiam sobre lazer foi quase unânime as respostas assertivas as quantas possibilidades o lazer propicia e que é possível relacionar com o que diz os especialistas em lazer. Alguns alegavam não saber responder, mas logo em seguida, um pouco inseguros, diziam que era momento de descontração na vida, de brincadeira, de divertimento, de distração, é qualquer coisa que tire você da rotina, que te propicie prazer, fuga do estresse, fazer o que gosta se sentir bem, está numa festa, descansar nos finais de semana, está de bem com a vida, participar de atividades sociais. Houve até quem dissesse que lazer “são as oito horas que o povo diz que nem é de trabalho nem é de descanso, é de diversão, é passa tempo”.

Nesse contexto percebe-se que no geral, as pessoas, mesmo que não tendo uma definição científica sobre o que vem a ser lazer, associam a uma situação vivenciada nos seus fins de semana e, inconscientemente sabem perfeitamente o que proporciona esse lazer, embora muitas vezes não saibam usufruí-lo, ou seja, não tomam a iniciativa necessária, chamada por Marcellino de atitude, para vivenciar novas experiências, ficando assim restrita aos conteúdos de determinadas atividades e em determinados momentos.

Foi constatado que no dia-a-dia dos entrevistados a prática do lazer é rara. Quando eles dizem que têm. Pois no geral, percebe-se que as pessoas ficam em casa insatisfeitas e só procuram fazer alguma atividade prazerosa aos finais de semana, quando optam por ir à praia ou visitar amigos e familiares. Esquecem ou não sabem que até mesmo sem sair de casa e durante a semana é possível usufruir do lazer, e que para atingir tal atitude é preciso apenas se dar a oportunidade de vivenciar atividades simples, mas prazerosas.

Entre o grupo pesquisado 33,35% disseram não ter lazer ou tempo para usufruir dele e os outros 66,65% disseram que o lazer fazia parte da sua vida e que até mesmo no trabalho tinham lazer, podemos observar esse fato no relato de um deles “Toda hora, todo instante, eu transformo meu trabalho em lazer e gosto dele, trabalho muito e com muita boa vontade”. Com essa declaração, conclui-se que algumas pessoas podem até saber o que é lazer, mas não conseguem separá-lo do trabalho, por isso faz-se necessário orientá-los para bem usufruir do lazer na aposentadoria. Orientar é preciso, pois Marcellino (2002) diz também que falta disposição e que “os gerontólogos constatam que, mesmo para aqueles idosos que têm saúde e condições econômicas, o impacto que a parada profissional provoca vai determinar uma grande relutância em aceitar uma vida de lazer” (p.44).

Quando se pergunta qual a atividade de lazer que mais gosta e pratica o grupo foi bem diversificado dizendo gostar de seresta, dançar, praia, pescaria, cinema, assistir filmes em casa, viajar para o interior, sair com amigos ou familiares, passear, ir a shopping, palavras cruzadas, conversar na calçada, ouvir música, caminhar e praticar atividade física. 60% dos entrevistados vêm a praia como a principal e mais prazerosa atividade de lazer. Outras quantidades menos significativas se dividiram entre “passear, fazer caminhada, assistir televisão, fazer palavras cruzadas, tomar uma cervejinha com amigos, fazer algum programa com a família, etc.” É justamente nesse ponto que se percebe a carência quanto ao conhecimento dos outros conteúdos do lazer que podem ser explorados, mas não o são.

Apesar da pergunta ser em relação à atividade de lazer que mais gosta e pratica, percebe-se nas declarações certa distância, como se fosse uma utopia, na realização dessas atividades, por relatarem que eram atividades praticadas esporadicamente. Se lamentam em dizer que o que mais gostariam de fazer era viajar para longe, conhecer lugares novos, porém o que os impede, dizem eles, é a

condição financeira, embora tenha sido constatado que a renda é relativamente suficiente provocando todo um clima favorável para a vivência do lazer, visto que não passa por privações alimentares, habitacional, etc. O que se percebe é a falta de importância que as pessoas dão ao lazer, não fazendo o mínimo de esforço para realizar o que querem, se privando de melhorar sua qualidade de vida. Pois segundo Marcellino (2002):

O “sentido” da vida não deve ser buscado, como muitas vezes somos levedos a crer, apenas num fim de semana, ou numa viagem, embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia (p.15).

Confirmado ainda pelo relato de De Grazia apud Bruhns (2002, p.31) dizendo que o lazer não é constituído apenas nos finais de semana ou férias, é um estado de permissão e isenção de obrigações independente do tempo, mas levando-se em consideração o interesse que a atividade de lazer desperta no indivíduo.

Quanto à atividade de lazer que gostariam de vivenciar, mas não podem e o quê os impedem, foram relatadas algumas, dentre elas se destacaram tanto a atividade quanto o impedimento, duas. A primeira seria como já citada, viajar, porém as condições financeiras os impossibilitam e a segunda seria, praticar alguma atividade física, porém, o tempo não permite pelo grande número de atribuições e obrigações a cumprir no dia-a-dia. Mas, diante de tantas desculpas percebe-se que alguns se salvam, pois 20% do total dos entrevistados disseram que não havia nada que desejassem que ainda não tivesse sido realizado, relatando que: “eu faço tudo que me dá vontade, prazer, sem medir esforços” tendo a satisfação como único objetivo.

O fator qualidade de vida foi entendido exatamente como o é, como possibilidade de se ter saúde, se cuidar, praticar atividade física, esporte, ter boa alimentação, viver bem, ter equilíbrio, alegria de viver, ser bem humorado, trabalhar em ambiente saudável, viver com tranqüilidade, dignidade, sem estresse, está bem consigo mesmo, se divertir, ter dinheiro suficiente para fazer o que quer, não dever, ter paz, condições de viajar, sair para se divertir, ir à praia no final de semana e ouve até quem dissesse que qualidade de vida é um estilo de vida que as pessoas passaram a buscar e a ter nos últimos anos.

Dos entrevistados 40% afirmaram levar uma vida com qualidade, embora nem todos procurem fazer alguma coisa para melhorar achando que já é suficiente.

Outros 26,5% acham que não levam uma vida com qualidade em virtude dos estresses e das responsabilidades. E 33,5% dizem que procuram levar, dentro do que as condições os permitem, mas nem sempre conseguem.

Dentre as coisas que fazem para melhorar a qualidade de vida, segundo relatos dos próprios, estão: se desligar do trabalho nos finais de semana ou quando chegam a casa; procurar praticar alguma atividade física, como caminhadas; evitar beber, fumar, engordar; cuidar para manter uma alimentação equilibrada; esquecer dos problemas para não se estressar e não extrapolar o orçamento para sobrar algum recurso para o lazer.

Dos entrevistados 60% relatam que, embora não tenham uma boa qualidade de vida, pela correria do dia-a-dia, do trabalho e das obrigações familiares, acham que estão sempre fazendo algo para melhorar, dentre as qualidades já citadas acima, controvertida mente, dizem procurar outros trabalhos para aumentar a renda mensal, no intuito de poder fazer o que querem nos finais de semana e férias. Outros nos últimos anos, como já relatado também, procuraram se dedicar a fazer caminhadas, atividades físicas, cuidar da saúde, “esquecendo do trabalho e usufruindo do lazer apenas nos finais de semana”. Conclui-se diante dos relatos, que os pré-aposentados só utilizam os “finais de semana” para melhorar a qualidade de vida e isso vai continuar acontecendo, pois 60% dos entrevistados revelaram não querer parar de trabalhar. Além do que, percebe-se certa influência da mídia, incentivadora do consumismo desenfreado, ao entendimento do que seja realmente qualidade de vida, no momento em que buscam um corpo em forma e um lazer comprado da indústria cultural.

Após interpretação de relato em relação à aposentadoria, foi observado que um dos maiores desejos de alguns pré-aposentados é morrer ainda trabalhando, e sabendo que os outros darão continuidade àquilo que não podem mais fazer, mas satisfeitos com o sentimento de que o que era possível fazer foi feito, além do desejo de manter o bom padrão de vida.

Não há citação mais coerente e que expresse tão bem um fato que deve ser tomado como exemplo por esse grupo que está na iminência da aposentadoria, do que a de Leite (1993) que ressalta:

Se tivermos vivo interesse pelas coisas e amplo campo de atividades em que possamos ainda ser eficientes, não há razão para pensarmos no fato

meramente estatístico do número de anos que já vivemos e menos ainda na provável brevidade do nosso futuro (p.21).

Sendo esse “campo de atividades” não relacionado apenas ao trabalho, mais sim à diversificada gama de atividades prazerosas que o indivíduo tem interesse e sente-se apto a realizar nos seus momentos de lazer. Não se esquecendo que mais importante do que acrescentar anos à vida é acrescentar vida aos anos.

Em meio aos relatos dos entrevistados percebem-se duas formas de encarar a aposentadoria que perpassa desde a liberdade de poder realizar o que querem até a crise, segundo eles, pela necessidade de sobrevivência.

Quando perguntados sobre o que fazer quando se aposentarem, 60% dos entrevistados afirmaram não querer parar de trabalhar, pois acreditam que ficando parados morrerão mais cedo, inclusive relatam casos de colegas que ao se aposentarem se entregam à bebida, ao vício do jogo e etc, por não terem uma ocupação, entram em depressão e morrem. Para eles, ficar sem fazer nada leva ao tédio, e usar bem o tempo disponível para o lazer é mais difícil do que parece, pois têm dificuldade em pensar suas vidas sem o trabalho, no momento em que relacionam a possibilidade de afastamento da aposentadoria com o processo de envelhecimento, isolamento e com o fim da vida. O medo de morrer se faz presente na onipotência dos discursos na medida em que afirmam que não irão parar.

Outros 13,5% disseram que ainda não pensaram no assunto, mas tudo indica que não querem parar de trabalhar, pois precisam aumentar a renda mensal familiar. Percebe-se o contrário do que acontecia com a constatação de De Grazia citado por Bruhns (2002) do séc.XII ao XIX no qual ocorreu, através das campanhas do sindicato, as lutas por menos horas de trabalho e os trabalhadores preferiam deixar de ganhar mais dinheiro, porém, ter mais tempo livre. Os entrevistados manifestam seus discursos dizendo: “Pra que parar de trabalhar?”, “O trabalho dignifica o homem”, “Não vou parar”, “é preciso trabalhar”. Tais relatos revelam regras morais da sociedade contemporânea e por esse motivo encontra na continuidade do trabalho a base para projetar sua vida futura.

E, 26,5% dos pré-aposentados disseram que não vêem a hora de se aposentarem para curtir a vida, ir à praia, viajar, morar no interior próximo à família e no máximo fazer alguma atividade voluntária, vivendo de forma totalmente desligado do trabalho, onde não fosse exigido o cumprimento de horários, fossem apenas quando tivesse vontade e na hora que quisessem, pois passaram à vida toda

trabalhando, cumprindo horários e expedientes rígidos. Agora só querem descanso, prazer e lazer. Também é retirado desse relato certo estreitamento relacionado à continuidade do trabalho quando eles afirmam: “quero no máximo fazer alguma atividade voluntária”. Percebe-se a necessidade deles em manter-se em atividade, se não profissional, pelo menos voluntária. Talvez seja por se considerarem sem limitações físicas, encontrando-se em plena condição de manter-se produtivo, que os entrevistados não querem parar de trabalhar; Ou, por medo da diminuição do padrão de vida; Ou ainda, por acreditarem que a interrupção do trabalho traz a paralisia das funções. Eles precisam sentir-se integrados a alguma coisa que possibilite a socialização.

Dentre os relatos desses fica claro a insatisfação do cumprimento de horários. Alguns querem fazer atividades voluntárias, mas sem a exigência de horários e dias definidos, pois segundos eles “o que acaba com o trabalho, ou seja, o que deixa ele chato, cansativo é a obrigatoriedade de horários a cumprir”, “o compromisso é que mata o homem”. Essa insatisfação é confirmada nas palavras de Marcellino (2002, p.44) que diz “no tão esperado “paraíso do lazer” – nada de horários, de obrigações, mas tão somente gozar a vida”. Leite (1993) num artigo sobre “Preparação para a aposentadoria” também relata essa insatisfação dizendo que:

O difícil para as pessoas não é o trabalho em si, ainda mais quando se gosta do que se faz; é, sobretudo a rigidez dos horários, a necessidade de comparecer diariamente, com chuva ou com sol; a obrigação de ir ao trabalho quando o corpo pede repouso (p.124).

Os entrevistados desconhecem algum serviço de orientação para a aposentadoria na instituição que trabalham, porém, apesar da inexistência, 86,7% consideram extremamente importantes, relatando que seria muito bom ter alguém que conversasse com eles no sentido de dá uma orientação para o que fazer quando se aposentar. Até mesmo aqueles 12,3% que não consideram tão importantes ou tem dúvidas sobre o programa de orientação, relatam que seria difícil a instituição dizer o que fazer, e eles aceitem, achando que a orientação seria uma imposição, o que não é. Conclui-se que a educação para o lazer é sempre bem vinda e que como relata Marcellino (2002)

Não há dúvidas de que as atividades de lazer devem procurar atender as pessoas como um todo. Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas

peças conheçam os conteúdos que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, está diretamente ligada às alternativas que o lazer oferece. Por esse motivo é importante a distinção das áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer (p.17).

A maioria dos pré-aposentados diz não ter aprendido, na instituição, nada que possa ser usado como hobby na aposentadoria, e aqueles que dizem terem aprendido, relatam o próprio trabalho como sendo extensão de uma futura atividade que pode ser realizada por eles como hobby ou lazer.

Isso acontece porque as pessoas geralmente tendem a restringir suas atividades de lazer a um campo específico de interesse, esquecendo que há seis outras possibilidades, o artístico, intelectual, físico, manual, turístico e social, sendo interessante abranger os vários grupos de interesses, no tempo livre, exercitando, como relata Marcellino (2002, p.19) “O corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com os outros e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quiser”. As pessoas geralmente não fazem isso por opção, mas por não terem tomado contato com os outros conteúdos. Nessa fase é comum também a bricolagem, tida por alguns autores como “semilazer”, uma vez que cumpre finalidades lucrativas ou utilitárias, na qual o lazer se mistura com a obrigação. Já relata Marcellino (2002). “A bricolagem é uma realidade com opção para o tempo disponível” (p.84).

Para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se assim, um duplo processo educativo, o lazer como veículo e como objeto de educação (p.50).

Nesse sentido percebe-se que a pré-aposentadoria é um momento de reflexão, na qual os indivíduos são impulsionados a mudar ou elaborar seus projetos de vida, porém, eles não relacionam esses projetos ao afastamento do trabalho.

Os estudos sobre os aposentados cresceram por ter aumentado também o envelhecimento da população do país, visto que, numerosas pessoas de idade estão aposentadas e são principalmente elas que vivem mais. Tal fato é um elemento de alto significado para elaboração de políticas públicas sociais que oportunize aos idosos uma maior autonomia a partir de vivências de lazer. Visto que, ao chegar à aposentadoria, esses têm um afastamento ou redução da convivência com diversos

grupos, seja pelo distanciamento social do próprio idoso, ou pela falta de convocação para participar das atividades sociais por parte da sociedade, não reconhecendo a sua existência social. Vale salientar que os idosos são sujeitos de direito, e o fato de estarem envelhecendo e aposentados não lhes retira à sua dignidade, pois continuam sendo seres humanos portadores dos mesmos direitos imprescritíveis e inalienáveis dos quais são todas as criaturas humanas.

A interrupção da vida de trabalho pela aposentadoria, sem dúvida resulta na desorganização emocional do indivíduo, justamente pela exclusão do modelo produtivo e, conseqüentemente, excesso de tempo livre, levando os aposentados a se sentirem inferiores àqueles que ainda trabalham. Com isso o aposentado sente-se isolado e desatualizado em relação ao próprio mundo em que vive. Tal fato leva à conclusão de que a aposentadoria representa um perigo para todos aqueles que não se encontram preparados para se afastar do trabalho, ameaçando o equilíbrio emocional desses indivíduos. Por isso, é necessário considerar as ações educativas que ajudem os indivíduos a se preparar e valorizar o tempo livre decorrente da aposentadoria.

Após as interpretações dos relatos, verifica-se a falta de interesse ou importância que dão ao tempo disponível à prática das atividades de lazer. Percebe-se que o lazer é por eles considerado, preconceituosamente, supérfluo, ou algumas vezes algo material, tangível, ou melhor, que pode ser comprado.

Enquanto ainda trabalhadores e obedientes à cronometração do tempo, percebe-se uma grande insatisfação ao cumprimento de horários, além dos estresses causados pelas cobranças profissionais, o que acarreta uma baixa qualidade de vida.

Talvez seja pela localização geográfica litorânea do estado que o hábito de freqüentar a praia seja considerado propiciadora de lazer, o que acaba sendo escolhida como principal atividade de lazer por diferentes níveis sociais, independente de escolaridade, renda, faixa etária, estado civil, dentre outros aspectos que são levados em conta, sócios culturalmente, na hora das escolhas.

É interessante perceber que as motivações sentidas por aqueles que não querem parar de trabalhar não são tão diferentes daquelas que movem os aposentados menos favorecidos, visto que ambos desejam primeiro, manter um lugar de reconhecimento tanto no núcleo familiar quanto na sociedade.

Verifica-se que a confluência dos anseios pretendidos pelos futuros aposentados é não parar de trabalhar, porém preferiam não continuarem a cumprir horários, caso possível.

Em meio a tantas contradições nos relatos em relação às vivências de lazer e a busca pela qualidade de vida, foi uma surpresa descobrir que, mesmo diante dos discursos contemporâneos a respeito da busca pelo lazer e qualidade de vida, os futuros aposentados não pretendem parar de trabalhar.

A valorização do lazer é uma realidade distante ainda em construção, visto que para eles é difícil encontrar tempo para tal realização e perceber a possibilidade da individualidade gerada pela prática lúdica que pode ser concebida independente de nível ou classe social. Verifica-se também a não compreensão do lazer no momento da vivência, pois num dos relatos o entrevistado afirma: “Tenho lazer, toda hora todo instante, eu transformo meu trabalho em lazer...”. Há uma falta de compreensão, pois no mesmo instante em que eles dizem que “lazer é momento de descontração, é algo que tire você da rotina, hora que não é de trabalho”, também afirmam que fazem do trabalho um lazer. Como pode o lazer ser considerado trabalho se ele não segue uma rotina, visto que pode ser vivenciado de diversas formas em diversos momentos diferentes. São nesse momento que se percebem as contradições.

Já a busca pela qualidade de vida encontrada nos relatos, orienta no sentido de se buscar saúde física e mental, tanto no equilíbrio alimentar, nas práticas de atividades físicas, quanto no desligamento dos problemas profissionais nos “finais de semana”, ficando o lazer excluído do repertório de atividades proporcionadoras da melhoria da qualidade de vida, pelo menos para esse público entrevistado.

Ao fim da pesquisa concluiu-se que os pré-aposentados só utilizam os “finais de semana” para melhorar a qualidade de vida e usufruir do lazer e isso vai continuar acontecendo, pois 60% dos entrevistados revelaram não querer parar de trabalhar, pois acreditam que a ociosidade os levaria ao sedentarismo extremo e conseqüentemente à morte.

Diante de tais conclusões, sugere-se que o CEFET-RN programe, com maior brevidade possível, programas de orientações para os pré-aposentados permitindo uma interação mais eficaz e/ou eficiente de forma que os mesmos possam externar com mais liberdade seus anseios. Desse modo, fazendo com que se sintam

incluídos e estimulados a participar de todas as decisões que dizem respeito tanto às atividades que irão planejar, executar e participar, quanto à sua vida.

A orientação é importante, visto que, o profissional que se aposenta e não recebe nenhum amparo sobre como proceder nessa nova etapa da vida, pode fadar-se aos desequilíbrios gerados pela parada repentina, e conseqüentemente, à baixa-estima, ao isolamento e/ou exclusão social, à depressão, à entrega de si aos vícios, dentre outros fatores negativos, dificultando a percepção do uso de diversas alternativas do lazer em busca de qualidade de vida.

Os pré-aposentados devem fazer um projeto de vida quando ainda estão exercendo suas atividades, para que a aposentadoria não signifique o fim, mas sim, uma nova etapa da vida, as quais possam desfrutar da melhor maneira possível uma vida com qualidade.

Não pretendo concluir esta pesquisa estabelecendo verdades, ou opiniões fechadas, apenas entendo que se deveria refletir sobre os planos feitos pelos pré-aposentados num momento em que se fala tanto em lazer e qualidade de vida.

As considerações aqui descritas podem ser interpretadas a partir da posição ocupada pelo leitor, permitindo a produção de outros sentidos que não os aqui evidenciados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BARTHOLLO, Márcia Fernandes. **O lazer numa perspectiva lúdica cinérgica**. In: Lazer: perspectiva e reflexões interdisciplinar. Santa Cruz do Sul, RS: 2001. UNISC.

BAUDRILLARD, Jean. Teoria do consumo. In: **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edição 70, 1995.

BRUHNS, Heloísa Turine (org.). **Temas sobre lazer**. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **O direito da cultura do lúdico**. Belo Horizonte, MG: Revista Licere, v.4, n.1, 2001

CAMARGO, Luís Otávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CURY, Augusto Jorge. **Revolucione sua qualidade de vida: navegando nas águas da emoção**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DECCA, Edgar Salvadori de. E.P.Thompson: Tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHNS, Heloísa Turine (org.). **Temas sobre lazer**. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Brasília: Ed. Unb. 2000. (mimeo).

DAMINELI. Educação de qualidade para vidas especiais: um caminho a conquistar. In: MOREIRA, Wagner Wey (org). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: Sesc, 1999.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo, SP: Hucitec, 2000.

LEITE, Celso Barroso. **O século do lazer**. São Paulo: LTR, 1995.

_____. **O século da aposentadoria**. São Paulo: LTr, 1993.

LIDA, Itiro. **Ergonomia, projeto e produção**. 9 ed. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 2003.

MAIA, Almir de Souza. Prefácio: Viver com qualidade: desafio para o século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (org). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas-SP: Papyrus, 1983- (Coleção Lazer/Fazer).

_____. Lúdico e lazer. In: **Lúdica, educação e educação física**. Ijuí, RS, UNIJUÍ, 1999.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002 – Coleção educação física e esporte.

MARQUEZ FILHO, Ernesto Márquez. O idoso e o lúdico: uma abordagem pedagógica, relato de experiência. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí, RS, UNIJUÍ, 1999.

MELLO, Miriam Moreira de. O lúdico e o processo de humanização. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí, RS, UNIJUÍ, 1999.

MELO, Victor Andrade de. ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MIRANDA, Nicanor. **Organização das atividades da recreação**. 8ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia limitada. v.8.

MOREIRA, Wagner wey (org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NERI, Anita Liberalesco. **Qualidade de vida e idade madura**. 4 ed. 2002. Campinas-SP: Papirus, 1993- (Coleção vivacidade).

PIRES, Giovani De Lorenzi. Aspectos socioculturais do lazer na vida cotidiana. In: PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. BURGOS, Miria Suzana (orgs). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. 177p.

RUSSELL, Bertrand. **Elogio do lazer**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1977.

RODRIGUES, Marcus Vinícius Carvalho. **Qualidade de vida no trabalho: evolução e análise no nível gerencial**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi. Entre a serpente e a toupeira: transitando pelas idéias de Foucault e Deleuze. In: BRUHNS, Heloísa Turine (org.). **Temas sobre lazer**. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas, SP: Autores Associados, UFSC, 2001.

VENTUROLI, Thereza. Viver mais e melhor. **Veja**. 1871 ed. São Paulo: Abril, ano 37, n.37, p. 96-104. 15 Set 2004. semanal. ISSN 0100-7122.

VIEITIZ, Candido Giraldez. Max, o trabalho e a evolução do lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Choros, 2002. –Coleção lazer, esporte e sociedade. Vários autores.

WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: ed. UFMG; CELAR – DEF / UFMG,

A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO LAZER NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA E URGENTE

Veruska de Araújo Vasconcelos Granja

Introdução

Atualmente as discussões no âmbito da educação apontam para uma tentativa de definir o papel da instituição de ensino na formação cidadã do indivíduo, o que é complexo, pois muitos ainda apresentam um pensamento que concebe a escola como um instrumento de repasse do conteúdo construído historicamente, na qual o aluno é visto como um mero receptor passivo.

É necessário ressignificar o papel da instituição escolar considerando-a, desta forma, uma educação que abranja às diversas vivências humanas que são construídas para além do ensino formal e que estão presentes nas diversas oportunidades de sociabilidade humana na perspectiva do lazer. A escola ao levar em conta sua função educativa global, deve construir-se num espaço aberto a outras práticas sociais.

Na atualidade a sociedade tem sido marcada por profundas transformações no universo do trabalho e que produzem modificações em outros setores da vida social. O impacto dessas transformações acarreta uma reordenação nas diversas relações sociais, como também na educação e no lazer, deste modo, a prática do lazer dentro desse contexto se apresenta muitas vezes como mercadoria, pois, a indústria cultural e os veículos de comunicação de massa inserem na sociedade práticas de lazer consumistas, criando uma homogeneização social que acaba por camuflar as várias alternativas do lazer.

Com o intuito de contribuir cientificamente com esta área de estudo, a pesquisa se dá com o objetivo de identificar o campo de atuação do profissional do lazer na instituição de ensino. Para atingir este objetivo foi necessário definir algumas questões de estudo, como: caracterizar a instituição de ensino; identificar o campo de atuação desse profissional e traçar o perfil do mesmo.

Apesar de o lazer ser uma prática inerente à sociedade humana, como área de estudo ele é muito recente, havendo uma grande carência de estudos, inclusive na área da educação. Os referenciais teóricos que trazem a discussão lazer-

educação se restringem a analisar essa área de atuação isoladamente, sem haver uma fundamentação na política nacional de educação que vigora atualmente. A relevância desse estudo dá-se no sentido de buscar evidenciar e confirmar, nos documentos que servem de referência para a política nacional de educação, a possibilidade de intervenção do lazer na instituição de ensino, já que ele se apresenta como uma vivência que possui um grande potencial para a implementação de uma proposta educativa que busque o desenvolvimento pessoal e social.

Além de contribuir cientificamente na identificação desse campo de atuação é relevante na busca de traçar mais um campo de atuação do profissional do lazer, isto é uma nova qualificação nessa área, que muitas vezes é preenchida por profissionais não qualificados e construído no ambiente educacional de forma emergencial para suprir as necessidades e desejo dos alunos.

Desse modo, o mercado de trabalho deste profissional vem se ampliando, sendo a escola um possível campo de atuação, pois, pensar a vivência do lazer passa, necessariamente por identificar o profissional que viabilize essa prática de forma qualificada e consciente, visualizando-a como um aspecto significativo da vida cotidiana e inserida na realidade social, dinamizando um processo de desenvolvimento pessoal e social. Nesta perspectiva, este estudo apresenta diretrizes atuais para a formação desses profissionais, já que o mercado de trabalho exige uma formação sólida que vise à qualidade de vida para todos por intermédio da cultura, que se encontra tanto como eixo norteador como ponto de equilíbrio da sociedade.

Escola, que espaço é esse?

No Brasil, segundo o livro de introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2001) identifica-se na tradição pedagógica a presença de quatro tendências: a tradicional, a renovada, a tecnicista e aquelas que centralmente foram marcadas por preocupações sociais e políticas.

A pedagogia tradicional é uma proposta centrada na figura do professor que tem a função de vigiar e aconselhar os educandos e corrigir e ensinar a matéria. A

escola, nessa tendência, caracteriza-se pela postura conservadora com a função de transmitir os conhecimentos disciplinares, para uma formação geral do aluno.

A pedagogia renovada inclui várias correntes que estão ligadas ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa. O centro da atividade escolar é o aluno, que é visto como seres ativos, livres e sociais. Há também ênfase para o processo de aprendizagem que, nessa tendência, parte do interesse dos alunos que, por sua vez, aprendem através das experiências vivenciadas e pelo que descobrem por si mesmos.

A tendência tecnicista definiu uma prática pedagógica controlada e dirigida pelo professor. Através da supervalorização da tecnologia programada de ensino, a escola acaba criando a idéia de que aprender não é algo natural, mas que depende exclusivamente de especialistas e de técnicas. Desse modo, o professor é um mero especialista na aplicação de manuais restringindo a sua criatividade.

As tendências marcadas por preocupações sociais e políticas firmam-se através das teorias críticas reprodutivistas com a pedagogia libertadora e pedagogia crítico-social dos conteúdos. A pedagogia libertadora surge com os movimentos de educação popular ocorridos no período transitório da dec. de 50 a 60. Nessa proposta a atividade escolar se desenvolve através de discussões de temas sociais e políticos pautando-se, sobretudo na realidade social. A pedagogia crítico-social dos conteúdos assegura a função política e social da escola através do trabalho com os conhecimentos sistematizados, pois é necessário o conhecimento amplo para que os alunos interpretem suas experiências de vida e defendam seus interesses de classe. As tendências expostas trazem contribuições para a elaboração de uma proposta atual que busque recuperar aspectos positivos das práticas anteriores.

As propostas atuais podem ser observadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais que:

concebe a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na

construção de uma sociedade democrática e não excludente. (2001, p.45)

Essa concepção propicia a formação do indivíduo crítico, consciente, capaz de intervir nos fenômenos sociais e culturais, além de possibilitar a participação nas manifestações culturais nacionais e universais. A escola é vista como um espaço de formação e informação em que os conteúdos apreendidos devem favorecer a inserção do aluno na realidade social e no universo cultural amplo. Ela, como Instituição social, tem o compromisso de promover o desenvolvimento e a socialização dos alunos, e na perspectiva de construção de cidadania, promover a valorização da cultura da própria comunidade e simultaneamente buscar ultrapassar os limites culturais regionais e nacionais.

No processo de construção e reconstrução do conhecimento, a escola propicia o desenvolvimento de capacidade de relação interpessoal, cognitiva, afetiva, motora, ética de inserção social. Os conhecimentos são significados através da construção dinâmica que se dá na interação entre o saber escolar e os demais saberes possibilitando a instrumentalização do aluno para uma participação cultural, social e política efetiva.

Tendências da educação para o lazer

Tratando-se da relação entre educação e lazer, não se pode pensar em lazer sem uma proposta educacional de desenvolvimento do indivíduo enquanto cidadão inserido na sociedade. Para tanto, pode-se observar que ao longo da história várias correntes ou tendências de explicação ou intervenção no campo do lazer e da educação se configuraram podendo ser observadas, de alguma forma, nos dias atuais.

As propostas educativas para o lazer no campo da educação formal surgem desde a antiga Escola normal no Brasil, criada em 1835, através dos jogos de recreio escolar, refletindo significativamente na educação não-formal e nas mudanças culturais recorrentes.

Uma tendência predominante até meados de 1960, intervindo diretamente na constituição do campo do lazer, apresentava-se, segundo Marcassa (2004), através da proposta de aplicação de recursos e estratégias pedagógicas para que

desta forma ocorresse à ocupação saudável e produtiva do tempo livre, ou seja, o tempo livre das obrigações, que acabara contribuindo para autodisciplinar os indivíduos e a correta organização dos lazeres por meio da recreação. Desta forma, pode-se observar que a introdução do lazer na escola ocorre primeiramente através da recreação, que surge atrelada à escola com o papel de forjar o perfil social de homem e mulher desejado, já que nesse período penetram no ambiente escolar, as idéias a respeito da formação de um cidadão que respondesse às exigências da sociedade. Nesse intuito, a recreação destinava-se a disciplinar as mentes, procurando corrigir e encetar hábitos. Era considerada formativa à medida que estimulava o cultivo dos corpos, através da estimulação do corpo e do espírito para a escolha de exercícios e brincadeiras que recuperassem as energias gastas em outras atividades ou trabalhos escolares. Nesta perspectiva as horas livres aos poucos são preenchidas pelas atividades recreativas que têm o papel recompensador das horas de estudo e produtor de vigor físico.

Outra perspectiva de análise dessa relação, segundo Marcassa (2004) parte do entendimento do lazer como espaço de educação permanente, uma vez que permite o descanso, o divertimento e o desenvolvimento, transferindo para o âmbito do lazer as responsabilidades referentes à educação, indicando desta forma uma função funcionalista, através dos fins moralistas, compensatórios e utilitaristas que contribuíram para a harmonia social e, as relações de hegemonia.

Nesta perspectiva, vários autores se destacam, entre eles, Gaelzer (1979, citado por MARCASSA, 2004, p.128) dá ênfase à dimensão subjetiva que o lazer apresenta, além de fazer uma distinção entre a recreação e o lazer. Ele define o lazer como sendo “a harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer”. Para Gaelzer, a relação entre lazer e educação se sustenta pela preparação subjetiva do sujeito para responder de forma crítica, ativa e bem-sucedida aos riscos que a vida pode apresentar.

Na mesma perspectiva, Parker (1978, citado por MARCASSA, 2004) defende a subjetividade do lazer, considerando que o lazer possui significados

individuais e sentidos sociais. Para ele tanto a educação como o lazer possuem o objetivo comum de desenvolver a personalidade e o enriquecimento pessoal do indivíduo e, neste sentido, a educação ocorre de três formas: a educação para o lazer, a educação como lazer e a educação permanente, que promove uma postura ativa diante do lazer e da vida em geral.

Um autor que foi bastante significativo nesta tendência, apesar de não se referir diretamente sobre a relação entre lazer e educação, foi o francês Dumazedier, seus estudos foram bastante difundidos no Brasil. Ele compreende o lazer como ação cultural e, desta forma, ele se apresenta como mecanismo de educação:

a ação cultural poderá ser vista com vistas à ação econômica e social, como o modo pelo qual agentes públicos e particulares intervêm sobre interesses, informações, conhecimentos, normas e valores da população de um grupo ou da sociedade global, em função de seus critérios de desenvolvimento cultural (DUMAZEDIER, 1976, p.280)

Nesta concepção, o lazer e a educação exercem a função de estabelecer a manutenção e o funcionamento do *status quo* através de seu conteúdo social.

Através de estudo, tendo como base alguns desses autores citados anteriormente, Reiquixa citado por Marcellino (1987) compreende que é importante o homem ser educado para a vida, mantendo nela o equilíbrio entre o lazer e o trabalho, para isso a educação para o lazer contribui no aprendizado do uso do tempo livre. Este aprendizado está diretamente ligado ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece, ao conhecimento das atividades que satisfaçam os vários interesses e ao recebimento de estímulo para participar e receber o mínimo de orientação que possa permitir a opção. Ele tem como objetivo capacitar o indivíduo, por meio do lazer, para estabelecer com o meio um relacionamento ideal, com o fim de que haja simultaneamente, desenvolvimento tanto pessoal como social consciência de responsabilidade em decorrência do progresso, discernimento em relação às situações e ajustamento da realidade. Nessa perspectiva, a ação comunitária é um processo educativo que ao unir as forças da comunidade e de seus agentes interventores tenta superar as relações assistencialistas que predominavam na prática do lazer.

Na educação, Marcellino (1987) considera a possibilidade do lazer como campo de atuação pedagógica, pois acredita na mútua influência das duas áreas – lazer e educação – como parte do processo educativo. Para ele a relação entre educação e lazer baseia-se em duas constatações, a primeira considera o lazer como um veículo privilegiado de educação, e a segunda considera necessário para a prática positiva do lazer o aprendizado, o estímulo, a iniciação, possibilitando a passagem de níveis menos elaborados, para níveis mais elaborados, na prática ou na observação. Ele concebe a relação lazer e educação, apostando no engajamento da sociedade. Este engajamento direciona à mudanças culturais que são capazes de promover o ser humano, fazendo com que tenha mais prazer para viver. Assim, verificam-se dois processos educativos, o lazer como veículo e como objeto de educação.

Quando se trata o lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento social e pessoal dos indivíduos, pois o lazer proporciona o relaxamento, o prazer, contribui para a compreensão da realidade, possibilita o reconhecimento das responsabilidades sociais, além de sensibilizar os indivíduos através de contatos primários e do desenvolvimento da solidariedade. Nesse sentido, o lazer amplia suas potencialidades educacionais para contribuir com o desenvolvimento pessoal e social, na perspectiva de resgatar o humano do homem em uma perspectiva de educação permanente, buscando o desenvolvimento cultural, através da animação sócio-cultural (MARCELLINO, 1987). Em relação a educação permanente, é importante compreender que a educação permanente acontece em toda a vida do indivíduo e visa o completo desenvolvimento do ser humano, dentro de um estilo de vida pessoal e social.

Uma alternativa para a educação pelo lazer pode ser observada através da proposta de facilitar o acesso à contra-informação, ou seja, o fornecimento de instrumentos ao consumidor para que diante das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação ele possa fazer uma leitura crítica. A contra-informação é conceituada como a prática de comunicação e de militância política que resistem à

ordem hegemônica vigente e lutam pela instalação de uma nova hegemonia (MARCELLINO, 1987).

Alguns autores observam a ocorrência, na sociedade atual, do anti-lazer, ou seja, sua própria negação, simples atividades a serem consumidas alimentando a alienação. Diante da indústria cultural e das necessidades criadas por ela, Marcellino (1987) considera necessário que a educação para o lazer procure satisfazer necessidades individuais e sociais, pois a expansão da indústria cultural colocou o lazer mais próximo do cotidiano para atender as necessidades do consumo tornando seus conteúdos não tão elevados, e até mesmo vulgares.

Uma tendência bem atual é a abordada por Mascarenhas (2003) que propõe uma intervenção sócio-educativa no lazer. Firmando suas bases nas propostas de educação popular de Paulo Freire, concebe o lazer-educação como

Posição política e político-pedagógico de compromisso com os grupos ou movimentos sociais mediante sua resistência e luta cotidiana por sobrevivência, por emancipação e pela conquista de um mundo mais justo e melhor para se viver. (MASCARENHAS, 2003, p.22)

Através da articulação da prática pedagógica e dos conteúdos do lazer espera-se que se reconheça a ação, que estão incluídos, como um espaço de resistência e de organização social, em relação ao acesso e a fruição dos bens culturais, à participação na produção da cultura, na política e no direcionamento da vida social na busca de um mundo melhor para se viver em sociedade. A perspectiva crítico-libertadora possibilita refletir sobre a realidade que o cerca e a prática a liberdade através do exercício da cidadania e a participação social.

Nesta perspectiva crítica-libertadora, o lazer é reconhecido, segundo Pinto, como:

um dos deveres de todo cidadão no sentido da transformação sociocultural, da propagação da vivência lúdica e garantia do direito de inclusão social no lazer aos sujeitos de todas as idades gêneros, etnias e camadas sociais. Demanda, assim, uma educação conscientizadora da importância do lazer para a saúde, qualidade de vida, humanização das relações e conquista da cidadania. (2001, p.60)

São vários os desafios colocados por essa tendência que se baseia na conscientização dos sujeitos. Nela os sujeitos desenvolvem sua capacidade crítica e criativa de transformação e passa a ser sujeitos ativos da ocupação de um lugar

central na vivência lúdica, provocando à curiosidade, a imaginação, a vontade de sujeitos conscientes de seu papel na sociedade.

A análise dessas tendências tem o objetivo de apanhar as principais concepções que embasam o debate sobre lazer e educação, visando contribuir com a discussão sobre os meios e fins do tema educação e lazer e de seu lugar na construção da sociedade.

Educação e lazer: como se permite esse diálogo?

Para fazer um diálogo entre a educação e o lazer, é necessária a análise de documentos referenciais para a educação e o lazer no Brasil e no mundo, com o intuito de sinalizar nestes documentos propostas de lazer para uma possível intervenção no âmbito da educação formal. Deste modo, será tomado como base, neste capítulo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais da educação fundamental (PCNs) e a Carta Internacional de Educação para o Lazer.

A lei que rege a educação brasileira, a nova LDB, de número 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º, do título I da educação, a lei estabelece que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, complementando traz no “§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. Nestes textos da lei o termo educação tem um sentido abrangente, de ação do indivíduo sobre o indivíduo nas mais diversas ambiências: na família, na escola, no lazer etc, nesta ação existe um processo formativo do indivíduo no qual é formada a cidadania, papel primordial da educação. No § 2º a prática social a qual a educação deve se vincular refere às atividades que são produzidas socialmente e que ao mesmo tempo são produtoras dessa existência social, dentre essas atividades encontra-se o lazer, elemento constituinte da cultura, o lazer deve ser encarado como uma vivência integrada a vida humana, e não como algo supérfluo que se encontra em última instância na ordem das necessidades humanas. A

educação, encarada de maneira tão abrangente pela LDB, ultrapassando os muros da escola formal tem um papel primordial de formar o aluno para ser um cidadão e assim viver em sociedade de forma consciente de seu papel, de seus atos e de seus deveres. Porém, o que se observa, na prática pedagógica, é a formação de pessoas alienadas e passivas diante da sociedade, o que faz com que as pessoas vivenciem o lazer de forma consumista, reproduzindo o que a indústria cultural concebe sobre o lazer. Além disso, o trabalho supervalorizado, em detrimento do lazer forma o aluno somente para o mundo do trabalho, esquecendo outras práticas sociais que complementam a existência humana. Dessa forma, a escola também deve preparar o aluno para vivenciar o lazer de forma consciente, fazendo com que ele compreenda várias questões que perpassam sua vivência, principalmente a conquista desse tempo livre e a influência da indústria cultural.

No artigo 2º do título II dos princípios e fins da educação nacional a LDB estabelece que:

a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pode-se observar que o artigo baseado em estatutos universais apresenta três finalidades que a educação deve assumir: o desenvolvimento pleno do educando, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Estes pontos são importantes para ressaltar a importância do lazer como um dos pilares de consolidação das finalidades da educação, pois ele se apresenta como instrumento de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, de conscientização do educando, possibilitando a construção da cidadania. Como explica Requiza (1980), o indivíduo, ao participar em atividades de lazer, desenvolve-se tanto individualmente, como socialmente, condições estas indispensáveis para garantir o seu bem-estar e participação mais ativa no atendimento de necessidades e aspirações de ordem individual, familiar, cultural e comunitária.

No artigo 3º, do título “dos princípios e fins da educação nacional” são estabelecidos alguns princípios que a educação terá por base, um deles é a

valorização da experiência extra-escolar, neste ponto o que é ressaltado é a importância de valorizar o cotidiano do educando, ou seja, valorizar a convivência, a família, o lazer, etc. Deste modo, a escola não pode desconsiderar o tempo extra-escolar, o tempo fora da escola, que pode ser também o tempo livre de obrigações, onde pode ser vivenciado o lazer em sua plenitude.

Para consolidar o artigo 9, inciso IV da LDB, que pressupõe a formulação de competências e diretrizes que norteiem os currículos e seus conteúdos mínimos assegurando a formação básica comum, criam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, que são documentos que foram idealizados e elaborados pelo Ministério da educação e do desporto. Ele não é um documento neutro, segundo Arroyo (2000):

As equipes que os elaboraram têm suas visões de ciência, de conhecimento, de sua construção e apreensão. Trazem, sobretudo, ainda que não tão explicitadas concepções de Educação básica e do papel e perfil de seus profissionais. Trazem as marcas dos debates teóricos e políticos, optam por umas visões de educação e docência e secundarizam ou ignoram outras. Concretizam estratégias e políticas de um governo e dos interesses sociais e políticos que representam. (p. 94)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem conhecimentos atuais, principalmente para aqueles que não têm oportunidade e acesso às produções recentes do meio acadêmico. Porém, as pessoas têm que ter condições de interpretar levando em consideração as linhas de pensamento de quem elaborou; as estratégias e políticas do governo e dos interesses sociais e políticos que representam.

Segundo Machado (1998, p. 46) eles tem como finalidade:

subsidiar a elaboração ou revisão curricular, orientar a formação inicial e continuada de professores, a produção de livros e outros materiais didáticos, o fomento da discussão pedagógica, a elaboração de projetos educativos, o trabalho cooperativo das escolas e avaliação de aprendizagem e do sistema educativo nacional.

Os PCNs têm seus princípios e fundamentos baseados na busca de uma educação de qualidade para todos. A educação de qualidade que a sociedade demanda, segundo os PCNs, se dá através de uma prática educativa que se adequa às necessidades econômicas, políticas, sociais e culturais que fazem parte da atual realidade brasileira. Essas práticas devem garantir aprendizagens

que são essenciais numa formação cidadã que torne os indivíduos capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. Para exercer a cidadania, de acordo com o PCN, é necessário o acesso de todos aos recursos culturais que são importantes para a intervenção e a participação com responsabilidade na vida social.

Na perspectiva da formação do cidadão, o campo educacional deve proporcionar as capacidades de vivenciar formas diferentes de inserção tanto sociopolítica como cultural. Isso se deve pelo fato da escola apresentar-se atualmente com um papel mais abrangente de formação, para tanto ela sente “a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania”.(PCN, 2001, p.34)

No processo de ensino aprendizagem o documento relata ser necessário entre outros fatores “o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade” (PCN, p.35). Isso só pode ocorrer através de uma nova postura do educador diante do ensino-aprendizagem, pois é necessário que o educador tenha o papel de mediador na construção do conhecimento, favorecendo desta forma que o aluno seja ativo no processo de ensino-aprendizagem e desenvolva sua criatividade.

Existem algumas capacidades que devem ser desenvolvidas ao longo da vida escolar, de acordo com os PCNs são elas: capacidades de ordens cognitivas, físicas, afetivas, de relações interpessoais e inserção social, de ética e estética, sempre visando uma formação ampla.

Para tais capacidades que devem ser desenvolvidas, sabe-se que a cognitiva influencia na postura de como o indivíduo se prepara para a vida, através de representações, comunicação; a física abrange o autoconhecimento e o uso do corpo; a afetiva refere-se às motivações, à auto-estima, à sensibilidade e à adequação de atitudes no convívio social; a capacidade interpessoal está diretamente ligada à afetiva, envolvendo a compreensão do conviver e do produzir com os outros, percebendo as individualidades de cada um; a capacidade estética permite a produção artística e a apreciação artística de diferentes culturas em

diferentes contextos históricos; a capacidade ética é a possibilidade de agir de forma autônoma através de princípios que servem para a análise de diferentes situações da vida, buscando os valores e opções que as envolvem; a de inserção social é a de perceber-se enquanto parte de um grupo, e ser capaz de realizar transformações na sua comunidade.

Nesta perspectiva, a escola deve proporcionar o desenvolvimento de todas as capacidades para que o ensino se torne mais humanizado, desta forma, o lazer apresenta-se como uma possibilidade de desenvolvimento desses objetivos, à medida que é desenvolvido em diferentes áreas de interesses, que são apresentadas por Dumazedier (1999), são elas: artísticas, práticas, intelectuais, sociais e físicas.

Para tais áreas de interesse, tem-se a artística, ligada às manifestações artísticas existentes, devendo contribuir na sensibilização do indivíduo, na compreensão de novas linguagens artísticas e na vivência de novas experiências como expectador e/ou produtor artístico; os interesses práticos, manuais, são aqueles que fundamentalmente requer a manipulação de objetos e produtos; os intelectuais, em que as vivências têm sua ênfase central no raciocínio, ou seja, no cognitivo; os interesses sociais que têm como motivação a sociabilidade, através do respeito mútuo; e os interesses físicos que podem ser encontrados nas atividades esportivas, de aventura, ou seja, em atividades que estão intimamente ligadas a diversos estilos de vida.

Todos os interesses estão presentes na escola, e podem ser manifestados de diversas formas, porém, como pertencente ao fenômeno lazer, o interesse físico é tratado claramente através do PCN de educação física, volume 7, que traz o lazer como uma esfera importante da vida, nestes termos,

a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde (1997,p. 27)

O lazer que se trata o PCN se apresenta como fim nas atividades culturais de movimento e não a própria atividade cultural, já que é uma manifestação cultural. O próprio lazer é capaz de possibilitar a expressão de

sentimentos, afetos e emoções, além de recuperação psicossomática, tudo isso em busca de desenvolvimento, descanso e diversão, para a garantia de uma melhor qualidade de vida.

Dentre as possibilidades do lazer, o PCN resgata a contemplação como alternativa de lazer: “É possível que uma pessoa goste de praticar um ou outro esporte, fazer uma ou outra atividade física; entretanto, apreciar é algo que todos podem fazer e amplia as possibilidades de lazer e diversão” (1997, p. 88). Além disso, o lazer se apresenta também como um direito do cidadão, enquanto a esse aspecto o PCN diz que: “O lazer e a disponibilidade de espaços para as atividades lúdicas e esportivas são necessidades básicas e por isso, direito do cidadão” (1997, p.29).

De acordo com os PCNs, ao final do ensino fundamental os alunos devem ser capazes de:

Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão (p.44).

Apesar do lazer se apresentar, ainda, de forma tímida nesses documentos, não tendo de fato uma proposta mais consistente nessa área é importante ressaltar essas sinalizações sobre o lazer trazidas pelos PCNs, pois a escola ainda não atentou para as potencialidades do lazer como instrumento de educação.

Através da análise do Parâmetro Curricular Nacional referente à Educação Física, percebe-se que o documento é superficial ao se tratar de questões importantes, como o lazer, não aprofundando e não explicitando a concepção de lazer e em que perspectiva o tema é abordado. É necessário esclarecer o conceito de lazer que o PCN aborda para desenvolver uma educação para e pelo lazer que re-signifique a sua prática através de novas apropriações e novos sentidos. O PCN aponta o direito ao lazer e a importância de vivenciá-lo, porém, não indica ao leitor os caminhos que devem ser seguidos para um efetivo desenvolvimento de uma educação para e pelo lazer. Nesta perspectiva, Moura (2002) através da análise dos PCNs acredita que os PCNs poderiam vir a ser um veículo importante e impulsionador de uma abordagem que privilegie o lazer como

uma das esferas necessárias a vida humana, em harmonia com as esferas do trabalho, da família e da religião.

Em consonância com os PCNs, no que diz respeito à formação de atitude, o relatório para a União das nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) da comissão internacional sobre educação para o século XXI, relatório mais conhecido como Jacques Delors (2004), trata de alguns horizontes para a educação, dentre eles está a importância de educar para o desenvolvimento humano, retratando também uma perspectiva de desenvolvimento humano abrangente que visa à realização do ser humano enquanto tal.

No âmbito internacional além da UNESCO, outros órgãos já atentaram para as questões referentes a uma educação abrangente do indivíduo, como é o caso da “Carta Internacional de educação para o lazer”, que foi elaborada e aprovada no “Seminário Internacional da World Leisure and Recreation Association (WLRA) de Educação para o Lazer” que aconteceu em Jerusalém, Israel em agosto de 1993, e posteriormente foi ratificada pelo Conselho da WLRA, em dezembro, do mesmo ano. A World Leisure and Recreation Association é uma organização não-governamental de âmbito mundial, que apresenta status consultivo na Organização Mundial das Nações Unidas (ONU). Esta organização dedica-se a descobrir e promover condições para a vivência de experiências de lazer que possam melhorar a qualidade de vida de todos os indivíduos e suas comunidades.

A carta tem a finalidade de “informar aos governos, às organizações não governamentais e às instituições de ensino a respeito do significado e dos benefícios do lazer e da educação para e pelo lazer”. Tem também a finalidade de “orientar os agentes de educação, incluindo as escolas, a comunidade e as instituições envolvidas na capacitação de recursos humanos sobre os princípios nos quais poderão se desenvolver políticas e estratégias de educação para o lazer”. Deste modo, esta carta pode ser considerada referência mundial na educação para e pelo lazer, contribuindo na orientação dos agentes educativos sobre os princípios que consideram norteadores nessa política de educação.

Para o desenvolvimento da proposta, a carta é bem clara nas suas considerações sobre o lazer, tratando-o como: área específica da experiência

humana; meio privilegiado para o desenvolvimento pessoal, social e econômico; promotor da saúde e bem-estar; direito humano básico; recurso para melhorar a qualidade de vida e; válvula de escape das condições sociais atuais. O sentido do lazer cumpre, nestas considerações, suas funções de descanso, divertimento e desenvolvimento.

A carta considera que a finalidade da educação “é desenvolver os valores e atitudes das pessoas e provê-las com o conhecimento e aptidões que lhes permitirão sentir-se mais seguras e obter mais prazer e satisfação na vida”. Nesta perspectiva, a educação para o lazer é considerada importante na democratização do lazer, considerado um processo de aprendizado contínuo, fazendo parte da área da educação, e para ser desenvolvida deve se adaptar às necessidades locais e às demandas dos países e regiões, sem desconsiderar os diferentes sistemas sociais, culturais e econômicos e, neste processo, os sistemas de ensino tanto formal, como informal, ocupam posição central em sua implementação.

A meta que é pretendida para a educação para o lazer na escola, de acordo com a carta é, “ajudar estudantes em seus diversos níveis a alcançarem uma qualidade de vida desejável através do lazer” e para obter esta meta propõem-se princípios e estratégias em uma estrutura formal e informal. Esse estudo, por se tratar de uma abordagem específica do lazer, no caso na escola, ressalta somente as estruturas formais, em que é proposto:

detectar o potencial para o conteúdo do lazer que existe em cada matéria, currículo e atividades extracurriculares; incluir matérias apropriadas e relevantes para o estudo de lazer, tanto direta como indiretamente; incorporar o lazer em todas as atividades educacionais e culturais, dentro e fora da escola.

Deste modo, a abordagem de ensino aprendizagem deve incluir

a facilitação, animação, criatividade, experimentação pessoal, auto-aprendizado, aulas teóricas e orientação. Recomenda-se que a aprendizagem ocorra individualmente e em grupo, dentro e fora da sala de aula, e mesmo da escola. Isto permitirá uma variedade de formatos expressivos e instrumentais. A abordagem de ensino deve ser a de estimular mais do que a de instruir.

Para a implementação dessa proposta nas instituições de ensino, deve ocorrer o envolvimento de coordenadores de lazer na escola e na classe, professores, orientadores e especialistas externos.

Apesar da concepção de lazer norte-americano ser confundida com recreação, que consiste em toda atividade livre, deve-se reconhecer o avanço deste documento em reconhecer o lazer como uma manifestação a ser desenvolvida em um ambiente educacional, recomendando desta forma a expansão do desenvolvimento de programas de educação para o lazer. De acordo com a carta, a WLRA advoga a educação para o lazer em todos os cenários e foros apropriados e convoca todos os países a apoiarem devidamente a implementação de estratégias e programas de educação para o lazer. O Seminário Internacional da WLRA sobre Educação para o lazer apresenta essa carta com o intuito de levar o lazer a todos através da educação para o lazer até e além do ano 2000.

Desta forma, a escola constitui-se em um dos pilares básicos da sociedade para a formação dos indivíduos. Este papel diz respeito ao desenvolvimento de competências e valores que permitam a atuação ativa como cidadão na sociedade. Nesta perspectiva, o tempo extra-escolar apresenta-se como um tempo bastante significativo apesar das escolas não darem muita importância, em que os alunos encontram-se em outra formação, em autoformação ou até mesmo em (de) formação.

A escola muitas vezes ignora que uma parte significativa dos conteúdos e das aprendizagens escolares é aprendida de forma voluntária pelos alunos em seu tempo extra-escola.

A escola não pode esquecer do tempo livre, ela terá o papel de proporcionar aos alunos conhecimentos e oportunidades para que eles possam viver, conviver e trabalhar, dando significado às suas vidas.

Deste modo, a educação e o lazer são áreas interligadas, porém, o lazer não se apresenta de forma clara nas propostas educacionais, ele é camuflado, ocorrendo desta forma uma desvalorização do lazer e uma supervalorização do trabalho. Esse processo pode ser decorrente do fato de que a sociedade não tem uma "educação para o lazer", se encontrando o mesmo, na margem de todos os processos - seja ele educacionais, segurança, saúde, etc – assim, ele não é democraticamente encarado como direito e necessidade.

O profissional do lazer: possibilidades de atuação

Existe na sociedade atual uma busca por profissionais qualificados que possuam conhecimento, embasamento técnico específico e que estejam preparados e capacitados para atuar no mercado de trabalho. Na área do lazer esse cenário se apresenta de forma preocupante, já que a oferta de curso nesta área é inexpressiva diante da realidade e dos desafios atuais. Geralmente, os profissionais que atuam na área possuem nível superior, como os bacharéis em turismo e licenciados em Educação Física, ou são leigos que atuam voluntariamente em instituições do terceiro setor, estes disponibilizam parte de seu tempo para contribuírem com ações sociais, sem a qualidade e a sistematização necessárias para a realização desse serviço. A formação desses profissionais se encontra, muitas vezes, através da prática do aprender fazendo ou na educação não-formal, através de cursos aligeirados, que contribuem de forma significativa, porém carecem de aprofundamento técnico.

Pinto (2001) preocupado com este quadro e esperando contribuir na ressignificação do tempo e do espaço cultural de lazer apresenta alguns desafios, na perspectiva da educação, que ela considera importantes para o profissional desta área. Dentre eles os que se enfocam na educação formal são: “a reorganização da cultura escolar, ampliando o tempo disponível para o lazer e integrando o lazer às atividades curriculares”; “a realização de planejamentos flexíveis, considerando as necessidades especiais quanto ao tempo de diferentes sujeitos e grupos (estudantes)”; “relação pedagógica criativa na construção dos espaços educativos (arrumação, organização, vivência lúdica nas relações espaciais, humanização dos espaços com retratos, registros, objetos, dentre outros.)”; “vivência do lazer integrada com vários espaços da escola, na rua e em vários locais da cidade”; “transformação do espaço escola em centro cultural lúdico, dando seiva e vitalidade ao potencial cultural da comunidade na qual se situa”; “discussão sobre a integração do lazer em todas as ações educativas formais e não formais.” (PINTO, 2001, p.61)

Os desafios, apresentados por Pinto (2001), retratam a sua experiência como educadora no lazer. Esta autora apresenta desafios que possibilitam visualizar a atuação do profissional na escola, o que hoje já se apresenta como realidade em diversas cidades do Brasil, porém na maioria das vezes é desenvolvida por profissionais não qualificados.

Além desses desafios, Pinto (2001) considera que a educação para o lazer deve acontecer de forma simultânea com a construção de saberes e de competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática. Apresenta, também, a necessidade da compreensão do papel social na educação para o lazer; do domínio dos conteúdos a serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares. A referida autora chama ainda a atenção para a importância do domínio do conhecimento pedagógico, do conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica e do gerenciamento do próprio desenvolvimento de ações educativas lúdicas.

Neste sentido, o estudo de Pinto (2001) sugere a sistematização de um trabalho de formação a nível superior que realmente contribua para a qualificação do profissional de lazer.

Deste modo, o que Pinto (2001) coloca é que, não basta ter animação, a alegria deve se aliar à competência político-democrática, tendo clareza de seus fins; não basta ter bom senso, é preciso também ter diálogo e saber escutar; não basta ter talento, é preciso aliá-lo a reflexão e aos princípios da ética democrática; não basta ter intuição, é preciso discutir seus próprios valores, os do contexto social e os dos outros, ao se redor; não basta ter cultura, é preciso ampliar esse conhecimento, conhecendo as relações que ele possui com a educação; não basta saber conteúdos, é preciso saber transformar esses conteúdos em ação; não basta ter experiência, essas experiências devem ser potencializadas com o desenvolvimento da busca de algo novo, através da criatividade e curiosidade; e não basta ter o domínio técnico, a educação pelo e para o lazer não pode ocorrer sem considerar a formação moral e os processos que possibilitem o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas.

A formação, discutida por Pinto (2001, p.69), enfatiza “o reconhecimento do outro e do lazer como construção compartilhada por todos os sexos, idades etnias, camadas sociais e sujeitos portadores de necessidades diversas”. Essas trocas fazem parte de um processo dialético e subjetivo do sujeito que acaba se desenvolvendo em vários aspectos, fazendo com que o indivíduo tenha ações e pensamentos diferentes sobre o mundo.

Outra perspectiva de formação profissional é apresentada por Melo (2003), para ele não se pode discutir a formação do profissional do lazer sem levar em conta dois aspectos: a falta de um quadro de reflexões relevantes para uma formação de qualidade; e a atuação simplista devido a falta de uma formação adequada.

Para o autor existem alguns fatores que dificultam a implementação deste profissional, são eles: a tradição histórica, que compreende a atuação no lazer como simples oferecimento de atividades; a idéia de que para atuar na área é fácil e só bastam algumas características de personalidade e saber brincadeiras; a diversidade de características do mercado de trabalho, sendo difícil uma formação que abranja todo o campo profissional; a desvalorização profissional devido a temática se relacionar com várias áreas e desta forma ter um caráter não disciplinar; e o perfil complexo devido a especificidade do campo de atuação. Desse modo, a atuação desse profissional deve acontecer de maneira multidisciplinar através de uma atuação em conjunto com diferentes áreas em um diálogo constante.

Melo (2003) apresenta algumas características que devem ser buscadas pelos profissionais do lazer, são elas: a busca de ultrapassar a formação original buscando um diálogo com outros profissionais e a compreensão das várias possibilidades de atuação; a liderança de forma democrática que possibilite a construção de programas de lazer em conjunto com o público; uma comunicação freqüente tanto com o público alvo, como também com profissionais de outras áreas, buscando uma proposta multidisciplinar; buscar alimentar a capacidade criativa e de dialogo com o publico alvo a fim de descobrir alternativas para uma proposta de lazer satisfatória; desenvolver uma visão estratégica de sua própria

atuação, planejando, operacionalizando e avaliando as propostas desenvolvidas; buscar se atualizar tanto na formação técnica, quanto no cotidiano social; desenvolver o senso crítico em busca de novos olhares que contribua para uma prática responsável de inclusão social e de superação do *status quo*.

Quanto aos conteúdos, segundo Melo (2003), este profissional deve ter domínio das diversas manifestações culturais, compreendendo-as como fenômenos sócio-culturais e importantes estratégias de ação pedagógica; do lazer, compreendendo-o como uma intervenção pedagógica no âmbito cultural; e da cultura como um “conjunto de valores e normas”, que se apresenta de diferentes formas na sociedade (p.80). Para uma formação de qualidade é necessário articular estes três conteúdos.

Diferentemente de Melo (2003), Maia (2005) traz outra perspectiva de formação em que se enfoca a pessoa do profissional do lazer e seu processo autoformativo. Neste processo de autoformação os saberes oriundos da experiência e a formação desses profissionais não podem ser ignorados nos currículos.

Para Maia (2005), esses indivíduos devem ser reconhecidos por completo, sendo eles constituídos de “corpo e mente, sentimento e espírito, dotado de uma dimensão social que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se, sobretudo um crescimento interior, qualitativo e multidimensional” (p.6). O profissional do lazer, compreendido como um todo, interfere em seu ambiente através de seus comportamentos, decisões, pensamentos, atos, ações, que devem se articular em um movimento circular constante de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação (MAIA, 2005).

Deste modo, o profissional do lazer deve ser capaz de:

participar efetivamente da vida social e política, assumindo tarefas e responsabilidades que dialoga num mundo interativo e interdependente, impregnado dos instrumentos de sua cultura, utilizando-se para a sua emancipação, transformação, libertação e transcendência. Acredita-se que seja dotado de competências fundamentais no sentido de capacitar-se para assumir o comando da própria vida, numa participação direta, efetiva e responsável no viver em sociedade. (MAIA, 2005, p.3)

Pensar o profissional do lazer nesta perspectiva é pensar num indivíduo como um todo, dotado de experiências que não podem ser desconsideradas em

seu processo autoformativo. Este processo vai além das instituições de ensino, abrangendo a vida por completo, onde se busca primeiro a compreensão do lazer e a partir daí uma mudança de comportamento do profissional, interferindo, desta forma, no modo de vida dos indivíduos que estão em seu entorno.

Para subsidiar a formulação dos cursos superiores e pós-graduação que existem e que tentam proporcionar uma formação de qualidade para esses profissionais, o Ministério da Educação (MEC) disponibiliza os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico na área de Lazer e Desenvolvimento Social. Este documento se apresenta como referência nacional na formação do profissional do lazer e traz orientações amplas.

De acordo com os Referenciais, o profissional da área de Lazer e Desenvolvimento Social deverá procurar:

Educar a população para uma mudança nos padrões de produção e consumo; deverá realizar um trabalho preventivo para a redução da incidência de doenças, levando em conta a necessidade de um meio ambiente saudável, uma alimentação e nutrição adequadas; deverá promover a melhoria de vida da criança e do adolescente carente, garantindo-lhes a condição de cidadãos de direito; deverá atuar, também, entre os idosos, institucionalizados ou não, propiciando-lhes uma velhice ativa, produtiva, com participação efetiva na família e na comunidade. Trabalhando na organização de grupos de interesses coletivos, associações, cooperativas, o profissional da área de Lazer e Desenvolvimento Social deverá promover a integração e facilitar os processos de inclusão social, desenvolver atividades de geração de emprego e renda, ou ainda de práticas físico-desportivas, artístico-cultural, recreação, entretenimento e folclore. (2000, P.9)

Como partes integrantes do processo produtivo da área, foram identificadas as funções de: Estudos e Projetos, Mobilização e Organização Social, Gestão de Recursos Institucionais e Lazer. Dentro de cada função existe subfunções, competências, habilidades e bases tecnológicas que tentam sistematizar a atuação deste profissional.

Para elaboração de qualquer proposta de atuação é preciso conhecer a realidade e o grupo que se propõe trabalhar, os Estudos e Projetos são de extrema importância para elaboração de atividades que vão embasar as ações e intervenções futuras. Nesta perspectiva, a pesquisa e caracterização da área de atuação vão possibilitar o conhecimento da realidade a ser trabalhada e, para a

ordenação das atividades a serem empreendidas será necessária a elaboração de projetos e programas.

É uma necessidade, na área do lazer, o conhecimento da realidade dos indivíduos que irão participar das vivências proporcionadas pelo profissional, pois o lazer, por se caracterizar como uma vivência subjetiva não deve ser imposto, devem ser considerados e respeitados todos os aspectos relevantes, às situações, os grupos e os ambientes na prática do profissional.

Tendo em vista a falta de compreensão sobre o lazer que a grande parte da população possui, a Mobilização e Organização Social deverão atuar através da integração dos beneficiários no processo de desenvolvimento de maneira a sensibilizar e mobilizar o grupo com relação à ação a ser proposta, além de criar grupos de interesse, visando o lazer e simultaneamente afirmando a cidadania.

Na sociedade atual, a valorização do trabalho ocorre de forma expressiva. Neste sentido, é relevante a função de Mobilização social para conscientizar e sensibilizar o cidadão a buscar o seu direito social ao lazer. Este direito está assegurado na Constituição de 1988, no capítulo II, Dos direitos sociais, no art.6º, que diz: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a previdência social, a proteção à maternidade, a assistência aos desamparados na forma dessa constituição” (BRASIL, 2002, p.12). Além disso, ainda traz, no título VII, capítulo III, da educação, da cultura e do desporto, na seção III, do desporto, no artigo 217, §3º, “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um observado: [...] o poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social”. (BRASIL, 2002, p.132). Como pode ser visto, através da constituição é assegurado o direito ao lazer, porém a falta de informação ou a idéia que o lazer é desnecessário, quando comparado aos outros direitos, como a alimentação e a saúde, fazem com que as pessoas não exijam dos governantes políticas públicas de lazer.

Outra função encontrada é a Gestão de Recursos Institucionais que se vincula à maximização dos recursos envolvidos nos projetos de desenvolvimento elaborados para as áreas. A identificação, levantamento, registro de recursos institucionais e o gerenciamento de projetos sociais são subfunções que incluem

ações e procedimentos vinculados à área de atuação e desenvolvimento de programas específicos, além de abranger um conjunto de atividades vinculadas ao gerenciamento econômico, técnico e administrativo de projetos sociais. Essa função deve ser considerada, pois sem as articulações e os recursos necessários na ordem administrativa é difícil a implementação de programas e projetos na área.

A função do Lazer subtende um conjunto de atividades de um grupo/comunidade para a recreação, ela apresenta também a subfunção de Identificação, Organização e Monitoramento de Atividade de Lazer referindo-se às várias formas, segundo critérios específicos, das modalidades de recreação.

Para a execução dessas funções e subfunções, os Referenciais Curriculares propõem competências e habilidades, dizendo que o profissional que atua nessa área deverá:

ter competência para diagnosticar e analisar a conjuntura social da comunidade; definir e redefinir diretrizes de ação frente a conjunturas específicas; elaborar, executar e avaliar programas e projetos de interesse da comunidade que visem à melhoria da qualidade de vida. (2000, P.10)

O processo de formação que traz os referenciais e Pinto requer um profissional, que como qualquer outro possui uma nomenclatura que reflete a sua atuação. No caso do profissional do lazer, por ele abranger várias áreas de atuação, é difícil definir essa nomenclatura. Portanto, ressaltando a importância da escola na educação para o lazer, os autores da área propõem a formação de especialistas que se dediquem a essa tarefa.

Como pode ser observado o profissional do lazer não se restringe mais a um mero executor de atividades recreativas, ele deve atender a uma nova perspectiva de mercado que se encontra a cada dia em expansão, e também a uma necessidade do indivíduo, visando sempre à satisfação e o desenvolvimento pessoal e social. Desta forma, o desafio maior é formar profissionais capazes de construir de forma coletiva ações teórico-práticas que sejam significativas e que não mascarem nem atenuem os problemas sociais dos indivíduos envolvidos. A formação deve ser uma oportunidade de aprender a intervir no mercado e na ordem social, ainda que o indivíduo esteja inserido nesse contexto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que o lazer desde o seu surgimento apresenta várias mudanças de concepção, adquirindo desta forma significados que possuíram e possuem, ainda hoje, influência em vários setores da vida (social, econômico). Esse processo de ressignificação só foi possível devido a uma mudança de mentalidade da população que começou a questionar a sua existência. Desta forma, houve um significativo processo de ruptura com as idéias e valores concebidos e reproduzidos até então, que acarretou mudanças de comportamento, desencadeando na população um processo de luta pela conquista de mais tempo livre do trabalho. Nesse sentido, surgem no mundo contemporâneo, novos fenômenos de ampliação do tempo livre que requerem uma nova compreensão da realidade.

Desta forma, através do estudo realizado, observa-se que a escola tem um importante papel ao se apresentar como um dos pilares básicos da sociedade para a formação do indivíduo. Ela tem a tarefa de proporcionar aos alunos conhecimentos e oportunidades para que eles possam viver, conviver e trabalhar, compreendendo essa nova realidade e dando sentido às suas vidas. Isso não pode ser alcançado simplesmente reproduzindo no âmbito educacional uma educação voltada para o trabalho, mas paralelamente por uma educação que considere o tempo livre como processo de formação, ou seja, por uma educação para e pelo lazer.

A legislação que rege a educação nacional atual permite, em seu artigo 1º, do título I da educação e no §2º, uma intervenção do lazer no âmbito da educação formal, pois afirma o abrangente papel da educação no processo formativo que se desenvolvem nas manifestações culturais e na prática social. Além disso, traz em seu artigo 2º do título II dos princípios e fins da educação nacional a finalidade da educação: o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para a cidadania.

O PCN de educação física confirma de forma clara, o quanto os documentos referencias da educação favorecem a implementação de uma proposta de lazer, quando diz que ao final do ensino fundamental os alunos devem ser capazes de “reivindicar locais adequados para promover atividades

corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão” (1997, p.44).

Diante dos documentos que regem a educação, como não pensarem em uma proposta de lazer para a escola, já que a educação para e pelo lazer tem como objetivo formar o indivíduo para que viva o seu tempo livre da forma mais positiva, sendo este um processo de desenvolvimento pessoal e social que amplia o conhecimento de si, do lazer e das relações do lazer com a vida e com a sociedade, formando o indivíduo para intervir de maneira cidadã.

Para tanto, o lazer deve ser considerado um processo integrado à vida cotidiana da escola, incluindo-o em seu currículo, de forma a implementar em seu seio propostas eficazes de educação que conscientizem os educandos das possibilidades da vivência do lazer, dotando-os de saberes necessários para que possam organizar a sua própria vida, tanto do ponto de vista do trabalho, como do aproveitamento do seu tempo livre.

Mas o lazer, quando considerado uma dimensão social da vida humana, um fenômeno sócio cultural, requer da escola transformações em sua prática educativa para que possa ser também um elemento de educação e formação do indivíduo. Neste aspecto, a escola deve desenvolver vivências de lazer, considerando todos os interesses que ele possui e que é demandado pela comunidade escolar, vislumbrado-o como um veículo de educação.

Levando em consideração o estudo realizado, as instituições de ensino formal ocupam uma posição central na implementação da educação para e pelo lazer, motivando e facilitando o envolvimento dos educandos neste processo. Desta forma, não só é possível um processo de conscientização e de educação, mas também a possibilidade dos indivíduos alcançarem uma qualidade de vida desejável, tendo em vista os desastres ocorridos com a globalização e o avanço das tecnologias que tem levado a sociedade a doenças psicossomáticas provocadas, sobretudo pelo stress.

Porém, esta implementação só pode ser mediada de forma desejável com um profissional qualificado, que compreenda o lazer em sua amplitude e que reconheça a importância e o potencial da educação pelo e para o lazer.

O profissional do lazer, ou seja, o que possui formação na área, é o que se encontra atualmente mais preparado para assumir este papel. Ele deve ser mais um profissional que atua na instituição, e essa atuação deve ser contínua, já que a escola deve possuir um profissional com perfil, que procure conhecer a realidade da instituição a ser trabalhada; que procure a partir da compreensão desta realidade planejar uma intervenção que abranja toda a comunidade escolar; e que procure avaliar a sua atuação sempre com uma perspectiva de reelaborá-la para que possa aperfeiçoá-la; que compreenda a cultura como meio de preservação da identidade de uma sociedade; que proporcione uma reflexão sobre o lazer que leve as pessoas a serem críticos e criativos no viver cotidiano; que compreenda o lazer como qualidade de vida de uma sociedade.

Desta forma, pode-se compreender o quanto é urgente e necessária a atuação deste profissional na instituição de ensino, e o quanto este campo de atuação ainda apresenta-se inexplorado. Esta pesquisa pretendeu contribuir neste campo de estudo, iniciando uma reflexão que não deve ser concluído, devendo ser aprofundada, por outros pesquisadores no sentido de uma intervenção prática numa instituição de ensino.

REFERÊNCIAS:

AMARILHA, Marly (org). **Educação e Leitura**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 1999.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**; Imagens e auto imagens. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.

BRAMANTE, Antonio Carlos. **Lazer: Concepções e significados**. Licere. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1998**. Obra Coletiva da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. **3ª ed.** – **Brasília: A Secretaria, 2001.**

_____. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. **Brasília: MEC/SEF, 1997.**

CAMARGO, Luiz Octávio L. O que é lazer. **São Paulo: Brasiliense, 1986**

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

FERRARI, Márcio. O pai da didática moderna. **Revista Nova escola**, edição nº 107, março, 2004. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/170_mar04/html/pensadores>. Acesso em: 05 jun. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce(Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____, Christianne Luce. Lazer – Ocorrência Histórica. In: GOMES, Christianne Luce(Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Christianne Luce (org). **Dicionário Crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Formação Profissional. IN: GOMES, Christianne Luce (org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

JACQUES DELORS (org). **Educação: um tesouro a descobrir**. 9. ed. São Paulo, Brasília : Cortez, MEC, Unesco, 2004.

MACHADO, Maria Auxiliadora C. A. Parâmetros Curriculares Nacionais, **Amae educando**, n. 273, Março de 1998.

MAIA, Sonia Cristina Ferreira. **O profissional do lazer e o projeto autoformativo**. In: V Seminário Nacional de Políticas Públicas em Esporte e Lazer, 2005, Recife – PE.

MARCASSA, Luciana. Lazer-educação. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____, Nelson Carvalho. **Lazer: Formação e atuação profissional**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, Fernando. **O lazer como prática da liberdade**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

MEC, Ministério da Educação. **Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico**. Área profissional: Lazer e desenvolvimento social. Brasília, 2000.

MELO, Victor Andrade de; et al. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Formação de educadores e educadoras para o lazer: saberes e competências. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**. V.22, n.3, maio 2001.

REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. SESC. São Paulo, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas**. 7ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION. **Carta internacional de educação para o lazer**. Elaborada e aprovada no Seminário Internacional da WLRA de Educação para o Lazer. Jerusalém, Israel, agosto de 1993. Disponível em: <http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=195>. Acesso em: 04 maio 2005

O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA E O LAZER NA TERCEIRA IDADE

Juliana Dantas Rocha

ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA REALIDADE.

O progressivo envelhecimento populacional, expresso nas altas taxas de concentrações de idosos, já foi considerado anteriormente um problema restrito aos países de primeiro mundo; Atualmente, porém, é considerado um fenômeno mundial. No Brasil, o Censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), mostrou que 5,6% da população tem mais de 65 anos. Para a Organização Mundial de Saúde, são consideradas idosas as pessoas com mais de 65 anos. Porém, este referencial é válido apenas para os países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento (como o Brasil) a terceira idade começa aos 60 anos.

O aumento da população idosa provoca repercussão econômica principalmente pelo aumento das despesas de saúde e a queda de renda por deixarem de ser economicamente ativos. Isso faz com que os idosos tenham menos condições de auto-sustento. Essa transição demográfica gera mudanças de estilo de vida das pessoas, a necessidade de novos espaços, produtos e serviços, como também, de conceitos e de posturas.

As primeiras consequências médicas do aumento do número de idosos são: o crescimento na demanda por serviços de saúde, mais gastos com medicação, maior ocupação de leitos hospitalares e por maior período de tempo. A situação se torna mais delicada pelo fato de que o velho normalmente demora a se recuperar, além do aumento na incidência de transtornos mentais e de doenças típicas na terceira idade que provocam demência.

Pelo fato de que o envelhecimento populacional vir a se constituir uma preocupação emergente na agenda de inúmeros governantes, foi instituído a Política Nacional do Idoso. Esta política foi criada recentemente (Lei nº 8.842, de 04/01/1994, e Decreto nº 1948, de 03/06/1996) e divulgou o Estatuto do Idoso o qual assegura seus direitos sociais. Após sete anos tramitando no Congresso, o Estatuto foi aprovado em Setembro de 2003 e sancionado pelo Presidente da

República no mês seguinte, ampliando os direitos dos cidadãos com idade acima de 60 anos. Mais abrangente que a Política Nacional do Idoso, o Estatuto contém 118 (cento e dezoito) artigos que regulamentam os direitos e estabelecem punições para crimes e males aos idosos.

Dentre os artigos das “Disposições Preliminares”, destacam-se o artigo 2º e o artigo 3º os quais enfatizam a importância da atenção ao idoso:

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (ESTATUTO DO IDOSO, 2003)

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (ESTATUTO DO IDOSO, 2003)

Sobre o Direito à Vida, o artigo 9º vem a evidenciar o papel do Estado neste processo: Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

Do Direito à Saúde, o artigo 15º garante a atenção integrada ao idoso:

Art. 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde - SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos. (ESTATUTO DO IDOSO, 2003)

Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, o artigo 20º, ressalta a importância da educação e entretenimento: Art. 20º. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Envelhecimento não é sinônimo de incapacidade. Por isso, o Estatuto é necessário para garantir os valores fundamentais da pessoa humana. Direitos e garantias devem ser efetivamente ministrados, num critério justo, para que exista em caráter permanente o equilíbrio da sociedade, garantindo a preservação da cidadania do idoso e a manutenção de seus direitos.

Tomando como base o lazer e a qualidade de vida, o Estatuto do Idoso em seu artigo 10º, inciso VII, alíneas “c” e “e” da lei 8.842/94 prevê a conscientização das autoridades para “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida dos idosos e estimulem sua participação na comunidade”, bem como “incentivar os movimentos de idosos a desenvolver atividades culturais” (ESTATUTO DO IDOSO, 2003).

Trabalhar com o lazer como político social é trabalhar com perspectivas de desenvolvimento social através de políticas públicas que insiram o idoso e permitam a participação destes em âmbito global. Baseando-se nesta preocupação, compreende-se a importância do desenvolvimento de estudos voltados para a vivência do Lazer na Terceira Idade, constituindo-se numa considerável iniciativa para a promoção da sua qualidade de vida.

Consciente disso, o presente artigo tem o intuito de discutir a promoção da saúde a partir de práticas de lazer entre idosos, e para tanto, no item 5 deste artigo (Programa Saúde Da Família Em Natal-RN) destaca os que residem no bairro de Felipe Camarão, Zona Oeste de Natal-RN. Tal região apresenta um dos mais críticos indicadores sócio-epidemiológicos e foi escolhido por ser uma área em que os idosos recebem os cuidados das equipes do Programa Saúde da Família (PSF) e, por ser principalmente, umas das pioneiras (1998) na implantação do PSF no Município de Natal-RN.

PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA (PSF): PRÁTICAS DE PROMOÇÃO À SAÚDE

O Programa Saúde da Família é um modelo de assistência à saúde que desenvolve ações de promoção e proteção à saúde do indivíduo, da família e da

comunidade, através de equipes de saúde, que fazem o atendimento na unidade local de saúde e na comunidade, no nível de atenção primária. (BRASIL, MS, 2004) O Programa Saúde da Família é apontado pelo Ministério da Saúde (2004) como eixo de reorientação de atenção básica no Brasil, devendo contribuir para a implementação de um novo modelo assistencial no País norteado pelo paradigma da promoção da saúde.

De acordo com a organização, cada equipe básica do PSF é responsável pela cobertura de uma área geográfica onde habitem de 800 a 1.000 famílias. Critério este, que pode ser alterado em função das condições de acesso e da densidade demográfica do município.

As equipes são compostas por médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, e agentes comunitários de saúde. Devem, sempre que possível, trabalhar em parceria com outros segmentos da sociedade, garantindo a participação ativa da comunidade para o desenvolvimento de ações educativas de promoção à saúde. (BRASIL, 1994)

O PSF, inicialmente (1994) concebido como Programa, é hoje considerado pelo Ministério da Saúde uma das mais importantes estratégias para a mudança do modelo assistencial no contexto das políticas de saúde. Tem como intenção reorganizar as práticas assistenciais do SUS (Sistema Único de Saúde) na perspectiva de garantir o acesso a uma atenção integrada e humanizada, envolvendo a participação comunitária em todo o processo.

Dentre os objetivos do Programa pelo Ministério da Saúde (1997), incluem: a) Prestar, na unidade de saúde e no domicílio assistência integral, contínua, com resolubilidade e boa qualidade às necessidades de saúde da população; b) Eleger a família e o seu espaço social como núcleo básico de abordagem no atendimento à saúde; c) Humanizar as práticas de saúde através do estabelecimento de um vínculo entre os profissionais e a população; d) Proporcionar o estabelecimento de parcerias através do desenvolvimento de ações intersetoriais; e) Fazer com que a saúde seja reconhecida como um direito de cidadania e, portanto, expressão de qualidade de vida. (BRASIL, 1997)

No Brasil, já existem (referência do mês setembro 2004) 69.884.206 pessoas acompanhadas por 21.475 equipes e que atuam em 4.785 municípios brasileiros, representando uma cobertura populacional de 39.4%. No Rio Grande do Norte, existem 2.025.40 pessoas acompanhadas por 653 equipes, nos 162 municípios, cuja cobertura é de 69.7%. Já em Natal, existem 52 equipes implantadas e distribuídas nos bairros periféricos da capital (BRASIL. SIAB, 2004).

PROMOÇÃO DA SAÚDE: AÇÕES COMUNITÁRIAS PARA A QUALIDADE DE VIDA

A temática de Promoção à Saúde vem sendo discutida de forma recorrente em Fóruns Nacionais e Internacionais de Saúde e de Educação e é necessária sua incorporação nas práticas dos profissionais de saúde. Voltada para o interesse maior nas comunidades e na criação de iniciativas e habilidades que busquem expandir o potencial de vida numa visão positiva de saúde, é explicado face ao aumento da expectativa de vida na modernidade, devido ao acesso desta população a condições médico-sanitárias e conseqüentemente a qualidade de vida.

Promoção da saúde é o processo que possibilita às pessoas controlarem sua saúde e melhorá-la. A proteção ao risco de adoecer abrange a prevenção e o controle das condições de risco. Nos indivíduos idosos é particularmente comum o aparecimento de doenças crônico-degenerativas à medida que envelhecem.

Nesta concepção, a promoção da saúde enfatiza a importância do processo educacional como sendo tão imprescindível quanto a assistência clínica na melhoria da saúde. Esse tipo de enfoque mantém-se centrado nas mudanças de comportamentos danosos dos indivíduos ou restritos a questões culturais de algumas comunidades. O conceito moderno de promoção da saúde deve implicar em atividades voltadas tanto a grupos sociais como a indivíduos por meio de políticas públicas abrangentes (em relação ao ambiente físico, social, político, econômico e cultural) e do esforço comunitário, na busca de melhores condições de saúde (BUSS, 2000).

Há, no entanto, formas concretas de se fazer promoção. Uma delas é a partir do suporte social, caracterizado por um conjunto de ações que visam melhorar a qualidade de vida da comunidade. O suporte social é instrumento que pode ser utilizado na prática dos profissionais de saúde. Envolve ações como o fornecimento de informações fazendo com que a população melhor se proteja: dando apoio emocional, ao conversar, tendo um trato humanizado, aconselhando-os; e, dando apoio instrumental, fornecendo recursos técnicos que possibilitem o cuidado à saúde.

As práticas de promoção à saúde são relativamente novas, o que permite a experimentação de novas formas de atuação. Faz-se necessário o poder criativo para que nasçam novas experiências. Nesse sentido de novas possibilidades, o lazer como maneira inovadora e agradável pode funcionar como instrumento de promoção e educação comunitária.

ENVELHECIMENTO ATIVO: UM PROJETO DE POLÍTICA DE SAÚDE

Em todos os países, e especialmente nos países em desenvolvimento, há necessidade de medidas efetivas para ajudar pessoas mais velhas a manterem-se saudáveis e ativas. O Projeto de Política de Saúde de “Envelhecimento Ativo” criado pela Organização Mundial de Saúde o define como um processo de otimização das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. (OMS, 2002)

A Organização Mundial de Saúde tem adotado esse termo para expressar o processo de conquista desta visão, transmitindo uma mensagem mais abrangente do que “envelhecimento saudável”, e reconhecendo, além dos cuidados da saúde, outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (KALACHE e KICKBUSCH, 1997)

De acordo com o curso de vida, a população com mais de 60 anos adoece, em sua maioria, por condições não transmissíveis, ou seja, desenvolvem doenças crônico-degenerativas, cujo risco continua a aumentar conforme as

peças envelhecem. Isso ocorre devido ao uso de tabaco, a falta de atividade física, dietas alimentares inadequadas, entre outros fatores de risco.

O estilo de vida que o idoso levou ao longo de sua vida vem a interferir na sua qualidade de vida hoje. No entanto, uma falta de orientação durante toda a vida trará custos crescentes com pensões e aposentadoria, assim como os custos com a assistência médica e social, encarecendo os gastos com as deficiências e a saúde, freqüentemente associadas à velhice. Se as pessoas envelhecerem com saúde melhor, as despesas médicas, provavelmente, terão redução significativa.

No entanto, envelhecimento ativo só se tornará possível com o combate ao preconceito, a participação comunitária e familiar dos idosos, solidariedade intergeracional, igualdade entre os sexos, adequada promoção da saúde para o idoso, acesso aos cuidados de saúde prevenindo a miséria física, inserção nos programas de reabilitação, igual atenção humanitária e de lazer, tratamento semelhante na área da saúde e promoção de políticas de segurança econômica pública e privada (OMS, 2002).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002, p.24), “para promover o envelhecimento ativo, os sistemas de saúde necessitam ter uma perspectiva de curso de vida que vise à promoção à saúde, prevenção de doenças e acesso equitativo a cuidados primários de qualidade e a tratamentos de longo prazo”. A ação para o Envelhecimento Ativo precisa ser apoiada no esclarecimento e na popularização do termo, através do diálogo, discussão e debates.

LAZER ENQUANTO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE

A escolha do lazer como instrumento pedagógico se justifica a partir do momento em que supera a simples proposta educacional e indo à identificação dos conteúdos com as necessidades e aspirações de cada indivíduo e o cuidado com sua saúde. O lazer propicia a liberdade individual privilegiando a vivência do elemento lúdico da cultura, bem como o prazer que flui da liberdade do sujeito sob

diversas formas estéticas, que revelam arte, talentos, saberes, aprimoramento e recriações. (ZIGONI, 1999)

Para tanto, a realização de atividades prazerosas e recreativas, tais como: ginástica, expressão corporal, atividades rítmicas, esportes, recreação, natação, caminhadas, reuniões com outros grupos, piquenique, acampamentos, etc. integram o idoso junto à sociedade, bem como colaboram na reapropriação do corpo do idoso. Afinal, a atividade física e recreativa é a mais higiênica e natural, podendo ser aplicada em todos os estágios da vida, desde que se adaptem as limitações de cada idade.

Além dos benefícios físicos, a prática de atividades físicas traz ainda muitas outras vantagens. A melhoria da condição muscular, por exemplo, faz com que o idoso dependa muito menos de seus familiares para apanhar objetos, levantar-se ou locomover-se, com isso sua auto-estima, muitas vezes reduzida, se amplia.

Outro fator positivo é a mudança de ares: só de sair de casa rumo ao local da prática da atividade e encontrar outras pessoas, que não são do seu círculo familiar, fazer amizades e ver gente diferente, o indivíduo já ganha novo ânimo. A ludicidade é essencial para o indivíduo na terceira idade, pois aflora a sensibilidade, a consciência e a cultura que se expressam e se desenvolvem de modo mais pleno, tais como as condições de liberdade, comunicação e participação (BARTHOLLO, 2001).

LAZER: UMA VIVÊNCIA POSSÍVEL NA TERCEIRA IDADE

Sabe-se que, no início da era industrial, o homem era educado para o trabalho, uma vez que o paradigma estabelecido visava à ocupação do campo com tarefas que possibilitassem de imediato o retorno financeiro. Considerada essa educação, as pessoas muitas vezes se reprimiam a participar de atividades puramente lúdicas, gerando um preconceito em relação ao lazer e eventos. (GOMES, 2004)

Segundo Marcellino (1987, p.22), o que ocorre com muita frequência, “é a mitificação do trabalho, gerando, quase sempre, uma atitude de

desconhecimento de outras dimensões do humano, sobretudo, as possibilitadas pela vivência do tempo de lazer”. O que se tem verificado no pensamento contemporâneo é o constante elogio do trabalho.

Marcellino (1987, p.28) destaca que:

A observação da prática do lazer na sociedade moderna é marcada por fortes componentes de produtividade. Valoriza-se a ‘performance’, o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem; estimula-se a prática compulsória de atividades denotadoras de moda ou ‘status’. Além disso, o caráter social requerido pela produtividade, confina e adia o prazer para depois do expediente, fins de semana, período de férias, ou, mais drasticamente, para a aposentadoria. No entanto, isso tudo não nos permite ignorar a ocorrência histórica do lazer, inclusive como conquista da classe trabalhadora.

Uma vez aposentados esta visão capitalista facilita a perda social do idoso, já que o sistema singulariza a capacidade produtiva, em detrimento de outras dimensões do ser humano. Ao se aposentar, o idoso geralmente se entrega à ociosidade e aumentam seus sentimentos de inutilidade. Seus desejos são podados, assim como sua ludicidade e criatividade, e ele se vê diante do dilema do que fará com o excesso de tempo livre.

Essa visão a enfatizar uma formação social voltada exclusivamente para o trabalho profissional esquecendo de educar os cidadãos para um melhor aproveitamento do tempo para viver os interesses culturais do lazer. E isto é percebido, quando nos deparamos com milhares de idosos, em plena ociosidade, privados, no acesso e na sua cultura, às atividades de lazer.

Quando nos reportamos à *Carta Internacional de Educação para o Lazer* (1995, www) na qual, em seu item 3.1, constata-se que:

A finalidade básica da educação é desenvolver os valores e atitudes das pessoas e provê-las com o conhecimento e aptidões que lhes permitirão sentirem-se mais seguras e obter mais prazer e satisfação na vida. Essa perspectiva subentende que a educação, além de ser importante para o trabalho e para a economia, é igualmente importante para o desenvolvimento do indivíduo como um membro plenamente participativo da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida.

Com isso, percebe-se uma preocupação dos pesquisadores no bem-estar que uma efetiva “educação para o lazer” venha a proporcionar. O mesmo documento complementa ainda, em seus itens 4.1, 4.2 e 4.3, respectivamente, que:

4.1. Os pré-requisitos e as condições para o lazer não podem ser garantidos somente pelo indivíduo. O desenvolvimento do lazer exige ação coordenada por parte de governos, organizações não-governamentais e voluntárias, indústrias, instituições de ensino e da "mídia". A educação para o lazer desempenha papel importante na diminuição de diferenças das condições de lazer e na garantia de igualdade de oportunidades e recursos. Possibilita, ainda, que as pessoas atinjam seu maior potencial de lazer.

4.2. A educação para o lazer deve ser adaptada às necessidades locais e às demandas de determinados países e regiões, levando-se em consideração os diferentes sistemas sociais, culturais e econômicos.

4.3 A educação para o lazer é um processo de aprendizado contínuo que incorpora o desenvolvimento de atitudes, valores, conhecimentos, aptidões e recursos de lazer.

A busca por atividades de lazer durante o curso da vida, é geralmente caracterizada tanto pela continuidade quanto pela mudança, por um tipo específico de atividades de lazer. À medida que vamos ultrapassando diferentes estágios da vida, nossas atividades individuais e em grupo podem mudar em razão de mudanças nas preferências, nas limitações, nas habilidades, na saúde e nos valores culturais.

A discussão do lazer como direito social convive com mudanças provocadas pelos movimentos sociais e culturais do final do século XX, em prol da melhoria de qualidade de vida e igualdade de direitos para todos os cidadãos e pelo reconhecimento das diferenças e da expressão de identidades coletivas. Estes “novos tempos” são reveladores de um tempo histórico, no qual são valorizados os direitos universais e o lazer como direito a um estilo de vida saudável, embora a conquista desses direitos seja uma luta constante. (PINTO, 2002)

O que seria então “lazer”? Segundo a Carta Internacional de Educação para o Lazer (1995, www):

O lazer se refere a uma área específica da experiência humana com seus próprios benefícios, incluindo liberdade de escolha, criatividade, satisfação, diversão e aumento de prazer e felicidade. Abrange formas amplas de expressão e de atividades cujos elementos são tanto de natureza física quanto intelectual, social, artística ou espiritual.

O mesmo documento garante que:

“O lazer promove a saúde e o bem-estar geral oferecendo uma variedade de oportunidades que possibilitam aos indivíduos e grupos escolherem atividades e experiências que se adequem às suas próprias necessidades, interesses e preferências. As pessoas atingem seu pleno potencial de lazer quando estão envolvidas nas decisões que determinam as condições de seu lazer”.

Prossegue, argumentando ainda que:

“As sociedades são complexas e inter-relacionadas e o lazer não pode ser separado de outras metas da vida. Para atingir um estado de bem-estar físico, mental e social, um indivíduo ou grupo deve ser capaz de identificar e realizar aspirações, satisfazer necessidades e interagir positivamente com o ambiente. O lazer é, portanto, visto como um recurso para melhorar a qualidade de vida.”

A Carta Internacional de Educação para o Lazer (1995, www) considera que “muitas sociedades em todo o mundo são caracterizadas pela insatisfação crescente, estresse, tédio, falta de atividade física, falta de criatividade e alienação na vida cotidiana das pessoas. Todas essas características podem ser aliviadas pela participação em atividades de lazer”.

Neste sentido, as atividades de lazer: a) são *atividades culturais*, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas linguagens e manifestações; b) podem ser efetuadas no *tempo livre* das obrigações profissionais, domésticas, religiosas, e das necessidades físicas; c) são buscadas tendo em vista o *prazer* que possibilitam (embora nem sempre isso ocorra e o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades). (MELO, 2003)

O lazer nas suas mais variadas manifestações (esportivas, artísticas, manual, turístico, social...), tem contribuído para a transformação social. O lazer agrega, reúne pessoas, busca identidades. Retirar as pessoas de dentro de suas casas onde estão presas pela insegurança e devolvê-las ao convívio social em que há conhecimento, troca e afeto.

É preciso entender que o lazer é mais do que uma política de atividades. É necessário que haja um trabalho integrado intra-institucional e interinstitucional, uma vez que o lazer não anda sozinho, e sim está ligado a uma rede de parcerias, como setores de educação, saúde, habitação, transporte e serviço social (MARCELLINO, 2001). Mesmo quando não precise trabalhar para manter-se, o velho deve se envolver com atividades remuneradas ou não, ocupações prazerosas, trabalhos voluntários em favor de outras pessoas, deixando de lado a idéia de que é alguém inútil. É preciso uma preparação interna, ter objetivos de vida e projetos para continuar vivendo.

McPherson (2000, p.242-3) diz que “muitos idosos têm habilidades, a vontade e a oportunidade de praticar novas atividades de lazer. Por isso, os políticos e os prestadores de serviços devem identificar as barreiras sociais e individuais que podem reduzir ou evitar a participação na terceira idade.”

O mesmo autor complementa ainda que, em nível individual, tais barreiras podem ser: 1) Informações a respeito das oportunidades de lazer não são distribuídas aos usuários potenciais na comunidade; 2) Os valores culturais locais e regionais ou as normas sociais desestimulam a participação de idosos em certas atividades como esporte, educação, dança; 3) Programas e instalações físicas para idosos não são disponibilizados pelos setores públicos e privados; 4) Lazer é uma atividade muito cara – ausência de subsídios a idosos e descontos; 5) Bairro com pouca segurança gera no idoso o medo de ser vítima de alguma violência, de modo que os idosos ficam em casa e se tornam prisioneiros em seus próprios lares; 6) Preconceito contra a idade: existem mitos da sociedade ou estereótipos negativos sugerem que os idosos são incapazes de aprender e não deveriam participar de certas atividades. Essas atitudes ou crenças em relação à

idade desencorajam a participação em atividades em envolvem informática, esportes, educação ou dança. (MCPHERSON, 2000)

Essas barreiras devem vir a ser eliminadas ou reduzidas uma vez que as atividades de lazer têm o poder de propiciar a interação e os relacionamentos sociais, bem com melhorar o desenvolvimento intelectual e de manter e fortalecer as habilidades físicas. Com isso, as atividades de lazer podem aumentar a satisfação para com a vida, a independência e a qualidade de vida.

PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA (PSF) EM NATAL-RN

Como já foi conceituado anteriormente, o PSF é um modelo de assistência à saúde que desenvolve ações de promoção e proteção à saúde do indivíduo, da família e da comunidade, através de equipes de saúde, que fazem o atendimento na unidade local de saúde e na comunidade, no nível de atenção primária. (BRASIL, MS, 2004). Em Natal, o PSF foi implantado em 1998, primeiramente nos bairros de Cidade Nova, Guarapes e Felipe Camarão.

Rocha (2000, p. 168) avaliando a implantação desta política em Natal-RN, destaca que “as principais inovações assistenciais identificadas compreenderam: vínculo equipe-família, ampliação do acesso e humanização das práticas de saúde”.

Humanizar os serviços de saúde tem o valor de qualificar a atenção. Neste sentido, qualifica na dimensão da conferência interior da relação profissional / usuário, para ambos. A política de Humanização em saúde, veiculada como prioritária para o Ministério da Saúde, significa melhorar o acesso a serviços, práticas, medicamentos e cuidados.

Na Unidade de Felipe Camarão, foi identificada ainda a criação de grupos terapêuticos envolvendo adolescentes e idosos como iniciativa deste programa. Estes grupos terapêuticos, os quais são desenvolvidos pelos profissionais de saúde vem se destacando em relação à Terceira Idade. Os profissionais vêm realizando atividades preventivas e promocionais de saúde abordando o idoso em seu contexto comunitário e também domiciliar (ROCHA, 2000).

Para desenvolverem essas atividades preventivas e promocionais de saúde, os profissionais deste bairro criaram um grupo de convivência com o objetivo (primeiramente) de prestar esclarecimentos sobre a hipertensão e diabetes, bastantes presentes nas idades avançadas. Este grupo, mais conhecido como grupo terapêutico ou grupo de “qualidade de vida” promove educação em saúde e outras atividades com o intuito de contribuir para a melhoria das enfermidades, realizarem a promoção da saúde e aproximar os idosos dos profissionais de saúde. Dentre as outras atividades promovidas pelos profissionais, identificam-se práticas de lazer, conforme será apresentado mais adiante.

Este estudo, no entanto, teve como objetivo geral avaliar as vivências de lazer entre idosos e sua interface com a promoção da saúde na Unidade de Saúde da Família de Felipe Camarão. Tal bairro possui uma área territorial de 663,40ha, segundo maior bairro do Distrito Oeste, ocupando 19,4% de sua área e 4,5% da área municipal. Concentra o maior número de favelas do Distrito e do município de Natal (MINEIRO, 1998). Situado na periferia urbana, apresenta sérios problemas socioeconômicos - tais como, altos índices de desemprego, violência e precárias condições sanitárias. Esse bairro lidera os maiores índices de mortalidade infantil do município de Natal, constituindo área prioritária para o desenvolvimento de programas de órgãos governamentais e não-governamentais. (BARBOSA & ROCHA, 1999)

Para tanto, foram aplicadas entrevistas entre profissionais e usuários que compreendeu a percepção e preferências de lazer na terceira; Identificou as atividades de lazer ofertadas pelos profissionais do programa saúde da família percebendo suas facilidades e dificuldades; Diagnosticou a preparação dos profissionais de saúde da família na realização de atividades lúdicas junto aos idosos; Bem como, identificou as expectativas e propostas dos profissionais de saúde da família voltadas para o lazer na Terceira Idade.

Para tanto, a pesquisa constituiu-se de um estudo exploratório - descritivo. As estratégias metodológicas adotadas incluíram: revisão bibliográfica, análise documental, observação direta (através das visitas com registro no diário

de campo e registros fotográficos) e entrevistas com os profissionais do PSF e com os idosos.

Os critérios de inclusão dos idosos compreenderam: a) Ser idoso (cidadão com idade de 60 anos e mais); b) Ser cadastrado e acompanhado pelo programa saúde da família; c) Residir em um dos bairros selecionados em um período mínimo de um ano. O roteiro da entrevista dos idosos abordava questões referentes à concepção de lazer, suas atividades preferenciais e as ofertadas pelos profissionais do Programa Saúde da Família.

Já os critérios de inclusão dos profissionais de saúde foram: a) Fazer parte de uma equipe de PSF há mais de um ano; b) Estar veiculado às Unidades de Saúde da Família dos bairros selecionados. Dentre os componentes da equipe foram selecionados profissionais com contato direto com os idosos. As perguntas contidas na entrevista dos profissionais abordaram questões como concepção de lazer, atividades desenvolvidas mapeando suas dificuldades e facilidades e expectativas / propostas quanto ao lazer na Terceira Idade.

FELIPE CAMARÃO: AS PRÁTICAS DE LAZER DO “GRUPO CONVIVER”

O Grupo Conviver, criado pelos profissionais de saúde, é um grupo que se reúne toda semana com o objetivo de conversar e resolver problemas da comunidade. A reunião dos idosos ocorre tanto no Centro Comunitário do bairro, como também na área de lazer da Unidade de Saúde (este denominado grupo operativo do grupo conviver).

Os profissionais dão aos participantes a responsabilidade da organização do espaço e do lanche, para assim, estimular a independência do grupo. As atividades de lazer desenvolvidas pelos profissionais de saúde têm a contribuição dos estudantes universitários e da própria comunidade. As atividades desenvolvidas são: comemorações tradicionais, debates sobre cidadania, passeios, dança, concurso de poesia, dinâmicas, teatro, alongamento, relaxamento e caminhadas. Um dia por semana ocorre o grupo “operativo” que consiste em grupo de mulheres que fazem bonecas de lã e outras atividades manuais, e de grupos de homens que jogam baralho.

O Grupo Conviver é um grupo bem organizado e composto por muitos membros, sendo autofinanciado através de taxas do próprio grupo. Exemplificando esta organização, um profissional afirmou que “os idosos são os grandes amigos do posto”.

Os idosos da Unidade caracterizam o lazer como atividades positivas e que proporcionam diversão. Quando questionados que cuidados o PSF oferecem, os idosos remeteram aos passeios, às ginásticas, às festas, e tudo que ocorre dentro e fora do posto de saúde. No entanto, as preferidas que eles destacaram foram: o cantar, dançar e brincar. Os profissionais de saúde associaram lazer com atividades que trazem prazer e também como uma atitude de cada indivíduo em busca da felicidade. Disseram ainda que as atividades de lazer preferidas dos idosos são os passeios e as danças.

Visão na qual se percebe que os profissionais se empenham em realizar atividades significativas e que para os idosos as mais simples como cantar e brincar já trazem muita satisfação. O idoso 04 disse que os profissionais os “acompanham para vários cantos” e o idoso 05 falou que eles “são muito atenciosos”. Mencionaram como positivas as conversas, a alegria do grupo, a amizade com os médicos, a sabedoria, a socialização, o crescimento e a saúde.

Identifica-se que as concepções de lazer entre estes idosos são ampliadas quando comparadas com as praticas de lazer ofertado pelos profissionais de saúde, uma vez que eles associam estas praticas (passeios, festas, etc) com o acesso possibilitado pela atuação dos profissionais, quando referem o acompanhamento destes nas atividades de lazer.

No entanto, os idosos queixaram-se da: falta de um espaço adequado, reivindicando uma área de convivência para o Grupo Conviver; falta de equipamentos como som, bebedouro, armários, etc; falta de um professor de ginástica especializado; pouca ajuda da ATIVA; taxa obrigatória para a manutenção do grupo.

As principais facilidades identificadas no grupo foram: a ampliação da solidariedade entre idosos na sua relação com as pessoas e a unidade de saúde;

melhoria dos vínculos equipe PSF comunidade; lidera a presença na unidade de saúde entre todas as faixas etárias; o grupo movimenta a comunidade; diminuição do sedentarismo; melhoria da auto-estima; melhora na saúde mental e diminuição da ansiedade e ociosidade.

Já as dificuldades compreenderam: falta de planejamento; deveria ser mais sistemático; passividade dos idosos. A profissional 03 refere que falta planejamento e que os idosos são bastante passivos no processo de elaboração das atividades. O profissional 04 relata que as atividades poderiam ser mais sistemáticas (mais vezes por semana).

Dentre os pontos positivos, a profissional 03 cita que com as atividades os idosos ficaram mais solidários com a Unidade e com as pessoas, além de melhorar o vínculo do PSF com a comunidade, destacando que a terceira idade é a faixa de idade mais presente na Unidade. O profissional 04 falou que as atividades são positivas, pois provoca movimento na comunidade e contribui na diminuição do sedentarismo. Refere ainda melhoria na auto-estima, uma vez que os idosos ingerem menos anti-depressivos, com impacto na saúde mental, diminuição da ansiedade e ociosidade. O profissional 04 leva em consideração a questão da corporeidade na terceira idade: “Os idosos valorizam muito o contato corporal e o abraço. Dificilmente cumprimentam com a frieza do jovem. São calorosos e às vezes muito carentes”.

Quando questionados, os profissionais de Felipe Camarão responderam se sentir preparados para desenvolver atividades de lazer com idosos, como disse a profissional 03: “Procuro levar novidade, pessoas, filmes e vejo sempre o que eles querem”. O profissional 04 complementou dizendo: “Todos têm habilidades. Só é necessária motivação”.

Dentre as expectativas e propostas, a profissional 03 espera que o grupo tenha autonomia e propõe para o bairro um centro de convivência. O profissional 04 cita apenas a necessidade de “maior integração entre as gerações”.

CONCLUSÕES

O encontro com os idosos vem proporcionando a socialização, a troca de experiências e diálogos dos mais diversos. O sedentarismo, muito comum nas idades mais avançadas, supera-se quando há prática de atividades físicas e mais, a relação amistosa e de amizade é forte caracterizadora para um bem-estar, para o combate do isolamento e da exclusão.

Paralelamente, a prática ou o exercício do lazer, apesar de marginalizado em amplas esferas sociais, vem ganhando força na sociedade brasileira contemporânea. A percepção do lazer, seu estudo e propagação devem ser continuamente repassados à população e para tanto, mais que a atuação de profissionais especializados, verifica-se como uma possibilidade, a ação de líderes comunitários, agentes sociais, pessoas que interfiram diretamente em suas localidades como pessoas-ponte para realizar um intercâmbio dessa ciência que visa processos de melhora na vida de seus praticantes.

Desse modo, observa-se a Unidade do PSF (Programa Saúde da Família) como ambiente acolhedor ao lazer, meio composto por profissionais, os quais devem ser capacitados e que levarão um lazer mais apropriado aos indivíduos da terceira idade atendidos pelo programa.

O exercício do lazer possibilita a abrangência de múltiplos interesses. Sua escolha é determinada por seus sujeitos, conforme conhecimento das alternativas disponíveis e sua prática, dar-se nos ambientes de funcionalidades, espaços suscitadores de relações humanas, aprimoradores de vivências lúdicas, locais de encontro e convívio, onde se resgatam identidades.

Nesse meio, em se tratando de uma área onde o índice de carência (econômica, social, educacional, etc) é elevado, uma estratégia de desenvolvimento local partindo do lazer e de sua isenção no dia-a-dia dos idosos, a médio e longo prazo, deve propiciar essa qualidade de vida e uma devida promoção da saúde.

Assim, a proposta de utilização do lazer como instrumento social vem a se unir à idéia de um possível programa de capacitação mais que numa visão

profissionalizante, como algo que estimule a população a ter parte ativa nas ações de lazer em suas comunidades, sendo uma proposta de “instrução” de característica permanente.

REFERÊNCIA

BARBOSA, N. & ROCHA, N. (1999) - **Práticas Inovadoras na Assistência à Saúde**. In: *A Educação dos Profissionais de Saúde na América Latina: teoria e prática de um movimento de mudança*. Organizadores: Almeida, M. & Feuerwerker, L. São Paulo: HUCITEC. p. 347-352.

BARTHOLO, Márcia Fernandes. **O lazer numa perspectiva lúdico - sinérgica**. Lazer:

BRASIL. Brasília. **Programa de Saúde da Família**. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde (1997) – **Saúde da Família**: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação de Saúde da Comunidade.

BRASIL. Ministério da Saúde (2004) – **Indicadores de saúde referentes às populações cobertas pelo Programa Saúde da Família**, Brasil 2004. Secretaria de Políticas Públicas de Saúde. Sistema de Informação de Atenção Básica. Brasília. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/siab/siab.htm>. Acesso dia 13/11/2004.

BUSS, Paulo Marchiori. **Qualidade de vida e saúde**. Abrasco, Recife-São Paulo. volume 5 número 1, 2000.

Carta internacional de educação para o lazer. **Associação Mundial de Recreação e Lazer (WLRA)**. Brasília, DF: Sesi – DN, 1995. Disponível em: http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=195 Acesso em: 09/08/2005.

Estatuto do Idoso: Dispositivos Constitucionais Pertinentes. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Normas Correlatas. Senado Federal, Senador José Agripino Maia.

GOMES, Christianne Luce (org): **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KALACHE, Alexandre e KICKBUSCH, Ilona (1997). "A global strategy for healthy ageing". World Health. (4) Julho – Agosto, 4-5.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Censo Demográfico 2000 - Características gerais da população. Resultados da amostra. <http://www.ibge.gov.br/>, Acesso: 12 de dezembro de 2005

MINEIRO, F. (1998) - **Natal em Perfil: por uma cidade cidadã.** Natal, RN ECONOMICO, 2ª edição. p. 150-193.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** Campinas, SP: Papirus, 1987. (Coleção Fazer/Lazer).

_____, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas.** 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (coleção educação física e esporte)

McPherson, Barry. **Envelhecimento populacional e lazer.** IN: Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

MELO, Victor Andrade de, 1971-. **Introdução ao lazer** / Vitor Andrade de Melo, Edmundo de Drummond Alves Junior. – Barueri, SP: Manole, 2003.

OMS. Envelhecimento ativo: um Projeto de Saúde Pública. In: Encontro Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento, 2., 2002. Madri. **Anais...** Madri: OMS, 2002

ROCHA, Nadja de Sá Pinto Dantas. **Análise do Programa Saúde da Família no município de Natal-RN: inovações assistenciais?** Dissertação de Mestrado. UERJ. Rio de Janeiro, 2000.

ZIGONI, Patrícia. **Lazer, Cidadania e Qualidade de vida.** IN: Revista Licere, nº2, 1999.

EDUCAÇÃO LÚDICA DO OLHAR¹

*"Só se vê bem com o coração o essencial é invisível para os olhos".
(SAINT-EXUPÉRY, 2004, p. 72).*

Henrique José Cocentino Fernandes²

A Educação Lúdica do Olhar propõe promover reflexões, sentimentos e expressões que favoreçam a qualidade de vida, a auto-estima e a cidadania através de atividades transdisciplinares. Refletindo sobre as propriedades da luz e os mecanismos da visão humana, traçamos um paralelo entre o olhar e o ver. Com a distinção entre o mundo visível e o inteligível, transcendemos o mundo das sombras, descritos no Mito da Caverna de Platão e ressaltamos a importância de uma educação do olhar capaz de promover a leitura das imagens que nos rodeiam com ética e responsabilidade social, desenvolvendo as Inteligências Libertadoras de Celso Antunes e a alfabetização do olhar com base na metodologia de Paulo Freire.

Compreendemos o lúdico como fenômeno humano e propomos sua utilização no processo pedagógico, através de práticas e vivências, que sistematizamos nas experiências da Oficina Lúdica do Olhar e na construção do que denominamos de Fotografia Lúdica. Contribuindo para a construção de uma abordagem pedagógica da linguagem visual, ampliando as pesquisas e atividades acadêmicas e pessoais resgatando o universo artístico e social nesta área do conhecimento.

ABRINDO AS JANELAS DA PERCEPÇÃO

"Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou a sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação á vista e ao visível". (PLATÃO, 2004 p. 205).

¹ Trabalho de conclusão da graduação no Curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN 2005.

² Repórter-fotográfico, membro da ONG Zoon Fotografia (www.zoon.org.br) e Tecnólogo em Lazer e Qualidade de Vida do CEFET/RN.

Cada vez mais observamos que muitas pessoas são vítimas da sociedade de consumo e da mídia massificada. Sendo incapazes de desenvolver uma leitura das imagens que lhes cercam, sejam estas publicitárias, jornalísticas ou cenas quotidianas. Vivem isoladas, percebendo o mundo ao seu redor através, apenas, das projeções que recebem passivamente, sendo estas, construções sociais e subjetivas de outros que não deles.

Conhecemos o mundo através de imagens. Das pinturas rupestres aos códigos binários que trafegam na internet, são derivações desta cultura visual que coloca na sedução do mundo visível sua ditadura sobre o sentir. A Fotografia, considerada a mãe da cultura contemporânea, trouxe uma grande contribuição neste sentido assim como o cinema, a publicidade, a televisão etc

O Mito da Caverna de Platão³ é considerado por filósofos, fotógrafos e educadores, um texto emblemático na reflexão da condição humana, principalmente com o advento da chamada sociedade pós-industrial ou sociedade da informação, na qual as mídias, mais especificamente as imagens, assumem um papel estratégico tanto de dominação (pela massificação uniforme das grandes corporações mundiais de comunicação e pela indústria cultural e do entretenimento), como de libertação e desenvolvimento interpessoal na construção da identidade local e afirmação de uma consciência cidadã global.

Tomamos como referência esta obra de Platão e com ela, desenvolvemos o fio condutor deste trabalho. A partir de uma diferenciação apresentada por ele, quando trata da existência de dois mundos ou dois níveis de percepção da realidade, o Mundo Visível e o Mundo Inteligível.

O Mundo Visível é onde habitamos, o mundo da realidade concreta, dos objetos e seres. Ele é percebido através dos cheiros, sons, gostos, tatos, sombras, reflexos e imagens que captamos através dos cinco sentidos materiais, e neste trabalho, relacionamos com os aspectos ópticos, físicos, químicos e digitais da construção da imagem, seja nas máquinas fotográficas, ou no olho humano. O Mundo Visível envolve o conhecimento superficial da imagem em sí, da técnica e dos fenômenos: O Olhar.

³ Platão nasceu em Atenas e viveu no período de 428 a 347 a.C. O Mito da Caverna é apresentado no livro VII da sua obra A República.

Já o Mundo Inteligível é o plano das idéias, das essências, dos sentimentos, dos conhecimentos e das percepções superiores e divinas; da subjetividade humana, onde conectamos com o belo, o bom, a sabedoria, o amor, a justiça etc. O que propomos transcende a simples percepção das imagens buscando o desenvolvimento de uma consciência superior, uma percepção sutil, na qual o conhecimento de mundo do indivíduo favoreça uma melhor Qualidade de Vida. Pautando o desenvolvimento de um ser pleno, permitindo a este, uma superação do mundo das aparências com acesso à cultura, à consciência ambiental, à cidadania, à ética, à justiça e à espiritualidade: O Ver.

“A fotografia concentra o olho no superficial. Por isso obscurece a vida oculta que reluz de leve através do contorno das coisas, como um jogo de luz e sombra. Não se pode captar isso, mesmo com a mais nítida das lentes. É preciso tatear com o sentimento para alcançá-la”. Trecho de Conversando com Kafka de Gustav Janouch (SONTAG 2004 p. 222).

Pitágoras, Aristóteles e Euclides, pensadores gregos, dedicaram-se aos primeiros estudos da geometria, da matemática e da filosofia, além de abordarem em seus tratados temas diversos como a música, a ética e a educação. Assim como Platão, eles servem de base para a construção de nossa civilização ocidental em diversos campos do conhecimento, especificamente no estudo da visão e da óptica (ciência da propagação dos raios luminosos). Em nossa era moderna estes estudos foram aperfeiçoados por pesquisadores que vão dos Renascentistas Leonardo da Vinci, Descartes, Newton, Huygens, até nossos contemporâneos como Einstein e diversos pesquisadores e artistas que continuam estas investigações.

No século XVIII os pintores renascentistas já haviam aperfeiçoado todas as regras da Perspectiva⁴, sendo capazes de construir obras numa superfície plana, com imagens aproximadas do mundo visível, dominavam os desenhos de silhuetas e conheciam o princípio da Câmara Escura⁵, desenvolvidas a partir do estudo do olho humano, usando estes recursos para obter desenhos ricos em detalhes técnicos.

⁴ A Perspectiva consiste na construção de imagens bidimensionais que reproduzem as noções de profundidade e combinações de luz e sombras das imagens tridimensionais.

⁵ O Princípio da Câmara Escura têm seu desenvolvimento e aperfeiçoamento para o uso no desenho e na Pintura atribuído a Leonardo da Vinci. As Gravuras de Silhuetas são obtidas através da projeção de sombras do rosto da pessoa sobre a tela e o desenho dos contornos, ressaltando os traços da fisionomia.

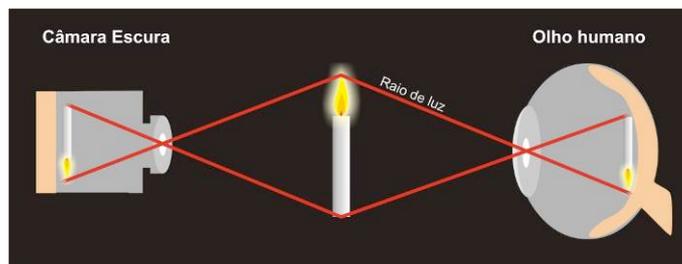


Figura 1 – O funcionamento do Olho e o princípio da Câmara Escura. (Henrique José, 2005).

A Câmara Escura baseia-se no Olho humano, como mostra a Figura 1 a partir das seguintes propriedades: A luz é constituída de minúsculas partículas (os fótons) que não possuem matéria, só energia. Ela se comporta dualmente. Propaga-se nos meios homogêneos e transparentes em linha reta. Tem velocidade de 300.000 Km/s no vácuo. E a luz é também uma onda eletromagnética, onde o campo magnético se propaga na direção vertical e o campo elétrico se propaga na direção horizontal do sentido de propagação da onda.

Descrevemos estes fenômenos físicos da luz para podermos clarear melhor o funcionamento do nosso sentido da visão, para isso, é importante entender que o olho é apenas um dos instrumentos da visão e nem é o mais complexo, pois a visão é um processo que utiliza diversos órgãos especializados, que descreveremos a seguir, mas podemos resumir em três operações distintas e sucessivas: ópticas, químicas e nervosas.

Num segundo momento, a imagem é invertida e projetada numa membrana que reveste o fundo do olho, chamada Retina, onde encontramos os receptores de luz chamados de bastonetes e cones. Esses receptores comportam moléculas de pigmento, contendo uma substância chamada rodopsina, que absorvem os raios luminosos e se decompõe, por reação química. Cada um destes receptores retinianos estão ligados a células nervosas que transformam esta informação química em nervosa (sinapses) e, por sua vez, enviam através de outras ligações nervosas. Esta informação chega ao nervo óptico, que leva estes impulsos nervosos até uma região lateral do cérebro: a Articulação. De lá, novas conexões nervosas transmitem estes impulsos até a parte posterior do cérebro, o Córtex Estriado.

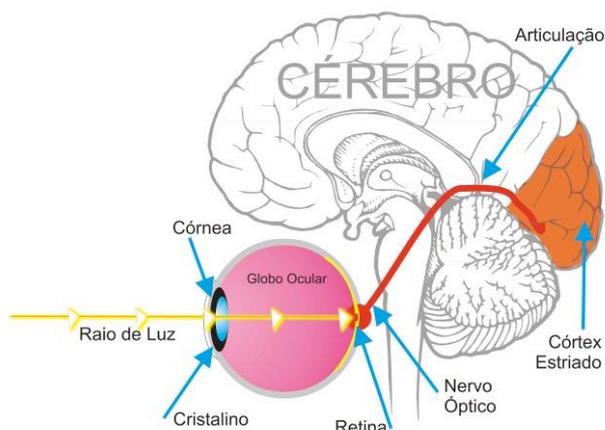


Figura 2 – A visão é um sistema complexo: óptico, químico e nervoso. (Henrique José, 2005).

Os cientistas ainda pouco sabem de como esta imagem retiniana é transformada em informação nervosa e como o cérebro processa esta informação. Percebemos na visão um sistema complexo: o essencial desta percepção visual acontece no cérebro, onde a imagem é processada como uma informação. Por exemplo: o olho capta a imagem invertida (de cabeça para baixo) e é no cérebro que esta informação é processada e novamente invertida colocando a imagem numa posição mais cômoda para nossa orientação espacial.

Acerca de tudo o que já foi dito, podemos afirmar que a distinção entre ver e imaginar é um fio tênue que pode, em muitos casos, estar além das aparências e reentrâncias da concretude. São diversos os fenômenos e mecanismos capazes de enganar nossos sentidos, principalmente nossos olhos, onde muitas das vezes, a imaginação cobre lacunas ou exclui detalhes das imagens. O que podemos dizer do efeito ilusório do cinema e da televisão, que a partir da projeção seqüencial de imagens estáticas, construímos no cérebro, a idéia do movimento.

Esta reflexão remonta aos campos da psicanálise, em suas várias vertentes e nos remete a nomes que vão de Freud, Lacan, Piaget até Skinner e Perls. O que nos interessa aqui é lembrar essencialmente a existência de imagens internas (subjetivas), que o inconsciente e o imaginário se constituem numa fronteira do ser humano de difícil abordagem, pois não se pode medir como a imagem se constrói no inconsciente, ou como este inconsciente se

relaciona com as imagens que sonhamos, com nossas imaginações criativas e com nossas imagens mentais.

Estas Imagens mentais, em última instância, não são meras fotografias interiores da realidade: São representações codificadas da realidade que transitam entre o verbal e o icônico. Não se sabe ao certo como as imagens reais interagem com as imagens mentais e estas com o inconsciente.

Portanto, a noção de Imaginário está associada, em seu uso corrente, a algo que não é real, uma ficção. Para Lacan (1998) este imaginário está relacionado diretamente com a imagem, com o simbólico e a relação constitutiva do sujeito com suas identificações formadoras e com o real (por exemplo, uma criança ao se olhar pela primeira vez diante um espelho). O Próprio recurso dos Mitos serve para esta construção do sujeito. As dimensões do imaginário é uma peça fundamental na constituição do ser humano como um produtor de cultura, como um construtor de linguagens e interações artísticas.

Levantemos algumas premissas: vamos entender melhor nosso tempo e nossa cultura construindo assim uma interpretação, um entendimento particular sobre nossa civilização. O mundo inteligível neste trabalho, consiste na forma de ver e perceber o mundo, está intimamente ligado ao nosso tempo e espaço, entendendo estes como uma construção subjetiva, histórica e socialmente contextualizada, portanto, vemos essencialmente através de nossos sentimentos, com os olhos do nosso tempo, com nosso universo cultural, a partir de nossas relações sociais, familiares, religiosas etc.

O mito pode ser entendido como algo constitutivo da própria psique humana⁶, portanto, ele serve para a explicação de situações paradoxais, de cunho existencial para o ser humano. O mito está situado no limite entre o dito e o não dito, entre a imagem e o discurso, ao contrário, do que tentou construir a ciência positivista. Temos os nossos mitos contemporâneos que descolados do mistério, transformaram a existência em um grande deserto, *“a ideologia é o mito que não mais se deixa narrar”*. (SODRÉ, 1983). Esta arrogância intelectual científica fez surgir a intolerância e o medo, transformou o mito em caricatura, a

⁶ A Psique Humana segundo Carl Jung e Sigmund Freud, são manifestações do indivíduo e da sociedade, relacionados às camadas mais profundas da mente e do espírito, o inconsciente e subconsciente etc.

poesia em métrica e a imagem em perspectivas e regras de composição, manipuláveis para a sedução dos corações e mentes.

Retomamos a alegoria de Platão para explicitarmos este paradigma e, através de sua constatação, do reconhecer-se no mito, transcender, superar.

A crise que hoje atravessamos é uma crise de visão de mundo, de civilização. É, portanto, uma crise de sentido, uma crise de caráter espiritual. Entendemos “visão de mundo” como a trama de representações, conceitos e valores por cuja mediação os homens tecem sua inserção na vida. (UNGER, 2000 p 53).

Esta crise tem raízes profundas, trata-se de uma falência do ideário iluminista, positivista e cartesiano. Segundo Descartes, o homem deve ser mestre e senhor da natureza. Já na visão de Bacon, a natureza é uma mulher que deve ser forçada a render seus segredos (UNGER, 2000). Ao longo dos últimos séculos, esta visão foi predominante, empurrando o conhecimento para a compartimentalização e a especialização, provocando a fragmentação da Ciência e uma falsa afirmação da superioridade do homem sobre a natureza.

Este pensamento vem sendo explicitado nas últimas décadas e começam a serem abertas novas perspectivas que afirmam a diversidade. Como Edgar Morin, Humberto Maturana e Fritjof Capra, para citar os mais famosos, que propõem um novo paradigma civilizacional, fundado na compreensão das tessituras complexas das relações dos seres vivos, como observamos na Teoria de Gaia⁷, no resgate da esfera lúdica e transcendente do homem e na busca da Qualidade de Vida aos habitantes do Planeta.

QUEM OLHA É RESPONSÁVEL PELO QUE VÊ

A crise de visão da sociedade não se situa no ter acesso à informação, mas de como processamos, organizamos e utilizamos a quantidade cada vez maior de informações que recebemos, este novo paradigma do mundo pós-moderno torna-se mais evidente quando falamos das imagens, como uma construção econômica, social, política, cultural e subjetiva dos indivíduos.

⁷ A Teoria de Gaia dos cientistas James Lovelock e Lynn Margulis consideram a Terra e a biosfera um “super organismo” regulado por um processo evolucionário que ao mesmo tempo funciona como a origem e o sustento da vida no Planeta. Gaia é inspirado no nome que os gregos deram à deusa Terra.

No livro, *Sobre Fotografia*, (SONTAG, 2004), Susan Sontag destina um capítulo a estas reflexões sobre a fotografia, sociedade e o mito de Platão, onde ela afirma:

A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade. Mas ser educado por fotos não é o mesmo que ser educado por imagens mais antigas, mais ancestrais. Em primeiro lugar, existem à nossa volta muito mais imagens que solicitam nossa atenção. O inventário teve início em 1839, e, desde então, praticamente tudo foi fotografado, ou pelo menos assim parece. Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições do confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens. (SONTAG 2004 p. 13).

Como vimos anteriormente, do olho ao cérebro, passando pelos sentimentos e valores culturais, construímos uma imagem do mundo ao nosso redor e com ela, ou melhor, através dela, constituímos nossa interação com a sociedade e a natureza. Portanto esta responsabilidade com o que vemos, com o que consumimos, ou ainda com o que produzimos de imagens é o centro de nossa proposta.

Na sua gênese, a fotografia era entendida como um processo estritamente técnico de reprodução de uma imagem dada, de captura da realidade, sendo o fotógrafo, um mero apertador de botão. Esta noção linear de fotografia igual a verdade serve a um propósito, não tão explícito, que vem ao longo do tempo sendo desmistificada pelos próprios fotógrafos, inclusive com a popularização dos meios digitais, onde a manipulação de imagens e até mesmo a construção de mundos virtuais, explicitam claramente a subjetividade inerente a toda construção humana.

No filme documentário *Janela da Alma*⁸, os diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho entrevistaram diversas celebridades, especialistas e anônimos, onde para estas pessoas, a visão exerce um papel essencial em suas vidas, seja como um defeito como a cegueira ou a miopia, ou como mero

⁸ O Filme Documentário *Janela da Alma* dos diretores brasileiros Walter Carvalho e João Jardim, Rio de Janeiro, 2001. Entrevista diversas pessoas como José Saramago, Hermeto Pascoal, Evgen Bavcar, Win Wenders, Oliver Sachs e outros.

objeto de estudo e expressão artística. O Filme traça um paralelo entre o olhar e o ver, enriquecedor para nossa proposição de que somos responsáveis pelo que vemos.

Esta visão interior é fundamental para a compreensão do indivíduo, consciente das imagens que consome e produz. Uma explicitação destas manipulações sutis da mídia e da ditadura das imagens sobre as pessoas é fundamental para a promoção de uma educação do olhar e a disseminação da ética, do cuidado, principalmente por parte dos profissionais envolvidos nesta produção. Podemos imaginar que as telas luminosas das televisões, os monitores de cristais líquidos ou os Ecrãs de cinema, seriam as fontes daquela luz fulminante que cegou a todos como uma epidemia, deixando-as incapazes de perceber a realidade, como sugere Saramago em seu livro Ensaio Sobre a Cegueira (SARAMAGO, 1995).

Em primeira instância, somos responsáveis pela quantidade e qualidade do que ingerimos, sendo as conseqüências deste ato transmitidas às pessoas com as quais nos relacionamos. Através de um processo dinâmico de auto-alimentação e retro-alimentação (de dentro pra fora e de fora para dentro) mudar a nós é mudar nossa realidade.

Através de atitudes simples, podemos agir como prosumidores⁹ (produtores e consumidores) conscientes e solidários, não permitindo que imagens que promovam o racismo, a intolerância e o preconceito se proliferem, ao mesmo tempo, consumir e produzir imagens capazes de promover a identidade cultural, a auto-estima a participação cidadã etc.

Trata-se em princípio, de assumir uma postura afirmativa, através de nossos exemplos e com nossas atitudes, quebrar a cadeia de reprodução da alienação¹⁰ favorecendo o surgimento de um círculo virtuoso, rico em diversidades e convergências, como é a mente iluminada daquele indivíduo descrito por Platão, quando vislumbra a luz além das sombras.

Mais uma vez, somos colocados diante do ser humano, um indivíduo dotado de habilidades e potencialidades, de uma liberdade e um querer, que

⁹ O termo Prosumidores é utilizado para designar indivíduos e grupos que são ao mesmo tempo Produtores e Consumidores nas Redes de Economia Solidária, ver MANCE, 2003.

¹⁰ Em Karl Marx, a Alienação era o desconhecimento do trabalhador sobre a apropriação do bem que ele produzia, decorrente da manufatura, para nós este termo explicita o desconhecimento do indivíduo, sobre o contexto da produção e veiculação da imagem que produz e/ou consome.

igual a uma pedra preciosa em estado bruto, pode esculpir-se e ser polido para brilhar sob o primeiro raio da manhã.

POR UMA EDUCAÇÃO LÚDICA DO OLHAR

“Os conhecimentos podem ser transmitidos, mas nunca a sabedoria. Podemos achá-la; podemos vivê-la; podemos consentir em que ela nos norteie; podemos fazer milagres através dela. Mas não nos é dado pronunciar-la e ensiná-la” (HESSE, 1975, p. 114)

O Norte Americano Howard Gardner, iniciou em 1979, uma investigação sobre o potencial humano, que resultou na Teoria das Inteligências Múltiplas. Nesta Teoria Gardner reconhece o ser humano como provido de oito diferentes inteligências que em cada indivíduo, existem em diferentes proporções, elas se relacionam entre si e promovem a interação do indivíduo com o meio e o conhecimento, podendo ser acionadas e desenvolvidas, estas capacidades cognitivas são: Lingüística, Lógico-Matemática, Corporal-Cinestésica, Musical, Interpessoal, Espacial, Intrapessoal e Naturalista, estudam-se atualmente a existência de uma nona inteligência, a Existencial ou Espiritual (BENEVIDES 2005).

Vejamos, na Tabela 1, uma breve descrição destas Inteligências e sua relação com o que propomos para uma Educação do Olhar.

Inteligência	Descrição	Uso na Educação do Olhar
Lingüística	Habilidade para lidar com palavras de maneira criativa e de se expressar de maneira clara e objetiva. É a inteligência da fala e da comunicação verbal e escrita e não tem relação com a cultura da pessoa.	Esta inteligência é fundamental, para o educador envolvido, se expressar bem, mas também possibilitar que os alunos, participem, falem, e relatem suas vivências, durante as atividades, permitindo a construção do conhecimento, juntos de forma colaborativa.
Lógico-Matemática	Habilidade para raciocínio dedutivo e para solucionar problemas matemáticos. É a mais associada com a idéia tradicional de inteligência.	Pouco iremos nos preocupar com esta inteligência, o que não significa desprezá-la, mas compreendemos que será abordada de forma sutil e indireta.
Corporal-Cinestésica	Capacidade de utilizar o próprio corpo para expressar idéias e sentimentos. Facilidade de usar as mãos. Inclui habilidades como coordenação, equilíbrio, flexibilidade, força, velocidade e destreza.	Estaremos trabalhando diretamente com o corpo, possibilitando o desenvolvimento destas expressões, relacionada com as dinâmicas e vivências e o próprio ato da fotografia lúdica, que envolvem o gesto, o movimento, a expressão corporal.
Musical	Capacidade de entender a linguagem	Usamos a música como ferramenta

	sonora e de se expressar por meio dela. Permite organizar elementos sonoros (timbres, ritmos, sons) de forma criativa e independe de aprendizado formal. É a mais associada com a idéia de talento.	de relaxamento e concentração, permitindo acionar outros mecanismos do inconsciente. Em uma das modalidades da fotografia lúdica, usamos a música para a construção de imagens mentais. Usamos a música para promover uma reflexão interior na dinâmica do despertar.
Interpessoal	Capacidade de compreender as pessoas e de interagir bem com os outros, o que significa ter sensibilidade para o sentido de expressões faciais, voz, gestos e posturas de habilidade para responder de forma adequada às situações interpessoais.	Inerente às atividades propostas, é a base da boa relação da turma, desenvolvendo a aproximação entre as pessoas e trabalhos em grupos. Vivenciamos esta inteligência em toda a oficina.
Espacial	Capacidade de reproduzir, pelo desenho, situações reais ou mentais, de organizar elementos visuais de forma harmônica; de situar-se e localizar-se no espaço. Permite formar um modelo mental preciso de uma situação espacial, utilizando-o p/ fins práticos (orientação/disposição). Capacidade de transportar-se mentalmente a um espaço.	Esta Inteligência é fundamental nas atividades da fotografia lúdica. Desenvolvida em diversas atividades como a floresta de sons.
Intrapessoal	Capacidade de conhecer-se e de estar bem consigo mesmo, de administrar os próprios sentimentos a favor de seus projetos. Inclui disciplina, auto estima e auto-aceitação.	Através desta inteligência estaremos despertando a sensibilidade artística e o olhar singular de cada participante da oficina, seus estilo e forma de ler e interpretar o mundo. E provocamos este momento interior na dinâmica do despertar.
Naturalista	Envolve a capacidade de interagir com o mundo levando em conta os próprios sentimentos e a habilidade de compreender as emoções próprias e alheias, utilizando para as nossas decisões pessoais e profissionais.	Através do contato com as imagens de outros fotógrafos, do funcionamento das propriedades da luz, dos fenômenos envolvidos na visão, pretendemos provocar nos participantes o compromisso e a responsabilidade ambiental, social e pessoal com o planeta, com nossos semelhantes etc, buscando qualidade de vida.
Existencial ou Espiritual	É a capacidade de aplicar, nas ações do cotidiano, princípios e valores espirituais, com o objetivo de encontrar paz e tranquilidade. Envolve a capacidade de encontrar um propósito para a própria vida e de lidar com problemas existenciais (perdas, fracassos, rompimentos).	Estaremos facilitando o despertar de uma consciência crítica e valores como ética, solidariedade e respeito ao meio ambiente, como fundamentos para a construção de um mundo melhor, de indivíduos mais conscientes de sua realidade objetiva e subjetiva, dando sentido à sua vida.

Tabela 1 – As Inteligências Múltiplas e a Educação do Olhar (Henrique José, 2005).

Celso Antunes, em seu livro *A Teoria das Inteligências Libertadoras*, nos apresenta uma série de exercícios e atividades capazes de promover o que ele chama de uma diferenciação entre as inteligências e a criatividade (ANTUNES, 2000), que possibilita trabalharmos com estas Inteligências Múltiplas, num sentido de libertar a criatividade e o senso crítico deste indivíduo:

“...esta teoria acredita que toda pessoa sem deficiência visual explícita é capaz de enxergar, mas que existem extraordinários benefícios em se educar esse olhar. Acredita que o olhar de um operário sobre seus companheiros não é o mesmo olhar de uma Tarsila do Amaral ou de um Portinari ao retratar operários, e que a imensa diferença entre essa forma de ver não se deve exclusivamente a uma genialidade especificamente recebida de Deus ou de seus genes, mas a uma educação do olhar, muitas vezes fortuita. Dessa forma, a teoria das Inteligências Libertadoras defende métodos de educação do pensamento e dos atributos sensoriais com a finalidade de dar uma nova dimensão de qualidade ao ser humano e inventar uma forma criativa de ampliar os limites de sua liberdade e, portanto, de sua dignidade.” (ANTUNES, 2000, p. 27).

Paulo Freire foi um educador à frente de seu tempo, influencia diversos métodos de educação e principalmente os de alfabetização e educação popular¹¹. O que privilegiamos em nosso estudo, do método Paulo Freire, são seus pressupostos básicos:

- O papel da educação como libertadora;
- Sua maneira de abordar a relação educador/educando;
- A compreensão da alfabetização como um processo de desenvolvimento das potencialidades cognitivas, culturais e sociais para o domínio de uma linguagem, partindo de “Temas Geradores”.

Desta forma, dotamos o sujeito de ferramentas para interagir com a vida, dentro de uma perspectiva autônoma e solidária.

“Mulheres e Homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 2002, p.77).

¹¹ Iniciada por Paulo freire nos anos 40, em Angicos/RN, desenvolvida em Natal, nos anos 60, com o prefeito Djalma Maranhão, através da campanha “De pé no chão, também se aprende a ler”, e posteriormente pelo Movimento de Educação de Base – MEB.

Para Paulo Freire, não existem educadores e educandos puros, prontos, mas educadores-educandos e educandos-educadores, onde se ensina e se aprende mutuamente, cabendo ao educador, pelo maior domínio de alguns aspectos do conteúdo proposto, servir como um facilitador do processo de ensino-aprendizagem, sendo o responsável em levantar os temas geradores e permitir que a participação coletiva da turma resulte numa construção do conhecimento daquele grupo específico. Esta premissa é fundamental, particularmente, em nosso caso, quando estamos lidando com uma linguagem artística, onde o favorecimento de estilos e técnicas podem apontar um caminho autoritário. O grande desafio consiste em educar para a diversidade, ampliando os horizontes, permitindo um fluxo permanente de circulação e renovação deste conhecimento.

Paulo Freire em suas premissas, resgata de uma forma singular o mesmo proposto por Platão, que ao longo de sua obra, mostra os processos dialéticos de Sócrates, que Freire traduz ao afirmar que educar é fazer perguntas, aprender é construir um saber pessoal e solidário e a educação é essencialmente um processo permanente de produção do conhecimento.

Edgar Morin, em seu livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, apresenta pistas para esta reflexão: *“O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos”* (MORIN 2000, p. 20).

O desafio é alfabetizar os indivíduos para ler e interpretar as imagens ao seu redor, podendo perceber-se nesta teia diversa de signos e significados, como um sujeito de seu tempo, protagonista de sua história, também capaz de dominar esta linguagem e Escrever com a Luz¹².

Neste sentido, incluímos a fotografia dentro de um contexto de ferramenta lúdica e pedagógica, principalmente pela sua capacidade de relacionar e envolver a magia do fenômeno físico da luz, da câmara escura e da cultura, através da construção e obtenção destas imagens pelo fotógrafo e as implicações sociais, estéticas e éticas relacionadas ao ato de fazer um recorte desta realidade por quem fotografa e a leitura destas, por quem as observa. Ou

¹² A palavra FOTOGRAFIA, têm sua origem nas denominações Gregas FOTON, a menor partícula de luz e GRAFIA, escrita; podendo ser traduzida como Escrever com a Luz.

indo mais além, através da desmistificação do ato fotográfico, permitindo que o indivíduo seja capaz de ler e escrever imagens, resignificando sua realidade objetiva e subjetiva com sabedoria.

O Lúdico vêm ganhando atenção no meio acadêmico pela crescente quantidade de contribuições para a sua conceituação e reflexão, mas poucos têm constatado, de sua aplicação e sistematização enquanto ferramenta pedagógica seja em práticas sociais e principalmente na escola, que carecem de ferramentas capazes de, ao mesmo tempo em que atraem a atenção e o interesse dos participantes, despertam as suas inteligências e promovem um novo aprendizado. Estas experimentações são fundamentais para um processo de repensar a educação, inserindo cada vez mais, a formação do indivíduo, como um ser pleno e complexo.

A ludicidade está ligada às dimensões do prazer, da intencionalidade e da criatividade, do sonho, da magia, da sensibilidade, do imaginário, como já demonstramos e também nos sugere Ana Maria Pereira, no texto Sobre Ludicidade: Podemos vislumbrar um indivíduo complexo e holístico que ela (resgatando Edgar Morin), denomina de “*homo-ludens-sapiens-demens*”. Este homo-ludens busca resgatar esta dimensão do prazer, da alegria, da vida, da sensibilidade, da brincadeira, da arte etc, o homo-sapiens, podemos associar a nossa dimensão social, ao “faber” (trabalho) etc, enquanto que o homo-demens, está ligado aos aspectos da magia, do mito, da religião etc. Todos estes aspectos se interconectam e interagem na constituição do indivíduo, afirmando sua natureza humana primordial (PEREIRA 1999 p. 276).

Para esta vivência lúdica ser exercida em sua plenitude, propomos um trabalho de sensibilização através dos sentidos buscando a leitura do mundo em nós. Em um mundo tecnológico, somos dotados de extensões eletrônicas que ampliam nossos sentidos, permitindo que vejamos mais que uma águia, tenha-mos uma memória maior que um elefante, nade-mos melhor que os peixes, voe mais rápido que as gaivotas e possamos ainda experimentar sensações virtuais, “conhecer” o mundo pela Internet ou ainda fazer viagens para o micro e o macro cosmo. Mas nada disso nos serve verdadeiramente, se ainda somos incapazes de um olhar interior profundo, se não somos capazes de sentir, em nosso interior os sentimentos mais nobres de um ser humano. Se não cultivarmos uma riqueza interior, nossas próteses espelham o vazio.

Como o proposto por (GOMES 2004), no Dicionário Crítico do Lazer, a ludicidade é uma dimensão da linguagem humana, que possibilita a “expressão do sujeito criador que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo”. E mais na frente conclui: “Dessa forma, a ludicidade é uma possibilidade e uma capacidade de se brincar com a realidade, ressignificando o mundo” (GOMES 2004, p. 145).

A FOTOGRAFIA LÚDICA

“Estou sempre fotografando tudo mentalmente, como um exercício”.
Minor White, fotógrafo americano 1908-1976. (SONTAG 2004, p.217)

A Fotografia aqui, não é entendida como um mero objeto estético, uma imagem num plano bidimensional ou fenômeno físico/químico/digital, mas como uma expressão subjetiva de um indivíduo que interage com o meio: utilizando-se de seus sentidos, realiza um recorte da realidade.



Figura 3 – Fotografia Lúdica, construída através do desenho. (Ricardo Sales, 2005).

Na Fotografia Lúdica, este exercício é realizado sem o uso de máquinas convencionais, mas fixadas na memória, recortadas na imaginação e materializadas de forma lúdica, através de construções cênicas e expressões artísticas como desenhos e pinturas.

Como podemos observar na Figura 3, esta fotografia lúdica foi feita por um aluno de nossa oficina, com 12 anos de idade, utilizando a máquina/crachá de papelão, fazendo um recorte da realidade e começando a perceber as imagens de primeiro plano e de fundo. Na Figura 4, outra modalidade de

fixação da imagem, através da construção cênica, resgatando a técnica do Teatro Imagem de Boal¹³.



Figura 4 – Fotografia Lúdica, fixada através de construção cênica. (Teotônio Roque, 2004).

As técnicas do Teatro do Oprimido e mais especificamente do Teatro Imagem de Boal, são ferramentas poderosas de exercício de reflexão e ludicidade, implicando em interações perfeitas com variações infinitas entre os participantes da oficina, o ambiente, a criatividade e a construção de cenas (Figura 124) com força e riqueza enquanto imagem:

“Para que se entendam e se possam praticar as técnicas do Teatro Imagem, é necessário ter em mente um dos princípios básicos do Teatro do Oprimido: A Imagem do real é real enquanto imagem. Quando, usando meus atores e objetos disponíveis, faço imagem da minha realidade, essa imagem, em si mesma, é real. Devemos trabalhar com a realidade da imagem, e não com a imagem da realidade - é bom repetir. Uma imagem não requer ser entendida, e sim sentida”. (BOAL 2002, p.233).

A Fotografia Lúdica pode ainda ser utilizada integrada em outras atividades e práticas pedagógicas, sendo usada como ferramenta de investigação e observação da natureza, da vida de uma comunidade, destacando suas riquezas sociais, ambientais e culturais, para a construção de um retrato de família, conhecendo melhor a realidade social e familiar dos participantes para a obtenção de um auto-retrato, ressaltando aspectos subjetivos de como o indivíduo se reconhece etc.

Em nossas experimentações com a música, os participantes escutam uma determinada música de olhos vendados e constroem imagens mentais a partir

¹³ O Teatro do Oprimido consiste de técnicas cênicas e teatrais, jogos para atores e atividades de interação

do que ouvirem, seja em músicas com letras ricas em cenas, sejam em músicas instrumentais, desenvolvendo uma fotografia daquilo que sinto e imagino, uma Fotografia Lúdica.

Podemos resumir nosso propósito construindo mentalmente a imagem de um flash que dispara e desperta algo além do espanto de um instante congelado no tempo, eternizado num papel ou refletido numa tela de cristal líquido. Mas o impacto interior de uma luz que penetra em nossa consciência e invade o nosso ser, abrindo as portas da percepção, para conhecermos o mundo além das sombras, rico em suas manifestações e expressões.

A OFICINA LÚDICA DO OLHAR

“O excesso de luz cega a vista. O excesso de som ensurdece o ouvido. Condimentos em demasia estragam o gosto. O ímpeto das paixões perturba o coração. A cobiça do impossível destrói a ética. Por isto, o sábio em sua alma determina a medida para cada coisa. Todas as coisas visíveis lhe são apenas Setas que apontam para o Invisível.” (LAO TSE, 2004. p 49)

Nossa Oficina Lúdica do Olhar foi desenvolvida para atender um público de uma faixa etária diversificada, com 20 participantes por turma, durante 3 horas de atividade, necessitando de dois facilitadores e todo um trabalho prévio de produção e preparação que envolve a confecção dos objetos, equipamentos e ambientação do local.

Momento da oficina	Tempo de duração	Descrição da Ação
Ambientação e recepção	10 minutos	Criar “um clima”, favorecendo uma experiência lúdica, remetendo a um ambiente escuro, como uma caverna eletrônica.
Dinâmica de apresentação	15 minutos	Os participantes formam um círculo e dão as mãos. Neste momento o animador da oficina fala da proposta e apresenta a equipe; cada participante se apresenta.
Dinâmica floresta de sons	15 minutos	Trabalhar com o sentido da audição dos participantes. São constituídas duplas, com uma venda nos olhos.
Na caverna de Platão	75 minutos	Trabalhar o paladar e a percepção dos mundos visível e inteligível nos participantes. Esta Atividade usa projeções de imagens, experimentos de práticos de óptica, utilização da câmara escura e debates sobre a fotografia e o ato de fotografar, ética, cidadania etc.
Despertando uma nova consciência	15 minutos	Os participantes são convidados a vivenciar um momento de relaxamento e reflexão.
Dinâmica do escultor	15 minutos	Desenvolvendo o tato. A turma é dividida em grupos de 3 pessoas, sendo estabelecido que uma delas será o escultor, outra a escultura e outra a pedra bruta.

do público com o espetáculo, desenvolvidas por Augusto Boal.

Fotografia lúdica	20 minutos	Fotografar sem máquinas convencionais, de forma lúdica.
Dinâmica de encerramento	15 minutos	Voltamos ao círculo inicial, e conversamos sobre a vivência, comentamos alguns aspectos do trabalho e agradecemos aos apoios e parceiros. Propomos que os participantes comentem algo na roda, tirem dúvidas e solicitamos que cada um use uma folha de papel em branco para expressar a vivência.

Tabela 2 – Roteiro Pedagógico da Oficina Lúdica do Olhar (Henrique José, 2005).

Para possibilitar a obtenção dos resultados esperados, dispomos de uma série de recursos e objetos Pedagógicos na oficina, descritos a seguir:

Objetos



Figura 5 – Máquina e Crachá de papelão.



Figura 6 – Câmera Mágica de papelão (Teotônio Roque, 2004).

- Máquina Crachá de Papelão, para demonstrar o ato de promover um recorte da realidade;
- Tiras de Pano nas cores Preto e Vermelho, para forçar a ausência de visão e uma reflexão interior;
- Câmera Mágica de Papelão, para demonstrar o princípio da Câmera Escura;
- Jogo de espelhos, caneta laser, vidros, maisena, copo de vidro, lápis grafite etc para as experimentações ópticas de Refração, Reflexão e Absorção.
- Lápis de cera, lápis de cor, Hidrocor e folhas de papel ofício para os desenhos de avaliação e fixação das fotografias lúdicas.
- Spray próprio para aromatizarem ambientes, em embalagem de 60 ml, no aroma de Flor de Laranjeira: Traz alegria, bem estar físico e emocional. Aumenta o magnetismo pessoal, desinibe e desbloqueia emoções.

Composição: Água destilada, álcool neutro, propileno glicol e fragrância.
Fabricado por Essência e Arte Ltda.



Figura 7 – Experimentos de Física apresentam o mundo visível (Vladimir Alexandre, 2005).

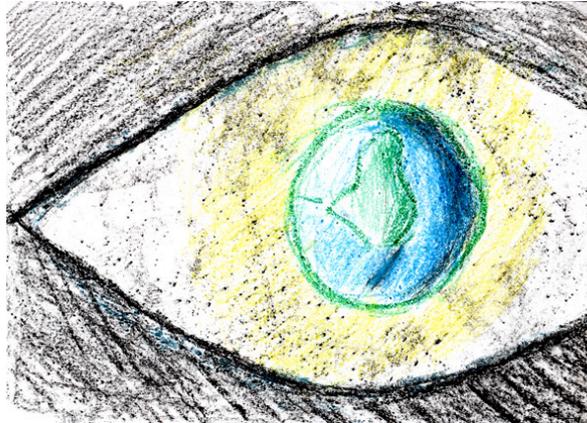


Figura 8 – Fotografia Lúdica, fixada através de desenho. (João Gustavo, 2004).

Músicas

- Paint the sky with stars, The best of ENYA – CD;
- Sons da Natureza - Floresta Amazônica Vários / Cid Entertainment – CD;
- Poema Desiderata na Voz de Cid Moreira - CD;

Imagens

- Ensaio Fotográfico Mangabeiras de Henrique José, 2004;
- Fotografias de Sebastião Salgado, exposição Êxodos, 2000;
- Mandalas do Artista Barry Stevens (www.mandalas.co.uk);
- Quadros demonstrativos do olho humano e das propriedades da Câmara Escura, da Luz e das Cores em Power Point;
- Filme Janela da Alma – CD;

Equipamentos:

- Aparelho de DVD;
- Televisão Grande;

- Projetor Multimídia e Computador;
- Projetor de Slides;
- Retroprojetor;

Estes recursos foram utilizados ao longo da oficina, associados às práticas propostas, para favorecer aos alunos, a percepção dos cinco sentidos. Portanto, mesmo favorecendo o sentido da visão em nossa oficina, não desprezamos os demais sentidos, buscamos vivências capazes de despertar outros sentidos e assim, sensibilizar os alunos de forma mais abrangente.

Sentido	Desenvolvimento na Oficina Lúdica do Olhar
Audição	Através da utilização de músicas ambientes, da dinâmica Floresta de sons e do Poema Desiderata, durante a dinâmica Despertando uma Nova Consciência.
Olfato	Na dinâmica Despertando uma Nova Consciência, usamos um spray aromatizador de ambientes para despertar a percepção deste sentido.
Paladar	Durante a dinâmica Na Caverna de Platão, trabalhamos a distinção do amargo e do doce no paladar, associando bombons de diferentes sabores a cada grupo.
Tato	Este sentido envolve diversos momentos da oficina, mas é trabalhado de forma mais direta na dinâmica do Escultor.
Visão	A proposta da oficina é inerente a este sentido, portando entendemos que todo o seu conteúdo perpassa o desenvolvimento deste sentido.

Tabela 3 – Desenvolvendo os cinco sentidos da percepção (Henrique José, 2005).

A Sistematização da experiência da Oficina Lúdica do Olhar se insere neste contexto e se apresenta como uma contribuição modesta e sincera na comunidade acadêmica para a promoção de uma educação lúdica do olhar, aplica em projetos sociais, escolas, congressos etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Como Desenvolver o Potencial Criador**. Petrópolis, Vozes, 2000.

ANTUNES, Celso. **A Teoria das Inteligências Libertadoras**. Petrópolis, Vozes 2003.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP, Editora Papirus, 1993.

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN Marie France. **Os novos modos de compreender – a geração audiovisual e do computador**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

BARBOSA, Ana Mae (org); **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo, Cortez, 2002.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara; Nota Sobre Fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BENEVIDES Costa, Gilvana. **Uma Abordagem Humanística para o Ensino de Astronomia no Nível Médio**, Dissertação, UFRN, 2005.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não-Atores, Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, São Paulo, Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. Org. **De Angicos a Ausentes: 40 anos de Educação Popular**. Porto Alegre, MOVA-RS, CORAG, 2001.

CANAU, Vera. **Tecendo a Cidadania**, São Paulo, Vozes, 1995.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

CARRON, Wilson e GUIMARÃES, Osvaldo. **As Fases da Física – Vol. Único**, São Paulo, Editora Moderna, 2002.

CHALLOMER, Jack. **Física - Atlas Visual**, São Paulo, Ática, 1997.

CURY, Augusto. **Revolucione sua Qualidade de Vida**, Rio de Janeiro, Sextante, 2002.

DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. Papyrus, Campinas, SP, 1993.

ECO, Humberto. **Sobre os Espelhos e outros Ensaios**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Loyola, 1992.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia a poética do banal**, Brasília, Universidade de Brasília, 2000.

JARDIM, João. e CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**, Rio de Janeiro, Cinema Nacional, 2001.

JUNIOR, Eduardo Neiva. **A Imagem**, São Paulo, Editora Ática, 1986.

JUVENTUDE, Instituto Pastoral. **Recriando Experiências- Técnicas e Dinâmicas Para Grupos**, São Paulo, Paulus, 1997.

- KRISHNA. **Bhagavad-gītā** – São Paulo: Ed. Bhaktivedanta, 1995.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é Fotografia**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MANCE, Euclides André (org.). **Como Organizar Redes Solidárias**, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lúdico, Educação e Educação Física**, São Paulo, Ed.Umiguí, 1999.
- MONTANARI, Valdir e CUNHA, Paulo. **Nas Ondas da Luz**, São Paulo, Moderna, 1995.
- MOREIRA, Wagner Wei (org.). **Qualidade de Vida Complexidade e Educação**, Campinas, SP, Papyrus, 2001.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Óptica, Ondas e Calor: 2º Grau**. São Paulo, Ática, 1980.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo, Cortez Editora e UNESCO, 2003.
- PEREIRA, Ana Maria. **Ludicidade: Indicativo para superação do Dualismo**. Coletânea do XI ENAREL, Foz do Iguaçu, 1999.
- PLATÃO. **A República**, São Paulo, Editora Martin Claret, 2004.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**, São Paulo, Atlas, 1999.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**, Rio de Janeiro, Agir, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. **A cultura das mídias**, Brasiliense 1996.
- _____. **O que é semiótica**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- SARAMAGO, José. **A Caverna**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Ensaio sobre a cegueira**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SODRÉ, Muniz, **A Verdade Seduzida**, Rio de Janeiro, codecri, 1983.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa Ação**, Cortez, São Paulo; 1994.
- TRAVASSOS, Luiz Carlos Panisset. **Inteligências Múltiplas**, in REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA-- ISSN 1519-5228, Volume 1, Número 2, 2001.
- TSÉ, Lao. **Tao Te Ching – O Livro que Revela Deus**, São Paulo, Martin Claret, 2004.
- UNGER, Nanci Mangabeira. **O Encantamento do Humano - Ecologia e Espiritualidade**. Rio de Janeiro, Edições Loyola, 2000.
- VALADARES, Eduardo de Campos. **Física mais que divertida**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.
- ZAJDSZNAJDER, Luciano. **A Travessia do Pós Moderno: Nos tempos do Vale tudo**. Rio de Janeiro, Gryphus, 1992.

HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR: A Contribuição do Profissional de Lazer em Instituições Psiquiátricas

Driele Cendon Trindade

INTRODUÇÃO

O hospital sempre foi e sempre será um lugar onde a maioria das pessoas não gostaria de permanecer e nem de visitar. Nesse contexto, o que fazer para melhorar a estadia de pessoas que necessitam estar neste local, principalmente para os pacientes que precisam ficar internos?

Atualmente percebe-se que as instituições hospitalares são lugares frios, solitários e desprovidos de possibilidades para a vivência do lúdico, do lazer. Dentro dessa “característica” busca-se com este, demonstrar que os pacientes de tais instituições, neste, os internados no Hospital Dr. João Machado, localizado no município do Natal-RN, devem vivenciar o lazer, pois este tem sido considerado como aliado no tratamento de várias doenças, visto que possui caráter de socialização, tanto entre os pacientes quanto entre os indivíduos que os cercam, como família, amigos, médicos, assistentes, e etc.

A prática de atividades com fins lúdicos é constantemente discriminada por outros profissionais e pela própria sociedade, que não percebem as possibilidades de intervenção dos profissionais de lazer em instituições hospitalares, ainda mais como contribuintes na reinserção dos pacientes na sociedade, portanto, tenta-se desmistificar a atuação do profissional de lazer como “palhaço”. O profissional de lazer é um articulador e educador, que deve difundir a prática das atividades lúdicas e culturais, fazendo com que a socialização se torne mais efetiva e a qualidade de vida dos pacientes melhore no interior da instituição, deixando o caráter de solitário e frio de lado, e ainda, possibilitando ocupar o tempo ocioso dos pacientes e fazê-los vivenciar o lazer em sua plenitude, visto que este é um direito constitucionalmente consagrado.

Visando esse direito ao lazer, percebe-se que as instituições hospitalares deixam-no de lado, não dão devida importância aos benefícios que ele pode trazer e

ainda, muitas vezes não o julgam necessário num processo de tratamento das doenças. Nesse caso, pesquisou-se como o Hospital Dr. João Machado, que tem suas práticas voltadas para o atendimento de clientes portadores de transtorno mental, pode usufruir benefícios através dos métodos das vivências de lazer.

Para este a metodologia utilizada foi o estudo de caso, através de observações diretas não-participantes. A escolha dessa metodologia deve-se ao fato de ser relacionar com as vivências e observações de dados colhidos diretamente com o público-alvo e seu pesquisador. A pesquisa tem abordagem interpretativa de processo contínuo, pois propicia a estratégia escolhida, ou ainda, pode ser denominada exploratória, pois busca no campo uma relação mais estreita com a realidade do grupo a ser estudado, e ainda sistemática, pois a coleta de dados realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos (objetivos da pesquisa).

No que tange aos aspectos do profissional de lazer, verifica-se que a contribuição do mesmo se faz necessária uma vez que pacientes portadores de transtorno mental que são internados não podem ser considerados “inúteis” e nem “improdutivos”, como a população costuma julgar, rejeitando-os, mas sim, que precisam de pessoas profissionais e competentes para lhes dar a oportunidade de reflexão interior, e que cada um descubra o que há de melhor em si, e mostrar assim, que eles são capazes de produzir e atuar ainda que não seja de maneira igualitária às pessoas que não sofrem de transtornos psíquicos na sociedade.

Do ponto de vista acadêmico a relevância do estudo é presente e necessária, tanto para avaliar as possibilidades de atuação do profissional de lazer dentro de instituições hospitalares, bem como, o mesmo, como formador de opinião tem o dever de incentivar a inclusão de todos os indivíduos dentro da sociedade sem discriminação, seja ela de raça, social ou econômica, e ainda abrir novos rumos e possibilidades de pesquisas dentro da área do lazer, como também incentivar a produção acadêmica quanto ao campo da saúde, já que é escassa a bibliografia nesta área, considerando que o lazer também é promotor da qualidade de vida.

Para o profissional de Lazer é importante conhecer a realidade do local e o grupo em que irá atuar, para isso, procurou-se explanar alguns campos e destacar algumas considerações a respeito da doença, desse modo, este abordará em seus capítulos

desde o “aparecimento” da doença até os dias atuais, assim como a reforma psiquiátrica tão almejada por alguns segmentos da sociedade, e principalmente, a intervenção e contribuição do profissional de lazer nas instituições psiquiátricas, e como o mesmo se torna um instrumento de humanização através de suas vivências.

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

Humanização e Qualidade de Vida

O conceito básico que se remete quando a palavra humanização surge geralmente é o torna-se humano, pensar no próximo como fonte de poder amenizar tensões e conflitos, acentuar as ações solidárias, uma visão mais comprometida com as relações, substituir o maquinário por trabalho humano, garantir a sua dignidade ética, colocar em primeiro lugar as necessidades do indivíduo, democratizar ações, tornar uma atividade em benefício comum, e etc, muito embora várias idéias sejam pensadas para se chegar a tais conclusões.

Partindo da idéia inicial através da concepção denotativa da palavra “humanizar”, segundo o dicionário brasileiro Larousse Cultural (1993):

“Humanizar v.t. (fr. humaniser) [Conj. 4] 1. Tornar humano, dar estado ou condições humanas. 2. Tornar benévolo, benigno. v.pr. 1. Tornar-se humano. 2. Tornar-se sensível, caridoso.
” (

Pode-se perceber que qualquer função voltada para o bem coletivo, visando interagir a sociedade e suas ações, pode ser considerada um ato de humanização.

O processo de humanização está intimamente ligado à qualidade de vida. Quando se refere ao comportamento dos indivíduos, seu modo de pensar e agir, ao longo dos anos, percebe-se que os mesmos se tornaram mais solidários, pensam mais nas questões sociais, em busca do desenvolvimento coletivo, no próximo, assim se estabelece uma relação que também interfere na sua qualidade de vida.

Com relação à qualidade de vida ao longo dos anos, pode-se perceber que o ideal era prolongar a vida, na qual buscava-se uma interligação entre saúde, higiene e

educação, que tinha a preocupação no sentido de uso ou utilização do que se fazer com a mesma e como aproveitá-la da melhor maneira. De acordo com Moreira (2001) “Pensar na qualidade de vida minimizando a importância do “ter” e levando em consideração o “ser” da felicidade e a saúde das pessoas, saúde esta dependente do ser saudável e do planeta saudável”.

Qualidade de Vida também faz se pensar em muitas idéias, tais como: considerado o modo de o indivíduo encarar a realidade e adaptar-se a ela, de forma a equilibrar sua saúde intelectual e física; saber como melhorar o rendimento ou produtividade em vários ramos, como no trabalho e na sociedade; o indivíduo encontra-se satisfeito com o meio em que não só vive como interage; ser atendidas as necessidades básicas do indivíduo e do meio em que vive relacionado às questões de perspectivas de cada um, e etc. Ainda com as palavras de Moreira (2001):

“Qualidade de vida também está intimamente ligada à questão da problemática ambiental, problemática também com: o limite do crescimento, da produção sustentável, acesso ao conhecimento, desenvolvimento e utilização de tecnologias, cidadania, participação, justiça, ética social e ambiental”.
(MOREIRA, 2001, pg 92)

A qualidade de vida está tanto ligada às questões pessoais, quanto profissionais, sociais e ambientais; ter qualidade de vida requer estar de bem consigo mesmo, independente de poder aquisitivo, de nível intelectual, de etnia, de credo ou religião e aproveitar da melhor maneira possível os recursos disponíveis dos indivíduos, como tempo e espaço, entre outros.

Lazer e Qualidade de Vida

Para se entender o processo de humanização através do lazer, é preciso antes de tudo, saber que o lazer, além de ser algo essencial na vida dos indivíduos, embora muitos não o considerem, e sim o tratam como uma fuga da rotina.

O lazer é algo acessível a todos os indivíduos da sociedade, independente de qualquer distinção que se possa fazer. Pode-se ainda, dizer que o lazer é o direito mais

democrático que existe, por todos terem a oportunidade de vivenciá-lo, basta que o indivíduo tenha consciência do tempo disponível e encontre nesse tempo dentre os interesses culturais do lazer – manuais, artísticos, físicos, sociais e intelectuais – algo que lhe proporcione prazer e satisfação em vivenciar.

Para o lazer torna-se um direito efetivo na prática, precisa-se acima de tudo democratizá-lo, e isso implica em democratizar o espaço da vivência do lazer. Alguns estudos apontam que para se pensar em lazer e espaço, muitos remetem ao pensamento de equipamento construído, mas antes disto é preciso rever os conceitos de lazer, que pressupõe principalmente um “tempo disponível”, e para sua vivência, é necessário também um “espaço disponível” – por exemplo, no caso da leitura, que é um interesse intelectual do lazer; o espaço da leitura não é o espaço da casa, ou da biblioteca, ou da escola, mas sim onde o leitor se encontra no texto, se encontra com o outro, com o autor, ou a personagem, e com o mundo que é tratado ali, é vivenciar o universo da própria vivência. E ainda é preciso somar esforços, procurar vencer as barreiras sociais e culturais que restringem a prática do lazer a uma elite social que se preocupa com a acumulação de bens materiais e visualiza o lazer apenas como produto de consumo.

Deve-se educar “para o lazer”, aproveitando o potencial das atividades vivenciadas no “tempo disponível”, isso acelera o processo de mudança que possibilitará a instalação de uma nova ordem no plano cultural e social. As atividades de lazer podem constituir um dos canais possíveis de transformação cultural e moral da sociedade; o lazer pode modificar a realidade de uma casa, rua, bairro, enfim, tem a capacidade de transformar o cotidiano em um ambiente onde se possa aproveitar e desfrutar dos benefícios que mesmo pode oferecer, contribuindo para a qualidade de vida.

Quando se trata a questão de qualidade de vida relacionada ao lazer, enfoca-se como se o lazer fosse uma “válvula de escape”, um momento onde se recuperam forças para continuar a jornada de trabalho do dia seguinte, um descansar, e etc, dessa maneira ele é sempre marginalizado no processo de construção do “ser”, quando na verdade o mesmo deveria fazer parte da sua construção.

Assim como Marcellino (2001) intitula o lazer, sendo “portador de um duplo aspecto educativo – é um veículo e objeto de educação”, deve-se considerar não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social através de suas vivências. O lazer na maioria das vezes só é justificado, infelizmente em nossa sociedade, se agregado a um outro conceito, o de que o mesmo sirva para amenizar as tensões do dia-a-dia, reposição de forças para o dia seguinte, o que na verdade não deveria ser; isso se deve a “ressonância social do lazer”, ainda não vista como um direito social, e também pertencente à hierarquia de necessidades dos indivíduos.

HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR

A Trajetória dos Transtornos Mentais

A assistência ao ser humano com transtornos mentais tem a sua trajetória histórica marcada por processos de exclusão, isolamento, segregação, e anulação do indivíduo enquanto portador de direitos.

Antigamente não se pensava em doença mental. As pessoas que tinham comportamento diferente do habitual, especialmente quando se tornavam agitadas ou agressivas, eram consideradas loucas. E a sociedade, sem compreendê-las, colocava-as em celas ou masmorras, onde eram abandonadas. Em outro momento acreditou-se que essas pessoas estavam possuídas pelo demônio, eram então usadas práticas de exorcismo para expulsá-lo. Enfim, considerava-se que elas haviam perdido sua condição humana; assim, ficavam excluídas, acorrentadas, expostas ao frio e mal-alimentadas.

A partir das idéias do Iluminismo durante a Revolução Francesa no final do século XVIII que tinha como lema a Igualdade, Liberdade e Fraternidade, e com a declaração dos Direitos Humanos, cresceu o movimento de denúncias contra as internações de portadores de transtorno mental; as mortes, as torturas disfarçadas ou não sob a forma de tratamentos médicos, aos quais os doentes eram submetidos fez com que alguns médicos de vários países, como Pinel, repensassem e iniciassem um

movimento de reforma no tratamento desses indivíduos, assim, os “loucos” passariam a receber cuidados psiquiátricos sistemáticos. Os doentes mentais passaram a ser internados em espaços especialmente concebidos para tais fins; espaços para serem reeducados passando a ter sua vida toda organizada; eram observados e classificados, para que seus desvios fossem corrigidos, uma concepção que para alguns perdura até hoje.

Em 1793, Pinel realizou a primeira reforma, denunciando as condições desumanas dos asilos da época, propondo uma nova lógica para a tutela: o tratamento moral e educativo voltado para a saúde mental, e na sua concepção o isolamento era necessário para a recuperação e socialização do doente. Como enumera Gondim (2001), as principais operações feitas por Pinel que fundamentavam a prática asilar, eram 3: 1^o) Isolamento do mundo exterior, de forma que o alienado pudesse ser dominado e não dominar; 2^o) Constituição da ordem no asilo, com uma estrutura hierárquica a ser obedecida, bem como de uma disciplina em relação ao uso do tempo e do espaço; 3^o) Relação de autoridade e soberania entre o médico-auxiliares e o alienado por intermédio da vigilância.

Ao longo dos anos, percebeu-se que esse tipo de tratamento dificilmente propiciava a melhora do portador de transtorno mental; seus direitos não eram respeitados, além do que, eram isolados da sociedade. Assim, surgiu a idéia da reforma psiquiátrica, na qual o intuito era fazer com que o tratamento demorasse o menor tempo possível e que os doentes deixassem as instituições psiquiátricas e voltassem ao convívio familiar.

O Panorama Brasileiro em Transtornos Mentais

As primeiras instituições psiquiátricas no Brasil surgiram em resposta aos reclamos contra o livre trânsito de loucos pelas ruas das cidades, assim o Brasil começa a copiar o modelo assistencialista da Europa que dava-lhes tratamento adequado, mas nesse modelo existiam três proposições contraditórias entre si, num extremo, uma função prioritariamente social, a exclusão e o isolamento do elemento perturbador, no caso, do portador de transtorno mental, visando a preservação dos

bens e da segurança dos cidadãos, e no outro extremo, uma função clínica, a intenção de curá-los, passando pelo molde assistencialista da medicina psiquiátrica. Entre as duas extremidades, ainda se encontrava a proposta de minimizar-lhes o sofrimento através das instituições de caridade brasileiras.

Segundo Tundis (2000), a função exclusivamente segregadora dos hospitais psiquiátricos brasileiros nos seus primeiros 40 anos de existência, aparece na prática sem disfarces; apenas removiam e excluíaam os doentes do convívio social, não concedendo-lhes nem o mínimo de direitos humanos como alimento, vestimentas, tratamento entre outros.

A situação econômica e social que tinha determinado o nascimento dessas instituições, cuja única função que lhe exigia a sociedade era a “simples” segregação de “loucos”, alterava-se rapidamente e pedia novas providências.

O Avanço da Medicina Psiquiátrica

Desde o início da Idade Média os portadores de transtornos mentais tiveram suas vozes anuladas, abafadas, desvalorizadas e sem dada devida importância. Eles eram descartados da justiça, da responsabilidade de um ato ou de um contrato, e até mesmo a comunhão na Santa Missa, segundo Tundis (2000). Somente no século XIX as pesquisas da medicina avançaram nos estudos sobre as bases do sistema nervoso, dos órgãos, dos tecidos, sobre a Biologia em geral, assim a loucura passa a ser medicalizada. As degenerescências que os pacientes sofriam poderiam ter diversas causas: hereditariedade, influências sociais, intoxicações, doenças congênitas, entre outras. A loucura, portanto, passa a ser vista não mais como distúrbio moral e sim como anormalidade.

Com o médico Philippe Pinel, a loucura passa a ser chamada de doença mental, assim, a psiquiatria nasce do momento em que a loucura passa a ser tratada como doença, como explicita Tundis (2000):

“A psiquiatria é um saber medicamente institucionalizado e constituído a partir do momento em que a loucura vira objeto para o conhecimento humano e adquire, então, o status de doença mental. Doença adjetivada, portanto

específica, que requer um saber médico específico, técnica e métodos também específicos”. (TUNDIS E COSTA, 2000, p. 86)

Para esses tratamentos específicos, os “loucos” passam a ter um espaço isolado para eles, que viria a ser uma reclusão da sociedade externa, eram então, individualizados e disponibilizados para os estudos, conhecimento médico. Esse novo espaço, onde passa a habitar a loucura, é o “manicômio”. Assim, nesse local, se constituiu o que se pode chamar de prática médica, onde o foco do objeto de estudo da psiquiatria era a doença mental.

Ao decorrer do tempo foi constatado que os espaços fechados – manicômios - excluía os doentes do mundo, não lhes permitindo os mínimos direitos, e dificilmente propiciavam a reconstrução da pessoa e o tratamento eficaz da doença. O que se verificou, ao longo do tempo, é que a influência, sobretudo repressora e alienante dessas instituições provocava, muitas vezes, novos sintomas, que levavam os doentes a cronicidade. Portanto, era preciso transformá-la e reformá-la.

Uma (re)Construção do Pensamento: a reforma psiquiátrica

Após a Segunda Guerra, na Europa e nos Estados Unidos surge um movimento de reforma das instituições psiquiátricas, passam a ser exigidas a dinamização da estrutura hospitalar bem como novas modalidades e condições de tratamentos para os portadores de transtorno mental, visando uma maior eficácia na recuperação dos mesmos. Dessa maneira, como explica Tundis (2000), isso implicou numa formulação de uma política para reduzir o isolamento do doente internado no hospital, e a reforma das instituições - tanto no campo setorial, de serviços, quanto no próprio tratamento dos profissionais como médicos, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas, etc - para que seu espaço voltasse a ser um meio terapêutico, sendo criadas as comunidades terapêuticas, onde se incentivam o trabalho em equipe e a formação de novos técnicos unidos dessa nova visão da prática psiquiátrica.

O deslocamento da doença para a saúde mental, como objetivo prioritário dos atos médicos psiquiátricos, passa a nortear sua prática para a luta contra tudo o que na

sociedade possa interferir na qualidade de vida dos cidadãos. Isto leva à necessidade da produção de um conhecimento psiquiátrico, terapêutico, cultural, social, enfim, tudo que leve a reflexão da própria sociedade para operar transformações na mesma, fazendo com que as modificações sejam mais eficazes.

Historicamente poder-se dizer que o movimento de reforma psiquiátrica no Brasil teve origem no fim da década de 70, devido às diversas mortes e as denúncias sobre as injustiças e os maus tratos aos doentes mentais nos hospitais psiquiátricos, como choques elétricos, torturas e outros, gerando inúmeros questionamentos sobre as práticas institucionais, as condições de trabalho e o modelo assistencial psiquiátrico.

A reforma psiquiátrica no Brasil vem exigindo mudanças nas instituições hospitalares, alterando o perfil de atendimento diversificando os serviços e transformando as instituições em menos asilares e segregadoras. Nessas perspectivas o hospital-dia, o próprio ambulatório, e os CAP's (Centro de Atenção Psicossocial), são algumas alternativas já constatadas como eficientes no tratamento do portador de transtorno mental, principalmente por não estabelecer uma hierarquia na relação médico-paciente, tornando-se eficaz, pois os pacientes sentem-se mais íntimos dos médicos e auxiliares, o que contribui no tratamento.

Assim, conclui-se que através do exercício da cidadania, do contato entre homens e mulheres, jovens e idosos, do respeito às normas comunitárias, da participação em atividades, reuniões em grupo operativo e de relacionamento terapêutico propiciado pelos funcionários das instituições hospitalares, estimulam a recuperação da saúde e o paciente tem a oportunidade de participar de discussões que se referem a sua vida e a vida dos demais, e de assumir responsabilidades pelo seu próprio bem-estar e o dos outros.

UMA REALIDADE ATRAVÉS DO PROFISSIONAL DE LAZER

A Contribuição do Profissional de Lazer

Primeiramente deve-se compreender o potencial que o lazer tem de promover transformações, principalmente quando inserido em grupos marcados pela exclusão social, como no caso de instituições hospitalares, principalmente as segregadoras. O

lazer pode modificar a realidade de uma instituição através de vivências lúdicas, fazendo despertar destrezas adormecidas no grupo; para analisar melhor, Oliveira (2001), visualiza algumas das possibilidades de transformações que podem ser decorrentes da inserção do lazer em hospitais:

“No contexto hospitalar, a recreação se faz necessária não só para amenizar a permanência do paciente no hospital, mas também para estimular a socialização, a afetividade, o bem estar físico e mental, enfim, o resgate da parte saudável do paciente e a sua qualidade de vida”. (OLIVEIRA, 2001, p. 1)

E ainda como afirma Soares (2001), “o gesto lúdico, o brincar, a brincadeira são dimensões da construção da linguagem humana e permitem a expressão, representação, significação e (re)significação do movimento”.

As intervenções lúdicas podem representar a realização de ações coletivas, construindo possibilidades para que os pacientes possam vivenciar experiências diversificadas, construir simbolicamente a realidade, criar e recriar o mundo que os cerca. Assim, para Oliveira (2001):

“Quando o enfermo produz algo seja material ou simplesmente a solução para um problema proposto, se sente útil, produtivo, menos doente. Nessa perspectiva, a recreação contribui – e muito para o tratamento, visto que pode despertar no paciente a vontade e a crença na melhora, acelerando assim o tratamento”. (OLIVEIRA, 2001, p. 2)

No entanto, a vivência do lazer conseqüentemente do lúdico, não tem como objetivo principal estancar o quadro de incertezas, medo, e tristeza, existente no hospital e sim, despertar novas possibilidades para a vivência social e cultural, e para o desenvolvimento social do grupo, por meio do lazer.

Fazê-los vivenciar situações e realidades diferentes, distantes da sua realidade dentro do hospital, assim como realizar um programa de jogos e atividades, na qual eles terão a chance de se expressar de uma maneira nova, pouco ou nunca experimentada, também fará com que haja uma mudança significativa nos seus comportamentos, e conseqüentemente a melhora no seu quadro clínico.

Ainda é grande o número de pessoas que ocupam leitos em hospitais psiquiátricos há muitos anos, se tornando verdadeiros residentes das instituições, para eles, é preciso criar atividades culturais, programas de reabilitação com ênfase em atividades de ressocialização, atividades em que os profissionais de lazer se encaixariam perfeitamente, pois o mesmo tem a capacidade de adequar as atividades ao público-alvo, estimulando capacidades que ficaram amortecidas durante muito tempo por estar dentro das instituições hospitalares.

As novas orientações oficiais em saúde mental destacam a importância do trabalho multidisciplinar. A equipe de saúde mental é composta de vários membros: médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem, assistentes sociais, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e professores de educação física, podendo ser enriquecida com pessoas das áreas cultural e educacional, na qual o profissional de lazer ganha destaque.

O papel do profissional de lazer fica bem caracterizado com as palavras de Julio (2001):

“Como em qualquer área, a palavra *profissional* indica certo grau de conhecimento, o ideal seria que a proposta de atividades ligadas aos conhecimentos culturais fosse implantada por profissionais da área de Recreação e Lazer, pois é ele que estuda especificamente os aspectos de uma política de lazer (espaço, tempo, atividade). É uma pessoa habilitada a conhecer e estudar determinado grupo e assim planejar junto com este grupo, favorecendo o desenvolvimento da proposta; tem a capacidade de otimizar o uso de espaços, materiais e brinquedos já existentes; possui meios de articular as relações entre o hospital, médicos, enfermeiros, familiares, pacientes e voluntários, a fim de que todos tenham conhecimento do projeto de lazer a ser desenvolvido, transformando o atendimento ao grupo alvo em um objetivo comum a todos os envolvidos”. (JULIO, 2001, p. 9)

Dessa forma pode-se perceber que o profissional de Lazer é capacitado para realizar intervenções em instituições hospitalares, a fim de otimizar o quadro clínico do paciente para uma melhora progressiva, fazendo com que o mesmo vivencie a ludicidade, e despertando destrezas que lhes serão úteis no dia-a-dia, assim como contribuirá para sua “volta” à sociedade.

Segundo Soares (2001), a grande preocupação do profissional de lazer é de estar sempre atuando como educador e como cidadão esclarecido dos papéis sociais.

Sabe-se que o lazer e o lúdico são amenizadores de tensões e de conflitos, embora ao olhar de muitos indivíduos é um meio de alienar pessoas e mascarar a realidade, porém, deve-se contestar esta realidade, abrir novos horizontes, diversificar práticas culturais e assumir o sentido de recriar uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma busca-se que a sociedade compreenda o potencial do profissional de lazer, tanto nas questões sociais, físicas e culturais que estão traçadas para serem vivenciadas no dia-a-dia de cada indivíduo, pois o lazer é, também, um promotor da qualidade de vida.

Ainda são poucos os cursos de graduação e pós-graduação existentes no Brasil que formem profissionais na área do Lazer para a atual demanda, mas o importante é que esses cursos estão crescendo e viabilizando grandes ganhos para a sociedade, visto que os profissionais da área são capacitados para atuar e intervir em diversos seguimentos sociais, fazendo a diferença.

A formação desses profissionais é calcada com bases nas estruturas sociais vigentes, com enfoques sociais, pedagógicos, culturais, artísticos, de saúde, ambientais, econômicos e etc, o que comprova a vasta área de atuação e de conhecimento dos profissionais formados.

A atuação desses profissionais nas áreas ligadas à qualidade de vida como a saúde – física e mental, educação, meio ambiente, políticas públicas, desenvolvimento sustentável e etc, e o próprio lazer, atualmente tem despertado o interesse de todas as classes sociais, pois lazer é um direito do “ser” independente das distinções existentes entre os mesmos, portanto, suas práticas devem ser difundidas e democratizadas a todos os indivíduos, para isso esses profissionais são conscientes do seu potencial, do seu papel e das transformações e melhoras que eles podem trazer para a sociedade.

Vivências de Lazer na Medicina Psiquiátrica

Não se pode discordar hoje em dia, de que uma das metas prioritárias no campo da assistência psiquiátrica, no Brasil e no Mundo, é a inversão do padrão atual de atendimento, que ainda é basicamente fundado no tratamento hospitalar a base de medicamentos e do isolamento. Não se deve negar o efeito positivo do uso de algumas “drogas” para controlar a ansiedade, agressividade, esquizofrenia, entre outros “surto”

que o portador de transtorno mental possa apresentar, mas também se deve levar em conta que apenas esses tratamentos não respondem eficazmente ao que se pode chamar de tratamento humanitário.

O tratamento humanitário depende da interligação que existe entre a psiquiatria e as outras áreas de intervenção que possam contribuir para melhorar a qualidade de vida em instituições psiquiátricas, essa interligação deve ser feita através de profissionais de várias áreas como assistentes sociais, psicólogos, terapeutas, enfermeiros, além dos médicos, e ainda visualiza-se a necessidade da intervenção de profissionais ligados à área social e cultural - na qual o profissional de lazer ganha destaque-, eles devem proporcionar vivências lúdicas para despertar destrezas e interesses – interesses culturais do lazer - nos pacientes.

Quando se fala nos interesses que os profissionais de lazer devem proporcionar, remete-se à classificação de Dumazedier (1980), que coloca como sendo interesses artísticos, aqueles ligados às festas tradicionais, cinema, teatro, música, ficção e as artes plásticas; interesses intelectuais, ligados à religiosidade, leitura, ao conhecimento vivido; interesses físicos, todas as atividades que demandam esforço físico, movimento; interesses manuais, ligados à capacidade de transformar objetos, como artesanato, “bricolage”, jardinagem, artesanato; interesses sociais, nos quais há os contato face-a-face, os relacionamentos interpessoais, a busca de divertimento e informação através dos pares. É importante que as atividades de lazer procurem atender a todos os indivíduos e seus interesses pessoais, para isso, é necessário através do profissional de lazer, que os indivíduos conheçam as atividades que os satisfaçam e a escolha da atividade só será possível se houver conhecimento das várias alternativas que o lazer oferece.

Os profissionais de lazer devem atuar como mediadores entre o patrimônio cultural das artes, da filosofia e das ciências, e da cultura vivida no cotidiano. Eles constroem as bases que viabilizam o movimento de democratização cultural, e através das suas ações, que acreditam nos valores da Revolução Cultural do Lazer, é que esse movimento passa a se concretizar, introduzindo os estímulos necessários ao processo de mudança, que é o princípio desta Revolução, que é definida, sobretudo como um

esforço de conscientização sócio-cultural, da mudança de valores que vem decorrendo nos últimos anos.

Levando esse aspecto e característica do profissional de lazer para a esfera num contexto hospitalar, o profissional deve saber enfrentar as divergências entre os parâmetros usados para o tratamento moral e social dos portadores de transtorno mental. É preciso mais do que um tratamento medicamentoso; é preciso um tratamento social, um tratamento humanitário. Não excluir os excluídos, fazer com que esses pacientes tenham oportunidades de vivências, não só do lazer, mas de todo o contexto social, promovendo a inclusão dos mesmos na sociedade.

Esses indivíduos devem ser tratados com mais respeito e consideração, visto que fazem parte de um todo. Percebe-se o quanto ainda é grande o preconceito da sociedade com os mesmos; prova disso é que, a maioria dos indivíduos, ditos “normais” discriminam sem nunca terem entrado em uma instituição psiquiátrica e muitas vezes condenam quem já esteve. Os portadores de transtornos mentais precisam ser considerados “seres” iguais aos outros, tendo principalmente os mesmos direitos, como saúde, educação, segurança e lazer.

Analisando o direito ao lazer, é necessário que os indivíduos conheçam as atividades que satisfaçam seus interesses, sejam estimulados a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção caracterizadora do lazer – a livre escolha. Essa escolha também depende de um profissional que os oriente para as várias alternativas que o lazer oferece; o profissional deve difundir as práticas dos interesses e democratizá-las, principalmente quando inserido a atuar em grupos.

O Profissional de Lazer e sua Intervenção

Partindo dessas considerações sobre esse profissional e a mudança de comportamento que ele pode proporcionar através das vivências de lazer, é que este estudo se coloca; para diagnosticar as possibilidades de intervenção deste profissional em instituições psiquiátricas, aqui analisadas através de um estudo de caso com observações não-participantes no Hospital Dr. João Machado.

O que se espera de um profissional de lazer, é que o mesmo seja capaz de proporcionar vivências de lazer dentro das instituições psiquiátricas, otimizando o espaço hospitalar e aproveitando melhor o tempo disponível, e ainda possibilitar a integração da sociedade com os pacientes internados no hospital.

O Hospital Dr. João Machado localizado na Avenida Alexandrino de Alencar no bairro Morro Branco, na zona administrativa leste da cidade do Natal, foi inaugurado em 15 de janeiro de 1957 e é um dos pontos de referência no tratamento em psiquiatria no estado.

O funcionamento do Hospital depende do seu quadro de aproximadamente 450 funcionários, entre os quais observam-se enfermeiros, técnicos de enfermagem, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, nutricionistas, cozinheiros, médicos, administradores, além dos profissionais do departamento de Recursos Humanos, da direção, da segurança e de limpeza.

A Instituição possui atendimento rotativo, ou seja, os pacientes são internados de acordo com a situação e gravidade do transtorno mental apresentado e depois, quando tratados, voltam para a sociedade – tratamento este, medicamentoso, no qual se observa, geralmente, uma redução do transtorno, mas o paciente tem que continuar o mesmo depois que deixa o hospital. Atualmente, a instituição atende cerca de 200 pacientes por dia, incluindo a emergência, o Hospital-dia e o próprio Hospital. Além dos pacientes portadores de transtorno mental, são atendidos alcoólatras e usuários de drogas. Os pacientes internos são divididos nas enfermarias masculinas e femininas; existem sete enfermarias masculinas, com cerca de 14 leitos em cada, e quatro femininas, com também cerca de 14 leitos.

Na instituição, observa-se ainda a presença de pacientes internos há mais de 40 anos, chamados de residentes, isso se deve, principalmente, ao fato de a família discriminar e abandonar o parente com transtorno mental, tem-se ainda os crônicos, que apresentam transtorno mental agudo, os de primeira internação e aqueles que depois de deixar as dependências do hospital, após algum tempo voltam a ser internados. O que se percebe muito é a preocupação de fazer com que os pacientes de primeira internação não voltem a serem internados.

Analisando os espaços do Hospital Dr. João Machado, percebe-se que o mesmo possui algumas áreas que poderiam ser mais bem aproveitadas, como a quadra central e as quadras das enfermarias masculina e feminina que se encontram abandonadas, sem manutenção e sem políticas de atividades.

Na quadra central o que poderia ser feito, é uma utilização mais adequada aos interesses coletivos com apresentações de música, dança, teatro, e tantas outras, que viabilizariam principalmente, a integração da sociedade com os pacientes, vencendo o preconceito contra os hospitais psiquiátricos; é uma forma, também, de proporcionar vivências lúdicas, visto que os pacientes se encontram internos e sem possibilidades de deixar o local para ter essas vivências em outros ambientes; e não só as mesas de jogos de sinuca, dominó e futebol, e a televisão que lá se encontram como forma de lazer. Já o espaço das quadras dentro das enfermarias deve ser otimizado, uma das várias possibilidades de intervenção é a utilização desses espaços pra a realização de torneios esportivos, atividades em grupo, estafetas, e outras com os pacientes, fazendo a integração entre as alas das enfermarias, estimulando o convívio com os pares através do divertimento e do desenvolvimento.

O Hospital ainda possui uma sala de recreação na enfermaria masculina e na feminina, onde são desenvolvidas as oficinas terapêuticas pelos profissionais do Hospital e pelos estagiários da UnP (Universidade Potiguar) de Terapia Ocupacional. É interessante observar que as escolhas das atividades desenvolvidas nas oficinas variam entre os grupos feminino e masculino; os homens preferem fazer pinturas, reciclagem, atividades com jornais, enquanto as mulheres preferem tapetes de retalhos, fuxico, crochê.

É importante que o espaço onde serão realizadas as vivências seja adequado e que faça com que o indivíduo tenha vontade de permanecer nele, dessa maneira os espaços deveriam ser otimizados, poderiam ser pintados pelos próprios pacientes, seria mais uma vivência de lazer e ainda deixaria o ambiente mais alegre, com vida, mais iluminado, com a ajuda dos próprios pacientes que são os principais beneficiados com a mudança.

O hospital também possui um campo de futebol que é utilizado pelos pacientes nas segundas-feiras pela manha; as atividades são desenvolvidas pelos profissionais

de enfermagem que coordenam a vivência e esporadicamente fazem torneiros com outras instituições. As condições do campo são muito boas, a manutenção é constante, é gramado, possui traves e irrigação.

Outro espaço de vivência do lazer é a horta, que é cuidada pelos próprios pacientes que se interessam pela atividade. A horta já possui vários frutos e sementes, como tomate, alface, pimenta e outros que servem para a própria alimentação dos pacientes.

Também é uma atividade do Hospital o passeio para o Parque das Dunas na mesma Avenida, nas segundas-feiras à tarde, mas não são todos os pacientes que são liberados para o passeio, só os que possuem autorização dos médicos. No Parque eles caminham, conversam, contam histórias e cantam.

Nas terças-feiras pela manhã acontece o Louvor. Pessoas que fazem trabalhos voluntários vão ao Hospital desenvolver essa vivência; e nas quintas-feiras pela manhã o forró; a administração da terapia ocupacional coloca o som e os pacientes dançam e se divertem na quadra central. As tardes de terça a sexta a quadra é liberada para a visita dos parentes após as 15h, pois antes desse horário acontece a medicação.

Para dinamizar as dependências e os serviços do Hospital através do profissional de lazer, o mesmo deve calcar sua ação baseada na procura do atendimento aos interesses culturais do público-alvo, como estratégia para se atingir o maior número de indivíduos, considerando as variáveis sócio-econômicas, de sexo e faixa etária, levando em conta também os estereótipos que inibem a participação nas vivências de lazer.

O profissional de lazer deverá pautar sua atuação no sentido de funcionar como elemento de estímulo e de orientação para que o tempo de lazer se transforme, também, em um tempo de criação e fruição da cultura popular, dessa forma “um tempo” que estimule o desenvolvimento pessoal e coletivo. Assim como descreve Marcellino (1995) sobre a atuação e intervenção do profissional: “os profissionais de lazer devem ter como característica básica uma dupla qualificação: a competência pelo menos num setor cultural e a consciência social que os impele a querer difundir esse seu bem cultural”. Sendo assim, se o objetivo perseguido é o de oferecer melhor atendimento ao

pacientes, é desejável e indispensável que a clientela possa reconhecê-los como sendo efetivamente melhores.

O profissional de lazer deve sempre inovar as estratégias usadas para as atividades por ele propostas, nesse caso uma das estratégias é lançar inovações terapêuticas através de vivências lúdicas. Estas inovações procuram manter uma constante novidade e suposto avanço – tecnológico ou não - expressivo sobre os usados anteriormente junto aos médicos e usuários.

CONSDIREAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

No âmbito das relações dentro de instituições hospitalares – lê-se psiquiátricas-, percebe-se que o papel principal do profissional de lazer é estimular a prática de atividade com fins lúdicos, assim, pode-se analisar que as vivências grupais sempre acabam sendo uma medida bem aceita e sendo também uma medida terapêutica, embora essa não seja a intenção do profissional de lazer. Essas vivências são boas indicações porque atendem às necessidades dos pacientes de modo mais adequado e eficaz do que outras modalidades de atenção, como as individuais; precisa-se desmistificar o pensamento de que o portador de transtorno mental não consegue responder eficazmente a uma proposta de vivência.

Do que concerne ao profissional de lazer e suas intervenção em grupos, a psicoterapia grupal é intrinsecamente realizada através de vivências de lazer, ela pode ser percebida desde um espaço para desabafo durante a atividade até um instrumento de socialização de regras morais advindas dos próprios pacientes, e através dessa recepção de informações, os profissionais devem extrair uma concepção – seja ela terapêutica ou não - para “melhorar” a próxima vivência a ser desenvolvida.

O profissional de lazer que atua em instituições hospitalares tem o dever de estimular a socialização entre os pares, implantar políticas de animação nos espaços concebidos para tais fins e fazer com que os que não são efetivamente lugares próprios para as vivências de lazer, se tornem.

No tocante aos espaços do Hospital, há espaços suficientes para atender as necessidades dos pacientes, embora não sejam bem utilizados. Há uma falta de política

de animação cultural constante, embora essas questões e vivências têm-se melhorado com o passar do tempo, comprovando que a dinâmica de atendimento ao portador de transtorno mental deixou de ser exclusivamente medicamentosa, conferindo a mudança de pensamento das pessoas que atuam em instituições psiquiátricas.

Deixa-se aqui a crecha de que em um futuro próximo não mais as instituições hospitalares psiquiátricas excluam e isolem o paciente do convívio sociocultural, que o preconceito com o portador de transtorno mental diminua, para assim podermos viver em harmonia com toda sociedade. E ainda, que o tratamento para esses pacientes, evolua de maneira a minimizar o isolamento e possibilitar aos pacientes que eles tenham todos os seus direitos e deverem sendo efetivamente cumpridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

GONDIM, Denise Saleme Maciel. **Análise da implantação de um serviço de emergência psiquiátrica no município de Campos: inovação ou reprodução do modelo assistencial?** [Mestrado]. Fundação Oswaldo Cruz: Escola Nacional de Saúde Pública, 2001. Disponível em: http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000010&lng=pt&nrm=iso#top. Acesso em: 8 outubro 2004.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. **Larousse Cultural. Dicionário da língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

JULIO, Michelle Souza; PELLEGRIN, Ana De. **Recreação com fins terapêuticos**. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 6ª ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

MELO, Darlan Regis Chagas de. **Relato de uma intervenção pedagógica com o esporte na atenção psiquiátrica.** In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREACAO E LAZER, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2002.

MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Qualidade de Vida: complexidade e educação.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

OLIVEIRA, Gilson Lima De. **Experiência de recreação com crianças portadoras de sofrimento psíquico.** In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREACAO E LAZER, 13., 2001, Natal. Anais... Natal: CEFET-RN, 2001.

PINTO, Julio César Silveira Gomes. **Saúde mental: cuidar, sim, excluir, não.** Macaé, RJ: [s.n.], [19--]. Disponível em: < <http://www.saudemental.med.br/>>. Acesso em: 6 outubro 2004.

SOARES, Amanda Fonseca; ISAYAMA, Helder Ferreira. **A construção de vivências lúdicas com crianças que passam por tratamentos hospitalares: limites e possibilidades.** In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREACAO E LAZER, 13., 2001, Natal. Anais... Natal: CEFET-RN, 2001.

TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson. **Cidadania e Loucura: políticas de saúde mental no Brasil.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WERNECK, Christianne Luce G.; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e Mercado.** Campinas: Papirus, 2001.

WIEDMANN, Jonatas. **Análise da visão hospitalar a respeito da recreação.** In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREACAO E LAZER, 13., 2001, Natal. Anais... Natal: CEFET-RN, 2001.